

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES DE GRUPOS
COMUNITÁRIOS COMO FORMA DE FAVORECIMENTO DO
ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO**

DENISE CASTANHO ANTUNES

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ZULA GARCIA GIGLIO

**CAMPINAS
2006**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES DE GRUPOS
COMUNITÁRIOS COMO FORMA DE FAVORECIMENTO DO
ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO**

DENISE CASTANHO ANTUNES

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ZULA GARCIA GIGLIO

Trabalho apresentado como parte das exigências para
obtenção de título de Mestre em Gerontologia pela
FE/UNICAMP defendida por Denise Castanho Antunes.

Data: / / .

Assinatura:

Comissão Julgadora:

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

An88m	Antunes, Denise Castanho. Memória das transformações de grupos comunitários como forma de favorecimento do envelhecimento bem sucedido / Antunes Denise Castanho. -- Campinas, SP: [s.n.], 2006. Orientador : Zula Garcia Giglio. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. 1. Movimento sociais. 2. Idosos. 3. História oral. 4. Velhice. 5. Bem estar social . 6. Grupos sociais. 7. Comunidades sociais. I. Giglio, Zula Garcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade Educação. III. Título. 06-326-BFE
-------	---

Título em inglês : Memory of the transformations of communitarian groups as form of aiding the well-succeeded aging

Keywords: Social movements ; Aged ; Oral history ; Oldness ; Welfare state ; Social groups ; Social communities

Área de concentração : Gerontologia

Titulação: Mestre em Gerontologia

Banca examinadora: Profa. Dra. Zula Garcia Giglio (Orientadora)
Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri
Profa. Dra. Renata Sieiro Fernandes
Profa. Dra. Alice Moreira Derntl

Data da defesa : 31/08/2006

Programa de pós-graduação: Gerontologia

e-mail : decantunes@hotmail.com

Aos meus queridos avós

AGRADECIMENTOS

Aos protagonistas desta pesquisa, pela contribuição de novos saberes sobre a criação e perpetuação de grupos comunitários e por mostrem uma forma positiva de envelhecer. Meus sinceros agradecimentos pelas descobertas de uma “Vila Bela”.

À Profª. Drª. Zula Garcia Giglio, pela importante orientação e compreensão e pela facilitação do desenvolvimento de minha criatividade na pesquisa.

À Profª. Drª. Alice Moreira Derntl, pelo carinho, pela leveza e compromisso para com a transmissão de seus conhecimentos, em especial no campo da Gerontologia.

À Profª. Drª. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, pela valiosa contribuição para reflexão nessa pesquisa e sobre muitas memórias...

À Profª. Drª. Anita Liberalesso Neri, pela generosidade, sabedoria e compromisso na transmissão de um legado para Gerontologia no Brasil.

À turma de 2004 da pós em Gerontologia, pelo carinho, partilha e aprendizado.

Para as professoras, terapeutas ocupacionais e amigas Denise, Lúcia, Lourdes e Maria Helena, que sempre incentivaram na busca de novos conhecimentos e a responsabilidade social.

Aos profissionais do Centro de Saúde Integração, pelo incentivo, preocupação e carinho.

Às amigas: Thaís, Bianca, Maria Helena, Sônia e amigo Ciriaco, pelo grande encorajamento nessa fase.

Ao meu primo César, pelo carinho e companheirismo.

À minha querida irmã Marina, pela grande colaboração. Muito obrigada!

Ao querido esposo Daniel, com amor, pela paciência e ajuda técnica para término desse trabalho.

Em especial aos meus queridos pais, pelo amor que sempre me deram e pela transmissão de nobres valores e ... para o resto da vida...

APRESENTAÇÃO

A inquietação que levou à elaboração desse projeto veio em decorrência de minha experiência profissional enquanto terapeuta ocupacional em uma Unidade Básica de Saúde de Campinas-SP. Em 2001, fui estagiária do Centro de Saúde Integração (CSI), localizado na Vila Castelo Branco, que presta atendimento também a outros bairros como Jardim Garcia, Vila Padre Manoel da Nóbrega, Jardim Londres, Jardim Paulicéia.

Desde a época de aluna, esta comunidade da abrangência do CSI encanta-me por tamanha organização e determinação dos atores sociais que lá habitam. O grupo de idosas autogestoras, o centro de convivência, a casa de cultura, o programa domiciliar do idoso efetivado pelos integrantes da comunidade, foram ações que amadureceram com o tempo, apesar da alta organização dos praticantes de violência, uma constante presença no bairro, que poderia ser um empecilho se as lideranças na comunidade se deixassem intimidar.

Na minha trajetória profissional, pessoas com idade avançada sempre foram presentes. Entretanto, a aproximação mais efetiva deu-se quando integrei efetivamente a Equipe Mínima de Saúde Mental do Centro de Saúde Integração, região Noroeste de Campinas, vinculado ao programa Saúde da Família Paidéia¹. Essa região apresenta grande concentração de idosos, detectada no senso populacional de 2002, registrado pelo Distrito de Saúde da Região Noroeste². Enquanto terapeuta ocupacional, realizo atendimentos individuais, domiciliares, às pessoas idosas, bem como participo do desenvolvimento do Grupo Giravida – Projeto de Atenção ao Envelhecimento, a partir do convite realizado pelas as agentes das pastorais da saúde da região.

A Terapia Ocupacional é uma profissão da área da saúde que se destina a lidar com a ocupação humana, ou com os fazeres das pessoas que, por alguma intercorrência em suas vidas, encontram-se em dificuldades. Seu principal recurso de trabalho são as atividades significativas para o sujeito, necessárias para diminuição ou cura dos seus problemas

¹ O Paidéia é o Programa de Saúde da Família de Campinas, criado em 2001 para atendimento integrado de saúde.

² O número de indivíduos com 60 anos e mais chegou a 12%, com porcentagem maior de mulheres.

ocupacionais. Em cada atendimento, o terapeuta ocupacional favorece as ressignificações das histórias dos sujeitos, pois a história abarca um fazer implícito.

A observação clínica do aumento expressivo da clientela idosa e de seus agravos e os relatos de antigos moradores sobre organização comunitária e seus enfrentamentos, motivou-me a ingressar, em 2003, no curso de Especialização em Saúde Pública e Envelhecimento, da Faculdade de Saúde Pública da USP, para pesquisar a memória de líderes ou antigas lideranças comunitárias da Vila Castelo Branco, Campinas - SP, objetivando identificar as contribuições dos idosos para a construção da Vila, as perdas dos espaços sociais e o eventual desejo de sua revitalização e os limites/possibilidades individuais, culturais e sociais para o exercício da cidadania desses idosos.

A riqueza dos dados obtidos impulsionou-me a dar continuidade à pesquisa, tema deste estudo, tendo como enfoque os grupos comunitários que perduraram ao longo dos anos na região.

Acredito que a implantação de qualquer projeto específico para idosos, sem tomar como base uma escuta qualificada e que não valorize a história, necessidades e estratégias por eles priorizadas, seria a-histórico e não reconhecadora da realidade na qual estão inseridos. Pré-definir um projeto de atenção aos idosos desta região seria um reducionismo de valores, costumes, crenças e prioridades dessa comunidade.

RESUMO

Antunes DC. MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES DE GRUPOS COMUNITÁRIOS COMO FORMA DE FAVORECIMENTO DO ENVELEHECIMENTO BEM-SUCEDIDO. Campinas/SP/; 2004. [Projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia pela Faculdade de Educação – UNICAMP].

Introdução: Pesquisas gerontológicas têm ressaltado a importância da reconstrução de memórias de pessoas mais velhas para favorecimento de reflexões acerca do sentido de vida e do estabelecimento de novas metas e formas de enfrentamento. **Objetivos:** Reconstruir a memória social de grupos comunitários de bairros populares que se envolveram ativamente nos processos de criação e manutenção de grupos comunitários como Mulheres da Periferia, Grupo Reviver, Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe e Giravida. Procuramos identificar a) os significados atribuídos pelos moradores à participação nos movimentos sociais; b) fatores que influenciaram no envolvimento inicial dos participantes e sua permanência nos grupos; c) a relação entre a sua participação social atual e passada e as características de sua rede de suporte social e d) a relação entre geratividade e a participação em grupos comunitários dos segmentos meia-idade, velhice e velhice avançada. **Procedimentos:** A pesquisa utilizou-se da metodologia da História Oral. Os depoimentos foram coletados através de entrevistas e um Inventário de Geratividade (Neri, 1998), em um grupo de 14 mulheres todas praticantes do catolicismo, e membros e/ou organizadoras grupos comunitários. **Análise de dados:** As histórias e outras informações foram analisadas dentro do paradigma fenomenológico, com vistas a favorecer a compreensão do envelhecimento através das informações sobre as trajetórias de vida dos atores sociais que fizeram — e ainda fazem — a história da região estudada. **Resultados:** Atitudes pessoais como religiosidade e envolvimento com novos projetos apareceram como favoráveis para a formação de valores de solidariedade e geratividade, ambos associados à dedicação ao outro. Esses fatores tem forte relação com melhoria da qualidade de vida e implementação de uma visão mais positiva do envelhecimento. A reconstrução da memória, a partir dos depoimentos orais, favoreceu o desenvolvimento da consciência das depoentes sobre sua função social pelo fato de serem detentoras de informações históricas que, uma vez divulgadas na comunidade, pode exercer importante papel agregador e educacional; além disso, descobriram-se como marcos da trajetória do engajamento feminino na região. **Conclusões:** O envolvimento em grupos comunitários foi favorável para o bem envelhecer das depoentes devido à ampliação na rede de suporte social através de redes solidárias, visão positiva sobre o envelhecimento e desejo de perpetuação dos grupos. A História Oral constituiu uma importante ferramenta, que permitiu reviver informações úteis a compressão das relações sociais; por outro lado, favoreceu aos idosos, que participaram como informantes, uma reconstrução de suas histórias, melhoria na auto-estima e valorização social.

Descritores: suporte social, geratividade, grupos comunitários, reconstrução de memória

ABSTRACT

Antunes DC. MEMORIES OF TRANSFORMATIONS OF COMMUNITY GROUPS AS A WAY TO AID SUCCESSFUL AGING. Campinas/SP/; 2004. [Research project developed in the Graduation Program in Gerontology by Faculdade de Educação – UNICAMP].

Introduction: Researches in Gerontology have highlighted the importance of rebuilding the memories of older people to aid the awareness on the sense of life and the establishment of new goals and ways of coping.

Objectives: To rebuild the social memory of community groups of popular suburbs which involved actively in the processes of creation and maintenance of community groups as Mulheres da Periferia, Grupo Reviver, Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe and Giravida. We tried to identify a) meanings to the participation in social movement assigned by the residents; b) factors which influenced the initial involvement and maintenance of participants in groups; c) the relation between the current and past social participation and the features of the social network support and, d) the relation between the generativity and the participation in community groups of middle-age, aging and advanced aging. **Procedures:** The research used the methodology of Oral History. The testimonies were collected through interviews and an inventory of Generativity (Neri, 1998), in a group of 14 women all catholic practitioners, and members and/or organizers of community groups. **Data Analysis:** The stories and other information were analysed according to phenomenological paradigm, aiming at aiding the understanding of aging through the information about the ways of life of social players who made - and still make – the story of the region studied. **Results:** The themes related to personal attitudes, as religiosity and involvement in new projects, appear as favorable in the formation of solidarity values and generativity which both are associated to the dedication to the other. Those factors seemed to have strong relation with improvement of life quality and implementation of a more positive view of aging. The rebuilding of memory, from the oral testimonies, will have aided the development of the consciousness of the tellers by having a social function for the fact of having historical information, which once difused, the community can have an important aggregating and educational role and besides this, being markers of the way of female engagement in the region. **Conclusions:** The involvement in community groups was favorable for the well aging of the tellers due to the enlargement of the social network support through the solidarity networks, positive view about aging and will of perpetuation of the groups. Oral History is an important tool which allows, on one hand, to revive useful information for the understanding of social relations. On the other hand, it aids the elderly who participated as tellers, a rebuilding of their stories, improvement of self-esteem and social valorization.

Descriptors: social support, generativity, community groups, rebuilding of memory

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1</i>	Mapa das Regiões de Campinas.....	27
<i>Figura 2</i>	Foto de D ^a . Déa no dia 20/08/2004.....	35
<i>Figura 3</i>	Foto de D ^a . Izolina no dia 15/02/2005.....	36
<i>Figura 4</i>	Foto referente à entrevista realizada com D ^a . Aurora, no dia 18/02/05.....	46
<i>Figura 5</i>	Gráfico de relações das entrevistadas: síntese de resultado.....	58
<i>Figura 6</i>	Mapa de entrevista D ^a . Déa.....	64
<i>Figura 7</i>	Mapa de entrevista com D ^a . Izolina.....	68
<i>Figura 8</i>	Mapa de entrevista com D ^a . Aurora.....	71
<i>Figura 9</i>	Mapa de entrevista com D ^a . Inocência.....	74
<i>Figura 10</i>	Mapa de entrevista com D. Lourdes.....	77
<i>Figura 11</i>	Mapa de entrevista D ^a . Paulina.....	80

<i>Figura 12</i>	Mapa de entrevista com D ^a . Clotilde.....	83
<i>Figura 13</i>	Mapa de entrevista com D ^a . Vera.....	86
<i>Figura 14</i>	Mapa de entrevista com D ^a . Inês.....	92
<i>Figura 15</i>	Foto de D ^a . Aurora no dia 18/02/2005.....	99
<i>Figura 16</i>	Distribuição dos valores no Instrumento de Medida de Geratividade.....	110
<i>Figura 17</i>	Foto de D ^a . Lourdes, realizada no dia 29/04/2005.....	113
<i>Figura 18</i>	Foto de S. José prestando auxílio para sua amiga no retorno do grupo Giravida, realizada em dezembro de 2005.....	117
<i>Figura 19</i>	Mapa de entrevista com Sr. José.....	118
<i>Figura 30</i>	Mapa de entrevista com Sr. Benedito.....	121
<i>Figura 21</i>	Gráfico de relações sociais dos entrevistados.....	123

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1</i>	Composição da rede de participantes, conforme critério de tipo de participação, gênero e idade.....	30
<i>Quadro 2</i>	Domínios e conteúdos do instrumento de avaliação de Geratividade.....	32
<i>Quadro 3</i>	Modelo de Mapa de entrevista complementar para análise de dados.....	38
<i>Quadro 4</i>	Siglas e categorias para compreensão do Gráfico de relações sociais das entrevistadas.....	57
<i>Quadro 5</i>	Perfil sócio-ocupacional e rede de relações.....	59
<i>Quadro 6</i>	Agrupamento das participantes conforme o seu tipo de participação nos grupos, gênero e idade.....	62
<i>Quadro 7</i>	Siglas e categorias para compreensão do Gráfico de relações dos entrevistados.....	123
<i>Quadro 8</i>	Quadro comparativo entre as entrevistas dos depoentes.....	125

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Autorização do coordenador do Centro de Saúde Integração.....	145
Anexo 2	Parecer do Comitê de Ética (CEP).....	147
Anexo 3	Parecer do Comitê de ética sobre nova versão do termo de consentimento....	149
Anexo 4	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (nova versão).....	151
Anexo 5	Protocolo de agendamento de entrevista.....	153
Anexo 6	Questionário de entrevista do perfil sócio- ocupacional.....	155
Anexo 7	Inventário de Geratividade (Neri, 2004).....	159
Anexo 8	Prévio roteiro para depoimentos orais das entrevistadas.....	161
Anexo 9	Prévio roteiro para depoimentos orais dos entrevistados.....	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. GERATIVIDADE E RELIGIOSIDADE.....	12
2. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL.....	14
3. JUSTIFICATIVA, PROBLEMAS E OBJETIVOS.....	23
OBJETIVOS.....	25
MÉTODOS.....	27
1. PROCEDIMENTOS.....	30
2. ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES.....	36
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	39
1.HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES DOS GRUPOS COMUNITÁRIOS.....	40
2. PERFIL SÓCIO-OCUPACIONAL.....	53
3. CONTEÚDOS DAS ENTREVISTAS.....	61
CONCLUSÃO.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	133
ANEXOS.....	143

INTRODUÇÃO

A riqueza de uma comunidade está nas inúmeras histórias construídas pelos seus atores sociais. Assim, a origem de um bairro, as lutas por melhorias estruturais desse espaço, a organização de grupos e o compartilhamento de experiências são vivências guardadas na retina dos primeiros moradores dos bairros onde esta pesquisa foi realizada.

Em Campinas (SP), nas primeiras décadas do século passado, os primeiros bairros foram decorrentes do parcelamento das antigas fazendas de café, que tanto influenciaram a economia da região no século XIX. As transições do sistema econômico, com o advento da industrialização, interferiram também na urbanização da cidade. Mesmo com sua sucessão de prefeitos, a Cidade estava subordinada ao Estado. Os primeiros engenheiros que pensaram a adequação dos espaços foram originários de São Paulo, sendo Anhaia Mello um dos precursores (Santos, 2002), que primeiro propôs um plano urbanístico que ordenasse esse crescimento (Badaró, 1996).

O plano de Prestes Maia foi reduzido a um plano de melhoramentos urbanos, voltado para transformação radical do Centro, enfatizando questões estéticas e viárias. Esse Plano apresentou duas fases de implantação. A primeira aconteceu entre 1934 a 1955 e a segunda, de 1956 a 1962, constituindo a principal força de transformação da cidade (Badaró, 1996).

Assim, com o objetivo de ampliação horizontal da Cidade, alargamento das ruas para facilitar o acesso e a estética do “coração da cidade”, em 1939, o então prefeito, Euclides Vieira, apresentou uma “maquete da área central”, onde “(...) nela não cabe o proletariado historicamente emergente da periferia mais distante e muito menos dos cortiços e fundos de quintais do centro da cidade” (Santos, 2002, p.295).

No centro de Campinas e ao seu redor, começaram a surgir às primeiras vilas operárias, decorrentes do êxodo rural/urbano proporcionado pelo crescimento da indústria. A prefeitura dava condição de expansão dos vazios a serem ocupados pela indústria e implementava o sistema viário de zoneamento básico (Badaró, 1996). Essas vilas não diferem dos modelos europeus,

como aponta Gonçalves (2002), na medida em que o proprietário tem maior controle sobre a vida do operário. Nessas vilas, o industrial passa a ser construtor e proprietário das moradias operárias que eram concedidas às famílias, modelo utilizado nos meados da década de 1940, anterior à intervenção do governo para construção de vilas populares.

De acordo com os dados da Prefeitura Municipal de Campinas (<http://www.nossasaopaulo.com.br>), na década de 1930, a cidade assumiu uma figura mais industrial e de serviço. De 1930 a 1940, a cidade passou a vivenciar um novo momento histórico com a migração e o surgimento dos bairros nas proximidades das fábricas e dos estabelecimentos comerciais. Iniciou-se a desapropriação dos espaços do centro de Campinas para o desenvolvimento da cidade.

Com a ampliação das indústrias, houve a implementação destas nas proximidades das ferrovias (Bonfim, Vila Industrial e Ponte Preta). A Vila Industrial constituiu-se como o primeiro bairro operário construído pela Fundação da Casa Própria (Badaró, 1996).

Gonçalves (2002), no estudo que realizou sobre o surgimento dos bairros populares de Campinas, relata que as vilas operárias eram insuficientes para abrigar toda população. A causa era a existência, na época, de um grande número de mão-de-obra excedente, somado aos empregados com pouca qualificação. Restavam, pois, a eles, as sub-moradias, também conhecidas como cortiços. Esses espaços vinham sendo construídos, pela iniciativa privada, desde o fim da escravatura, como forma de investimento para obtenção de lucro rápido e fácil. Porém, para aqueles que lá habitavam, a realidade era outra, pois ficavam sujeitos a condições desfavoráveis de moradia, sem higiene e com infra-estrutura precária.

O problema habitacional estava instalado em Campinas com a proliferação de cortiços no centro da cidade e as primeiras favelas instaladas na sua periferia. A Fundação de Casas Populares, e, em seguida, com mais intensidade, a Companhia de Habitação Popular de Campinas - COHAB, em 1965, através de leis no município, dispunham da mesma lógica – a erradicação dos cortiços e sub-moradias (Baeninger, 1996; Gonçalves, 2002).

Entre 1960 e 1970 expandiu-se o papel do Estado, com vistas ao crescimento econômico e populacional, com políticas de abertura de novas estradas, as quais foram responsáveis pela expansão da malha urbana (Baeninger, 1996).

Deste feito, novos bairros começaram a formar-se no entorno das rodovias Anhanguera (1948), Bandeirantes (1979) e Santos Dumont (1980). Esses novos bairros, sem infra-estrutura urbana, conquistaram condições melhores de urbanização entre as décadas de 50 a 90, o que pode-se chamar de *urbanização tardia*. No período da ditadura militar, o plano de favorecimento

de aquisição de casas próprias pelas camadas populares intensificou-se. Esse processo acompanhou a ampliação da rede de água e esgoto nas áreas ociosas da cidade, bem como a ampliação do território em 15 vezes mais em relação à origem da cidade (<http://www.nossasaopaulo.com.br>).

Segundo Santos (2002), na época da ditadura militar, uma dos locais de ocupação de grande área ociosa em Campinas era o entorno da Via Anhanguera, acentuando-se, assim, a tendência de horizontalização e/ou requalificação da cidade e re-ocupação do centro. Em torno de 1966, uma região dessa área constituiu-se no primeiro Conjunto Habitacional a ser formado, pela ditadura militar, em Campinas, para a população de baixa renda do município, sendo propulsora do início da construção das casas populares (Gonçalves, 2002). A Vila Rica, situada na região Sudoeste, mais precisamente entre o Jardim do Lago e Jardim Novo Campos Elíseos, foi construída com muita rapidez, em gleba desapropriada pela Prefeitura para atender às famílias que moravam em sub-moradias e cortiços, aos funcionários públicos da Prefeitura mais necessitados (Gonçalves, 2002).

Em seguida, outra área no entorno da rodovia Anhanguera, localizada na região Noroeste da cidade, a partir do parcelamento de uma fazenda, continuou o modelo de casas populares pela COHAB-Campinas, que estipulava valores acessíveis para a população que não contava com casa própria. Surge, então, a segunda vila construída nos mesmos moldes, denominada “Vila Bela”.

De acordo com o Jornal Diário do Povo, de 19 de julho de 1989, segundo depoimento de um antigo presidente da Associação de Bairro da Vila Hélio Rosolén, a “Vila Bela” foi fundada em 1967, possuía cerca de 1.147 casas e a maioria dos moradores era constituída de operários, funcionários públicos, domésticas e metalúrgicos.

A história oficial sobre o progresso e a ampliação dos bairros populares não dá, entretanto, visibilidade às vivências dos primeiros moradores desses bairros afastados. Eles foram entregues à população com uma urbanização precária e sem equipamentos de educação e lazer. Iniciativas de se reconstituírem vivências do passado recente são fundamentais para se ter uma compreensão mais ampliada da história. Cabe lembrar, nesta linha de interesse, a existência de algumas iniciativas acadêmicas que produziram alguns estudos sobre essa região (Antunes, 2003 e 2005; Gonçalves, 2002; von Simson, 2005b).

O estudo feito por Antunes (2003) sobre a história desta Vila, utilizando a coleta de memórias de lideranças de antigos moradores e tomando como tema de investigação o surgimento e as organizações passadas e atuais, confirma a história que mencionamos acima, qual seja, a transição dos moradores do centro da cidade e de seus arredores, (onde moravam próximos

ao trabalho) para a periferia, com suas dificuldades estruturais, mas com a vantagem da aquisição de casa própria. Essas dificuldades estavam ligadas à locomoção (falta de ônibus, acesso dificultado pelo barro e falta de iluminação), à inexistência de rede pública de abastecimento de água e às carências de comércio, educação, cultura e lazer.

As dificuldades mencionadas eram amenizadas pela satisfação de aquisição da casa própria e pelas trajetórias individuais e coletivas desses antigos moradores, pois, à medida que lidavam com situações estressantes, produziam maneiras criativas de reivindicar direitos e organizar grupos, bem como de fortalecimento pessoal e social.

A “Vila Bela” continuou ganhando o encanto do nome e o fortalecimento dos movimentos sociais. Porém, no final da década de 1960, ocorreu a alteração do seu nome, em decorrência do falecimento do ex-presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. A mudança do nome foi realizada sem consulta aos moradores que lá habitavam. Alguns moradores que fazem parte da primeira parte construída da Vila chamam-na ainda hoje de “Vila Bela”, demonstrando a sua insatisfação em relação àquela atitude autoritária. (Antunes, 2003; Gonçalves, 2002).

Com a estruturação da Vila Bela, depois Vila Castelo Branco (VCB), criaram-se oportunidades para o surgimento de outros bairros vizinhos, como o Jardim Garcia, o Jardim Londres, a Vila Padre Manuel da Nóbrega e o Jardim Paulicéia, que atualmente pertencem à área de cobertura do Centro de Saúde Integração.

Para esses moradores, não bastava viver em uma coletividade. Para Buber (1982), comunidade representa um aglomerado de pessoas massificadas e misturadas, distante de ser uma ligação que *“fundamenta-se numa atrofia organizada da existência pessoal”* (p. 66), mas na reciprocidade, no estar *“um com o outro, de uma multidão de pessoas que, embora movimentem-se juntas em direção a um objetivo, experienciam em todo um dirigir-se-um-ao-outro, uma face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu...”* (p.66).

Neste lugar de reciprocidade, isto é, sintonia de diferentes partes, a força das organizações comunitárias começou a florescer entre aqueles moradores. De acordo com *o Descritor em Ciências da Saúde*, hospedado no sítio da Faculdade de Saúde Pública da USP, as organizações comunitárias seriam *“processos de organização existentes nas comunidades, bairros ou povoados, sobre a base de elementos de identidade comum, normalmente orientados para intervir na dinâmica do desenvolvimento do lugar”* (DeCS [on-line]).

A ação comunitária seria o conjunto de métodos introduzido à comunidade com intuito de possibilitar uma efetiva integração entre os agentes sociais envolvidos. As ações podem estar voltadas para a transmissão de conhecimento, a obtenção de informações, a mudança do estado

emocional da comunidade e principalmente, para ajudar a comunidade a resolver determinados problemas identificados como prioritários (Daniello, 1985).

A intervenção local, muitas vezes, se dá pelos grupos organizados, que seriam o pulsar de uma comunidade através das interrelações culturais, individuais e coletivas, ou forma de consciência coletiva. O sentido de comunidade relaciona-se com trocas afetivas e solidariedade entre seus membros.

A comunidade foi entendida por Mesquita e Sayeg (2002) ao citarem Bonavides, 1976, como um conjunto de pessoas e famílias que: “(...) *Vivem e convivem vinculadas entre si por princípio de solidariedade, laços afetivos, interesses e valores que lhes conferem identidade e capacidade de resposta à intervenção nelas praticadas como organismo vivo*” (Mesquita; Sayed, 2002, apud Bonavides, 1976).

Um importante aglutinador das organizações comunitárias, inicialmente com os moradores da VCB e, depois, com todas as demais, foi a Igreja Católica. As primeiras manifestações religiosas, segundo memórias colhidas por Antunes (2003), deram-se através de duas irmãs missionárias americanas e de moradores seguidores do catolicismo. A primeira missa foi celebrada ao ar livre e, graças ao empenho dos moradores na organização de festas para arrecadação de fundos, foi construída a primeira Capela. Posteriormente, ocorreu a construção do Santuário de Nossa de Guadalupe, a partir da iniciativa dos eclesiásticos e dos moradores da região.

Esse histórico de organização religiosa e as dificuldades estruturais que enfrentaram foram importantes para o surgimento e o impulso de novas ações e de movimentos, pois os moradores se conheceram ao compartilharem da mesma luta. Outros segmentos surgiram, como o time de futebol Canto da Vila e a Escola de Samba Rosa de Prata. Mas, em especial, as mulheres se agruparam para reivindicar soluções de questões cotidianas que lhes causavam incômodos, tais como a falta de creche para os filhos, a prestação de cuidado aos doentes e a construção de locais para o lazer, entre outros. Essas carências estavam ligadas às dificuldades de infra-estrutura relacionadas à origem do bairro.

Silva (2000) estudou os grupos organizados de mulheres de São Paulo na década de 70; encontrou que as mulheres tinham um papel político e suas reivindicações não só traziam mudanças na mentalidade, como também na configuração da cidade, na medida em que novos lugares eram constituídos a partir de suas reivindicações.

Em 1978 surgiu o “Grupo de Mulheres da Periferia da Vila Castelo Branco”, constituindo-se em espaço legítimo para a organização das mulheres do bairro. As reuniões

aconteciam no Centro Social da VCB, espaço onde elas compartilhavam fazeres, lutas, cursos profissionalizantes, assistência para estratégias de cuidados aos doentes, além de atividades de lazer para a comunidade. Porém, no final de 1980, essas pessoas foram coagidas, pelos praticantes da violência, a abandonarem o local, sendo o espaço ocupado por eles, inviabilizando, desta forma, a continuidade do grupo naquele local (Antunes, 2003).

No entanto, esse desconforto pela impossibilidade de organização e a mudança do perfil das integrantes do grupo, que estavam envelhecendo, impulsionaram algumas integrantes do extinto grupo “Mulheres da Periferia”, para formação de um novo grupo de terceira idade denominado “Grupo Reviver”, constituído no início dos anos 90.

“A participação nas organizações populares na sociedade civil é um bom indicador do envolvimento pessoal na continuidade de uma “luta”, na medida em que ela requer uma atividade perseverante e não se esgota na obtenção de resultados concretos” (P.A.R. de Oliveira, 2001, p. 11).

Assim, surge o Grupo Reviver, que iniciou suas primeiras reuniões no salão da antiga Capela Sagrada Família, nas quais as pessoas foram despertadas, por uma estagiária quartanista de fisioterapia, para tratarem temas referentes à qualidade de vida. O grupo configura-se como uma ação de resistência à ocupação violenta de determinados espaços do bairro, reunindo-se, hoje, em outro local, na Praça dos Trabalhadores e Casa de Cultura Tainá, onde realizam atividades sistemáticas.

O “Grupo Reviver” completou 15 anos de existência, e, ao longo desses anos, os integrantes foram apropriando-se de conhecimentos sobre suas questões de saúde bem como de seus processos de envelhecimento. A gestão grupal, o número de integrantes e a ação de continuidade demonstram, para essa comunidade, a consolidação de um grupo de Terceira Idade. Atualmente, contam aproximadamente com 40 pessoas cadastradas, incluindo alguns representantes masculinos. Desenvolvem atividades artesanais e corporais semanalmente e viagens mensais promovidas pela Associação de Idosos.

Vale destacar que a Casa de Cultura Tainá iniciou seus primeiros passos em 1989, no Centro Social da Vila Castelo Branco, com Toninha – integrante do “Grupo de Mulheres da Periferia”, em parceria com Antonio Carlos – T.C., morador da VCB, constituindo o principal nome de referência da Casa de Cultura. *“A Tainã foi fundada aqui também, a Casa de Cultura saiu daqui, (Centro Social)...”* (Antunes, 2003, depoente 5, p. 39). Através da grande luta. Tomaram posse do espaço do vestiário da antiga piscina da Praça de esporte dos Trabalhadores, na Vila Padre Manoel da Nóbrega. Essa entidade cultural e social sem fins lucrativos, ganhou o

nome Tainã, que significa caminho das estrelas, através de um concurso interno. Podemos ressaltar que a casa de Cultura Tainã representa uma experiência bem-sucedida de ação comunitária, que vem ganhando força e espaço no âmbito comunitário, municipal, nacional e internacional (Antunes, 2003).

No salão de Nossa Senhora de Guadalupe surge outro movimento para melhorias do espaço religioso – O “Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe”, que inicia sua atuação simultaneamente com a construção do Santuário da Nossa Senhora da Guadalupe, em 1992, a partir da experiência de atividades artesanais desenvolvida por uma integrante do grupo, na Igreja do Jardim Aurélia. O grupo reúne-se sistematicamente para compartilhar o aprendizado de técnicas artesanais, bem como confecção dos aparatos religiosos para as celebrações no Santuário. A arrecadação é revertida para manutenção das obras da Igreja através da venda dos produtos das atividades manuais grupais.

No entanto, outros grupos que, anteriormente, tinham um caráter de sociabilidade e importância na comunidade não perduraram, como “Canto da Vila” – time de futebol, assim como as atividades sistemáticas no Centro Social, como o grupo de jovens, entre outros (Antunes, 2003),

Em um artigo da revista eletrônica *Consciência* (2004b), a professora Olga von Simson, do Centro de Memória da Unicamp, sintetiza sua experiência de reconstrução de memória nos bairros de Campinas, dentre eles a Vila Castelo Branco, em 2003, apontando que, nas décadas de 70 e 80 do século passado, o envolvimento da população local com os problemas cotidianos era mais intenso, bem como a participação governamental. O laço de amizade que se formava através da organização de festas comemorativas, almoços comunitários, etc., era compartilhado por várias gerações, destacando-se a Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base¹, pelo seu papel aglutinador e conscientizador dessa população. No entanto, destaca que, com a

¹ As Comunidades Eclesiais de Base surgem a partir da renovação do Concílio Vaticano II e da Conferência Episcopal de Medellín (1968), estabelecendo, por assim dizer, uma ruptura na tradição católica dos latino-americanos, constituindo uma nova forma de ser Igreja, isto é, “*uma forma popular de ser Igreja*” (P.A.R. de Oliveira, p., 2001, p. 7), pois passaram a assumir a defesa dos Direitos Humanos, na atuação social e política. Está apoiada na teoria da *Teologia da Libertação*, que preconiza dentre outras coisas, a ligação entre a fé cristã e a vida. Na região estudada, foram criadas quatro Comunidades Eclesiais de Base, e suas respectivas Pastorais, que fazem parte do âmbito da Paróquia da Nossa Senhora de Guadalupe e são elas: a) Maria Mãe do Povo – no Bairro Nóbrega; b) Deus da Vida, que localiza-se em um condomínio – Parque dos Eucaliptos, também no bairro Padre Manoel da Nóbrega; c) Nossa Senhora Auxiliadora no Jardim Garcia; d) Nossa Senhora da Guadalupe na Vila Castelo Branco.

conquista de uma infra-estrutura diferenciada no bairro em relação a outros agrupamentos urbanos da cidade, somada à infiltração do tráfico de drogas na região, essa conjuntura pode ter influenciado no poder decisório dos grupos de pessoas dessa comunidade, bem como na organização comunitária, observando-se que as mais jovens não são capazes de manter o padrão de organização de atividades comunitárias, cuja vida esta permeada pelo lazer da sociedade de consumo ou pela falta, hoje, de atividades sociais comunitárias no tempo do não-trabalho.

De acordo com alguns relatos das depoentes, que tiveram participação voluntária em trabalhos com crianças, adolescentes e seus familiares, em período anterior a constituição da única ONG formada na comunidade – Progen – Projeto Gente Nova, a contratação de profissionais e técnicos para o desenvolvimento do trabalho na instituição, não foi um fator desmotivador para continuidade de ações e voluntariado no bairro. Nesse sentido, as mulheres reafirmaram que suas ações estão voltadas para outras instâncias que estavam mais necessitadas no momento e não ficaram comprometidas pela diminuição de suas ações na ONG. Reconheceram, entretanto, que o trabalho que prestaram à instituição foi de fundamental importância para a construção e aprimoramento do projeto, incluindo a contratação dos referidos profissionais.

Neste sentido, alguns grupos citados anteriormente como o “Grupo Reviver”, que é resultado da transição do “Grupo de Mulheres da Periferia”, o “Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe” e, atualmente, o “Grupo de Vivências Giravida”, são organizações que mantêm uma resistência e atendem às necessidades de uma parcela crescente da população local – os idosos. Observa-se, então, uma transição dos grupos comunitários que, no início, preocupavam-se mais com questões ligadas ao processo de ocupação e urbanização dos bairros, mas, com o passar dos anos, e com as mudanças das necessidades individuais e grupais intensificaram-se ações para a problematização da qualidade de vida e para a apropriação de seus processos de envelhecimento.

O aumento da população idosa na região vem provocando inquietações entre os profissionais da saúde e da assistência social na região do Centro de Saúde Integração, impulsionando-os a repensar as ações em saúde pública. Dados colhidos no Distrito Noroeste de Saúde apontam esse aumento acentuado de idosos nesta região. Por exemplo, a VCB, por ser a primeira Vila formada nesse território, apresenta uma grande concentração de população idosa, com mais de 12% de pessoas acima de 60 anos, com porcentagem maior de mulheres. Mesmo com o crescimento da violência, principalmente relacionado com o tráfico de drogas, a região apresenta como principal causa de mortalidade doenças crônicas - degenerativas, ao invés de

causas externas, como esperado, devido ao alto índice de violência.² Entretanto, esse aumento numérico não foi acompanhado necessariamente por progresso na qualidade de vida. Fatores como dificuldades econômicas e episódios de violência repercutiram sobre a saúde e a participação social dos idosos.

O envelhecimento populacional brasileiro apresenta mudanças nas relações de gênero, constituindo as diferentes maneiras de vivenciar o processo de envelhecimento, do que não difere a comunidade estudada. O processo de feminização da velhice, discutida nas considerações sociológicas como processo revelador do contexto sócio-histórico, não se refere, apenas, à quantidade numérica da longevidade feminina sobre a masculina, mas relaciona-se, também, à diferença, quanto ao exercício de papéis e ao funcionamento do Self (Bassit, 2004; Debert, 1999; Neri, 2001).

As respostas de engajamento ativo de idosas, somadas ao apoio de profissionais de saúde e da promoção social da região do CSI em projetos comunitários, demonstra uma forma de resistência social e de busca por melhorias nas condições de saúde, frente às questões do envelhecimento e da violência.

De uma forma transformadora, os moradores dessa região exerceram, desde o surgimento das vilas até os dias atuais, através dos grupos comunitários, uma “resistência inteligente” (Gusmão & von Simson, 1989; Von Simson, 1990) a uma forma imposta de ocupação pelos grupos dominantes e pela infiltração do tráfico. Essa resistência também foi exercida, como apontam as autoras, através do cotidiano, no âmbito da cultura, em diferentes caminhos como religião, lazer e relações sociais. “(...) *A comunidade existe onde a comunidade acontece*” (Buber, 1982, p. 66), ou como mencionou Boff (1986), comunidade seria basicamente participação e aprendizados, através de lições de vida.

As participações comunitárias, a gestão de grupos de terceira idade e a continuidade de ações pertinentes ao processo de envelhecimento são maneiras de envolvimento com a vida, necessárias para um bem envelhecer e a cultura pode favorecer esse processo. Segundo Borges (2003), o reconhecimento das pessoas idosas como cidadãs é fundamental para as buscas e as lutas pela melhoria de qualidade de vida individual e comunitária.

A importância do desenvolvimento pessoal e o engajamento comunitário de idosos são vistos como formas efetivas de vivência de cidadania. Esta é construída no tecido das histórias do

² Dados colhidos no Distrito de Saúde da Região Noroeste de Campinas – DSRNC, e pelo Censo de 2000 – Resultado do universo. Dados selecionados segundo áreas de abrangência dos CSs do DSRNC. E pelo site <http://tabnet.saude.campinas.sp.gov.br>.

grupo, no cotidiano das organizações comunitárias, e são amarradas pelas forças das lideranças. “O líder de mudança coopera com os membros de uma comunidade para facilitar a criação e a modificação da realidade” (Dantas *et.al.*, 1985, p.12).

A relevância das organizações autogestoras de grupos voltadas para a clientela idosa, assim como a readequação das mesmas para o favorecimento das mudanças das necessidades atuais, inerentes ao processo de envelhecimento, observadas por membros da comunidade, torna-se legítima tanto para o desempenho do papel de cidadãos quanto para o envelhecer bem, porque oferecem possibilidades de integração e de continuidade àqueles que, por algum motivo, encontram-se impossibilitados de realizarem trocas sociais.

Rowe e Khan (1998) elaboraram um modelo do envelhecimento bem-sucedido, sugerindo que envelhecer bem depende de escolhas individuais e comportamentais adotadas através de três habilidades características: a) evitar doença, incapacidade e fatores de risco; b) manter maior nível de capacidade física e mental; e c) manter ou recobrar engajamento com a vida, que envolve atividades sociais e produtivas.

A perspectiva do envelhecimento bem-sucedido, entendida por Baltes (1991), propõe um modelo de adaptação bem sucedida e o nomeia como “*otimização seletiva com compensação*”. Em um artigo, Baltes e Freund (1998) a definem como uma maximização de realizações de resultados positivos (desejados) e minimização e anulação de resultados negativos (não desejados). Neri (1995) aponta a velhice como uma condição social e individual, vinculada aos ideais e valores da sociedade no ambiente em que o indivíduo envelhece. As histórias pessoais e de seu grupo, a forma de engajamento social são fatores fundamentais nesse processo. Assim, o desenvolvimento pessoal não se completa ao atingir o grau máximo de maturidade, como era entendido pelos estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento até meados do século passado, mas incorpora-se em uma constante busca de aquisição de novas metas.

Entendeu-se que o envelhecimento é um processo multifacetado e multidirecional, como proposto pelo paradigma *life span* ou desenvolvimento ao longo da vida, e que engloba possibilidades, limites e estabilidades. O envelhecer não está associado basicamente a doenças e afastamento social, mas apresenta potencialidade para mudança e desenvolvimento (Freire, 2002).

Atualizando estas potencialidades do envelhecimento, as integrantes do “Grupo Reviver”, fortaleceram-se no decorrer dos anos. No entanto, observa-se que algumas integrantes do “Grupo Reviver”, com idade superior a 75 anos, sofrem um processo mais acelerado de envelhecimento, apresentando disfuncionalidade, doenças e limitações, tanto físicas quanto cognitivas, que se

refletem em dificuldades para acompanhar o ritmo das atividades desenvolvidas no grupo. O que também acontece com algumas integrantes do “Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe”.

O aumento de idosos fragilizados por doenças na região do CSI, notado nas visitas, fez com que representantes da Pastoral das Comunidades Católicas da Região articularassem a criação de um Centro Dia para Idosos, que, segundo Brito e Ramos (1996), definiu-se como um espaço destinado à estimulação e à socialização de velhos com alguma dependência. Como o próprio nome mostra, permite-se a permanência diária, mas é previsto o retorno ao lar no final do dia.

A discussão sobre o Centro Dia fortaleceu-se a partir da Campanha da Fraternidade promovida pela Igreja Católica em 2003, cujo tema foi o idoso. A partir da organização comunitária, representantes da Pastoral da Saúde passaram a realizar reuniões quinzenais para planejar o surgimento da Casa Dia e, também, organizaram visitas às casas dos idosos. Esse movimento foi ganhando força para idealização de uma Associação destinada ao cuidado do processo de envelhecimento, denominada “Giravida”. Em seguida, foram sendo criadas parcerias com equipamentos sociais e de saúde da comunidade, como por exemplo, a Sede da Associação do Jardim Garcia e o Centro de Saúde Integração.

No decorrer do processo de criação da Associação, para garantir o seu bom funcionamento, o grupo encontrou algumas dificuldades para implantar o Centro Dia, principalmente de ordem financeira, estrutural e de pessoal. O grupo não se acomodou perante as dificuldades, porém iniciou, mesmo assim, um Grupo de Vivência com os idosos que tinham sido previamente cadastrados a partir das visitas feitas pelos representantes da Pastoral da Saúde. Foram identificados os portadores de algum grau de dependência física, sensorial e cognitiva, muitas vezes agravadas por escassez de contato social, mesmo tendo sido, eles mesmos, em épocas passadas, os promotores de melhorias para a comunidade.

Os encontros do “Grupo de Vivência Giravida”, projeto de atenção ao envelhecimento, ocorrem semanalmente, o que favorece a troca de experiências entre mulheres de meia-idade, organizadoras do projeto, e idosos, em sua maioria acima de 75 anos, os quais se beneficiam do grupo como um espaço de enfrentamento do isolamento social. O grupo de organizadores foi dividido de acordo com as habilidades pessoais para melhor funcionamento do projeto. Foram planejadas e aconteceram as seguintes tarefas: acolhimento, que inclui auxílio no transporte e recepção na chegada do idoso; o segmento da alimentação, destinado à preparação do lanche, que conta com avaliação nutricional por estagiárias da Faculdade de Nutrição da PUC-Campinas; e o segmento das vivências, coordenado por uma representante da Pastoral da Saúde, formada em Assistência Social, uma Terapeuta Ocupacional do CSI e estagiárias das Faculdades de

Psicologia e de Terapia Ocupacional da PUC-Campinas, que planejam e organizam as dinâmicas, a partir das necessidades dos idosos em questão.

No “Grupo Giravida” – grupo de vivência, observam-se representantes do Grupo “Reviver” na idealização e planejamento do grupo, como também idosas que não participam mais do mesmo, mas necessitam de continuidade das relações sociais, uma vez que são portadoras de algum grau de dependência. Também pode-se observar o mesmo em ex - integrantes do Grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe.

A temática da criação e manutenção de grupos comunitários remete-nos a flexões acerca do suporte social, ads relações de trocas afetivas e de estruturas pessoais e coletivas que asseguram essa prática, relacionam-se à identidade social desses sujeitos, como veremos a seguir.

1. A GERATIVIDADE E RELIGIOSIDADE

A comunidade em questão sustentou a cultura do cuidar, ou o compromisso com o outro, pelo menos por duas gerações. A aprendizagem desse cuidar estabeleceu-se entre os moradores na medida em que puderam assegurar as trocas e o suporte social observado nas relações de cuidado aos idosos que incentivaram as iniciativas grupais no passado, mas que, atualmente, não acompanham mais os seus passos. Esta questão se aproxima do conceito de *geratividade* estabelecido por Erikson (1963), *apud*. Neri (2001). Segundo Neri, é um tema de desenvolvimento da vida adulta e velhice:

*(...) diz respeito à motivação e ao envolvimento com continuidade e o bem-estar de indivíduos particulares, de grupos humanos, da sociedade de modo geral e de toda a Humanidade. Sua origem é uma necessidade interna de garantir a própria imortalidade, de ser necessário de **passar o bastão para geração seguinte**, tanto no sentido biológico quanto cultural (Neri, 2001, p. 52).*

Para Erikson (1998), a geratividade “*inclui procriatividade, produtividade e criatividade, portanto, a geração de novos seres, novos produtos e ideais, incluindo uma espécie de autogeração relativa ao desenvolvimento adicional da identidade*” (p. 59)

A geratividade é uma construção psicossocial e apresenta-se de forma multifacetada, na medida em que se manifesta como característica dos individuais e sociais, expressas em diferentes atividades nos exercícios de papéis adultos, na família, no trabalho, na comunidade,

nas instituições sociais, na sociedade, traduzidas na transmissão e continuidade cultural (Queroz, 2003).

A expressão da geratividade está fortemente vinculada às histórias de vida dos adultos, no sentido de que as histórias enfatizam o que sujeito tem feito e produzido nas diferentes esferas – pessoais, sociais, profissionais, comunitárias, ajudando a conferir um senso de um final bom e justificado, garantindo uma comunhão com as próximas gerações ao passar as qualidades dessas histórias, o que pode levar à continuidade e ao impulso para o agir. (Aubin & MacAdams, 1998). Dessa maneira, acreditamos que a geratividade envolve a criação, produção e manutenção de fazeres.

Aubin e MacAdams (1998) consideram que a geratividade tem um grande papel no envelhecimento bem sucedido, na medida em que as experiências gerativas auxiliam no aumento do senso de eficácia, no desenvolvimento da integridade e possibilitam uma visão integrativa de uma comunidade.

A “herança do cuidar”, mencionada anteriormente, pode também, hipoteticamente, estar vinculada à questão da religiosidade dos grupos em questão, impulsionando, por exemplo, as ações dos representantes das pastorais de saúde. Essa herança refere-se, também, ao enfrentamento de estressores como o avanço da idade, as mudanças de papéis sociais, as perdas de pessoas queridas, o declínio da saúde física, entre outros. Ao citar Stone *et al.* (1988), Fortes e Neri (2004) apontam sete dimensões básicas de enfrentamento, entre elas a religiosidade.

Dentre as publicações brasileiras em Gerontologia, poucas estão relacionadas à religiosidade e ao processo de envelhecimento. De acordo com Goldstein e Sommerhalder (2002), essa situação é bastante contraditória, uma vez que o envelhecer traz questões existenciais que a religião vem tentando explicar, além das pesquisas mostrarem que os idosos valorizam uma crença e utilizam a fé como forma de superação dos eventos de vida estressantes.

(...) “A experiência religiosa é a experiência de uma relação com o absolutamente transcendente, vivida na trama cotidiana das pessoas, e que tem dois pólos: experiência de uma presença divina e experiência de uma resposta humana (Amatuzzi, 1998, p. 25).

As pesquisas internacionais apontam, como efeitos da experiência religiosa dos idosos, a relação entre religiosidade e boa saúde, a diminuição de sintomas depressivos, o enfrentamento e o sentido para vida. As dimensões religiosas e espirituais podem ser um apoio nas mudanças de atitudes sociais dos indivíduos. Também o envolvimento religioso organizacional pode ser

interpretado como estratégia apropriada para a manutenção de trocas emocionais (Mc Fadden, 1995).

A religiosidade e a geratividade, entendidas como funcionamento psicossocial, foram relacionadas positivamente em uma pesquisa longitudinal realizada por Dillon e Wink, (2003). Observaram, também, diferenças de gênero, no qual as mulheres de meia-idade em diante foram positivamente relacionadas com bem-estar para relações positivas com os outros, envolvendo-se mais em tarefas de vida social, incluindo as familiares intergeracionais. Para BeitHallahmi e Argyle, (1997) e Putnan (2000), citados por Dillon e Wink (2003), as mulheres tendem a ser mais religiosas do que os homens e também demonstram maior participação comunitária e social.

Ellison e George (1994) acharam em pesquisas que o envolvimento organizacional religioso produz aumento na qualidade e quantidade dos laços sociais e que o envolvimento organizacional religioso pode ser interpretado como estratégia apropriada para manutenção e relação com os outros.

Vários estudos apontam que o suporte social, isto é, as redes de relações significativas, nas quais desempenhamos trocas emocionais com os integrantes, favorecem a saúde física e o bem-estar de idosos. As pesquisas indicam, ainda, que há uma relação forte entre suporte social e religiosidade, e que existem diferenças de gênero, nas quais as mulheres tendem a ter maior rede de suporte social por causa do grau de intimidade de seus relacionamentos (Antonucci, 2001).

Pesquisas internacionais também demonstram a relação do suporte social com o envelhecimento bem-sucedido, pois ele apresenta influências nos fatores psicológicos e na saúde física e mental. As relações sociais ajudam os indivíduos a se prepararem para os enfrentamentos decorrentes das exigências da vida (Antonucci, 2001).

Para Rowe e Khan (1998), fazer parte de uma rede social é um dos mais favoráveis preditores de longevidade.

As singularidades da reconstrução da memória das transições empreendidas pelos participantes desses grupos, bem como os componentes pessoais de suas integrantes, tecerão a memória coletiva da região do Centro de Saúde Integração. Segue-se, então, reflexões acerca da memória.

2. MÉMÓRIAS E IDENTIDADE SOCIAL

Desde a Antiguidade há registro de interesse pela memória. Segundo Freitas (2002), Aristóteles já analisava a memória e, para exemplificar suas argumentações, o filósofo fazia uma

distinção entre memória e reminiscência. Para ele *mnemê* – memória - era entendida como faculdade de conservar o passado e *manesi* – reminiscência, compreendida como evocação voluntária desse passado. Assim, vemos que o estudo da memória apresenta diferentes vertentes e relevâncias, nas múltiplas interpretações que lhe foram atribuídas.

Para o estudo da memória existem duas linhas de investigação. A primeira está relacionada com a descoberta dos mecanismos básicos de seu funcionamento e a segunda fundamenta suas manifestações nas experiências cotidianas das pessoas, como a linguagem e as práticas sociais que asseguram a continuidade social (Novaes, 2003).

De um modo geral, para a linha de pesquisa que estuda o mecanismo e funcionamento básico, a memória necessita de duas funções neuropsíquicas: a) a capacidade de fixação, que se responsabiliza pelo acréscimo de novas impressões à consciência, adquirindo novos materiais mnemônicos; e b) a capacidade de evocação, na qual os traços mnemônicos são revividos e colocados à disposição (Ballone, 1999).

A memória também foi estudada a partir da teoria baseada nas *assembléias neuronais*, isto é, a hipótese na construção da consciência. Segundo essa teoria, o pensamento consciente é gerado quando diversos neurônios se unem funcional e harmonicamente em conjunto, construindo assim uma assembléia neuronal, responsável pela formação de um determinado estado de consciência. Muitas vezes essas ligações tornam-se densamente interligadas, estabelecendo, assim, o que se pode chamar de uma memória consciente. Neste sentido, qualquer estímulo sensorial que chegue a essa assembléia neuronal trará de volta a percepção inicial sob a forma de recordação, que são “*padrões de ligações entre células neuronais*”. A eficácia da nossa memorização da consciência que se tem do vivido é garantida pelo atributo automático do hipocampo³, que realiza o consentimento das informações sensoriais que o córtex cerebral recebe, através de duas questões: a) a de que a informação precisa ter algum significado emocional para o sujeito, isto é, apresentar alguma importância afetiva; e b) a avaliação das informações através de analogias, verificando se determinada informação tem alguma relação com algo conhecido, ou seja, usamos as assembléias elaboradas pelas experiências passadas para captar novas informações, conferindo à consciência seu aspecto de continuidade. Desta maneira, o hipocampo vai selecionando as informações que ficam na memória de longo prazo e as que pertencem apenas à memória imediata (Ballone, 1999).

³ Estrutura bilobular alojada profundamente no centro do cérebro (Ballone, 1999).

A memória, essência da condição humana, é entendida por muitos estudiosos como habilidade cognitiva, diferenciando-nos dos animais enquanto espécie biológica. Dada a sofisticação dessa característica, o homem consegue armazenar informações e conhecimentos de fatos e lembranças sobre ele mesmo e o que o rodeia, impulsionando-o para determinados modos de agir no mundo (Yassuda, 2002). Apesar da memória reconstituir experiências relevantes do indivíduo, como conhecimentos e aprendizagem, também vem carregada de construções coletivas, na medida em que é estabelecida uma relação entre memória e identidade social. Assim:

(...) Se considerarmos a memória um processo e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (Portelli, 1997, p. 16).

A história e a memória são apoios das identidades individuais e coletivas, pois possibilitam inúmeras elaborações da representação humana; assim, a memória depende da relação social (Neves, 2000).

A identidade social é atribuída por cada grupo, na interligação de um jogo de tensões sociais e pessoais, imbuída de significações e valores. *“Na dialética entre a natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso se produz a si mesmo”* (Berger & Luckmann, 1974, p.240).

Nessa constante transformação elaboram-se formas possíveis de estar no mundo. *“Todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana”* (Morin, 2002, p. 55.).

Ainda, segundo Berges e Luckmann (1974), a identidade é formada por processos sociais, sendo ela um elemento chave da realidade subjetiva, isto é, ao mesmo tempo modifica e é modelada pelas relações sociais.

Pollak (1992), em *Memória e Identidade Social*, ressalta alguns elementos que constituem a memória como: os personagens e os acontecimentos, muitas vezes, não obedecem ao apoio cronológico; a memória é um fenômeno construído, individual ou socialmente, através da seleção e organização dos fatos. O autor também introduz o conceito de “memória herdada” que implica a ligação da memória com o sentido de identidade: *“imagem de si, para si e para o outro”* (Pollak, 1992, p. 204).

“(...) A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p. 204).

Com as palavras de Pollak (1992), podemos realizar uma maior aproximação do conceito de *geratividade* desenvolvido pela psicologia, abordado no item anterior, com o sentido de *continuidade* das ciências sociais, que será abordado no presente estudo, em nossa análise da continuidade dos grupos comunitários e do engajamento feminino nos mesmos.

Outro elemento importante que tece as relações sociais e também aparece nas memórias seria a cultura, pois ela perpetua aquelas relações através das várias gerações. Apresenta-se através dos saberes, regras, costumes, fazeres, normas e outras manifestações. A *“cultura é, portanto, informação, codificação, transmissão e memória”* (Ferreira 1997, p.60).

A organização comunitária, fruto da cultura, desenvolve-se através de lideranças que se comprometem com o objetivo comum do grupo e se engajam nas principais ações desenvolvidas pela comunidade. Segundo Cruiskshank (1996), uma das maneiras de compreender a cultura apóia-se na visão de Eric R. Wolf, segundo a qual a cultura não é apenas um conjunto de fatos passados que são repassados de uma geração a outra e sim, *“criativamente reconstruída a cada geração para solucionar problemas sociais e políticos do presente”* (Cruiskshank, 1996, p.164).

Outra característica atribuída à memória seria a capacidade de selecionar o que se quer reter, separando dele o que se quer desprezar. Desta forma, a memória e o esquecimento são faces de uma mesma realidade. O grande filtro para esse feito é a cultura. Assim, não existe memória sem esquecimento. O pesquisador semiólogo Yuri Lotman que foi amplamente estudado por Ferreira (1994-1995), ressaltou essa capacidade de filtrar, na qual a cultura de cada um é que determina os processos de memória. *“La interpretación del pasado escoge aquello que puede ser comprendido y desecha lo que debe olvidarse* (Vilanova, 2003, p. 27).

O mundo da realidade cotidiana, como relataram Berges e Luckmann (1974), é confirmado na interação do indivíduo com os outros e para o homem conhecer a vida cotidiana e suas significações, levando-o à construção do mundo intersubjetivo do senso comum. *“É um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo confirmado como real por eles”* (Berges & Luckmann ,1974, p. 36). Assim:

(...) o vivido (...) estabelece, na verdade, comunicação entre o espaço do corpo e o tempo da cultura, as determinações da natureza e o peso da história, sob a condição, porém, de que o corpo e, através dele, a natureza sejam

primeiramente dados na experiência de uma espacialidade irreduzível, e de que a cultura, portadora de história, seja primeiramente experimentada no imediato das significações sedimentadas (Foucault 1999, p. 442-443).

As memórias populares são conteúdos essenciais da condição humana, nas quais se perpetuam as gerações. Apesar das perdas cognitivas sofridas, inerentes ao processo de envelhecimento, as informações, ao contrário, acumulam-se, constituindo a riqueza da memória. *“Um fato curioso é que quanto mais antigas e mais importantes forem as reminiscências, mais persistentes elas se tornam em nossa memória”* (Freitas, 2002, p. 61-62). Desta maneira, os idosos são detentores de saberes, ou “sabores da vida”, no sentido sensorial, emocional e cultural, sendo os transmissores deles para as futuras gerações.

A reconstrução de memórias pode proporcionar reflexões acerca de novas metas ou enfrentamentos, na medida em que estabelece uma ponte entre o que foi lembrado e o que está por vir, podendo, muitas vezes, servir como revisão de vida e contribuir com impulsos para o agir. *“... Lembrar não é reviver, mas re-fazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado”* (Bosi, 2003a, p.55).

À medida que entramos em contato com o passado, surge uma reflexão sobre as construções do presente, pois, dialeticamente, só nos tornamos o que somos hoje relacionando-nos às construções passadas. A cada momento do presente ressignificamos essas construções individuais e coletivas, no refazer constante, característico da memória (Park, 2000, p.291).

Uma das formas de reconstrução da memória de fatos históricos a partir de relatos individuais dá-se através da metodologia da História Oral ou História da Vida, como também é chamada pelos sociólogos, isto é, (...) *“técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social”* (Queiroz, 1988, p.36). Essa forma de relatar as experiências vividas é muito antiga, como salientado por Queiroz (1988), antecedendo o desenho e a escrita. As primeiras experiências oficiais da História Oral datam de 1948, organizadas pelo professor Allan Neves, na Universidade de Columbia, em Nova Iorque (Freitas 2002).

A História Oral compromete-se a dar voz aos diversos narradores das comunidades, que vivenciaram acontecimentos de um determinado período histórico, possibilitando *“o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial”* (Freitas, 2002, p.82). Mostra-se, também, como um instrumento para favorecer um melhor entendimento das ações e representações de grupos ou indivíduos em uma determinada sociedade (Ferreira, 1994).

Neste sentido, como salientado por Polack (1989), o método ressalta a importância de *memórias subterrâneas*, isto é, memórias silenciosas analisadas por meio dos relatos dos excluídos, que fazem parte das culturas minoritárias. Essas memórias, como também foram abordadas por Freitas (2002), se não fossem registradas estariam condenadas ao esquecimento. Nem sempre as vozes subjugadas pela memória coletiva, porém, são as de uma minoria, por não possuírem o poder econômico e político, como, por exemplo, da classe trabalhadora, das mulheres no movimento feminino e até mesmo de idosos, cuja população vem aumentando nos últimos séculos.

Somente a partir de 1960, na Grã-Bretanha, na Universidade de Essex, enfatizou-se o testemunho de pessoas comuns, marginalizadas, como os idosos. Esse movimento possibilitou a expansão da História Oral para outros países (Ferreira, 1994; Freitas, 2002).

Pesquisadores como Park (2000), Giglio e Von Simson (2001), Freitas (2002), enfatizam que os velhos assumem uma função social privilegiada enquanto portadores de memória. Através da reconstrução da memória, além da afirmação de sua própria identidade, essa metodologia de pesquisa proporciona aos idosos o ressignificar de suas ações e o compartilhar coletivo, redimensionando-as para as futuras gerações.

O uso da História Oral para a Gerontologia, segundo Freitas (2002), possibilita um processo de reconstrução da memória de pessoas idosas, tendo implicações sociais e também terapêuticas, pois as entrevistas possibilitam aos idosos uma auto-avaliação, um questionamento e um repensar da própria vida.

As autoras Cartensen e Pasupathi (2003) realizaram uma pesquisa para verificar em que medida as pessoas de diferentes idades, incluindo idosos, enfatizaram experiências emocionais positivas e negativas, ao relatarem envolvimento nos eventos passados. Ao contrário do que se imaginava, os idosos, comparando-os com os jovens, quando contavam os eventos do passado, ressaltavam mais os aspectos positivos, além de que o acúmulo da idade pode trazer melhorias na regulação emocional e ampliar a interação social positiva. Outros estudos mostrados por estas autoras ressaltam que os idosos usam mais estratégias do que os adultos jovens para novas experiências ao se relacionar no mundo e essas estratégias são benéficas para a auto-estima deles. (Cartensen & Pasupathi 2003 apud. Whitbourne & Collins, 1998).

Assim, a memória também seria um mecanismo de enfrentamento dos problemas atuais quando se traz para o presente as ações pretéritas. Os idosos rememoram as façanhas de suas ações, e isto pode tornar-se uma alternativa para repensar as estratégias futuras, quando integradas no coletivo.

“(...) Portanto, a memória compartilhada é tanto forma de domar o tempo, vivendo-o plenamente, como um empuxo que nos leva a ação (...). Essa memória compartilhada (...) leva-nos a construir redes de relacionamento nas quais é possível focalizar um conjunto de aspectos do passado que envolve participantes de diferentes gerações de um mesmo grupo social (Giglio & von Simson 2001a, p.159).

Depoimentos orais

Nos depoimentos orais, só interessam os acontecimentos de vida dos entrevistados que se relacionam ao tema de pesquisa, isto é, informações mais vinculadas ao fenômeno estudado. Para Lang, eles são utilizados *“quando se busca obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações, ou a participação em determinadas instituições que se quer estudar”* (Lang, 1996, p. 35). O pesquisador por sua vez *“tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista”* (Queroz, 1988, p. 22). Apresenta um tema orientador para reconstrução do passado, dentro do qual o pesquisador faz perguntas através de um roteiro de questões, previamente preparado e que será utilizado em todas as coletas posteriores.

Os depoimentos orais foram utilizados para evocar relatos de experiências vividas, nos têm facilitado o acesso à memória das pessoas do bairro desde a sua fundação, permitindo reconstruir uma versão da história recente local, assim como apreender sobre o envelhecimento através das informações sobre os aspectos das trajetórias de vida dos atores sociais que fizeram e ainda fazem a história da Vila Castelo Branco e dos bairros adjacentes.

Na metodologia da História Oral todos os dados em relação ao fenômeno investigado são de fundamental importância, uma vez que *“os depoimentos resultam em fontes históricas que são, por excelência, qualitativas, mas todo pesquisador deve-se valer de todas as fontes disponíveis, a fim de obter um quadro, o mais enriquecedor possível, do período ou tema em análise”* (Freitas, 2002, p.83).

Von Simson (1990) realça a importância dos diferentes fragmentos para se constituir um corpo social. Os fragmentos incluem fotos, artigos jornalísticos, e constituem diferentes versões sobre o passado dos atores sociais, ao *“nuançar com vários tons de cinza um passado que não pode ser reconstruído somente com os tons de branco e de negro”* (Von Simson, 2000, p. 68). Também Portelli (1997c) fala sobre a importância da multiplicidade dos pontos de vista sobre

versões do passado. Neste sentido, o método realiza comparações com dados existentes em outras fontes, tais como: artigos jornalísticos, as categorias sociais existentes e também sobre o resultado das entrevistas com os depoentes, para, no final, mostrar um novo olhar sobre esfera estudada.

De acordo com metodologia de História Oral, a preparação para a entrevista utiliza-se das seguintes estratégias (Freitas, 2002, Giglio e Von Simson, 2001, Von Simson, 2004).

- prévio levantamento bibliográfico relacionado com o assunto;
- entrevistas informais com pessoas que tenham vivenciado o fenômeno a ser estudado, ou com as pessoas da geração seguinte;
- pesquisa de recursos audiovisuais, fotos, registros históricos e documentários para ampliação da compreensão histórica, cultural e econômica do fenômeno;
- elaboração de um roteiro orientador ou de um tema guia para direcionar o foco do que se pretende captar com a entrevista, contemplando origem, formação (no caso de organizações comunitárias ou não), influências e marcos significativos;
- utilização de um Diário de Campo, a ser utilizado desde o início, para anotações das impressões, orientações e informações para uso posterior, entre outros;
- se possível, utilização de fotos para auxiliar na rememoração e provocar novas conexões com o tema;
- normalmente, as entrevistas não devem ultrapassar uma hora e meia de gravação;
- utilização de um fichário do informante contendo dados pessoais, gravados no final da entrevista, e registro, após a entrevista, sobre o ambiente em que transcorreu a pesquisa, as emoções e as interpretações do pesquisador.

Os materiais das memórias sociais contêm, além das informações históricas e sociológicas, a emotividade. Neste sentido, a palavra *recordar*, cujo radical vem de *cor*, *cordis* (lat.) que significa coração, carrega intrinsecamente a emotividade, como observa *Adélia Bezerra Menezes* (1993), *apud*. Von Simson (1993), quando diz que a palavra *recordar* tem o significado de “colocar de novo no coração”, pois é impossível lembrar sem ser através da emoção. Por isso, os pesquisadores precisam ter um compromisso de respeito e de cuidado na hora de coletar os depoimentos, para poder acolher não só o choro, a tristeza, mas também a alegria e outras emoções, também os longos silêncios, que indicam emoções muito fortes.

Ao pesquisador é reservado, também, o grande papel de organizar e de desvendar as memórias individuais no contexto da sociedade mais ampla (Portelli, 1997b; Queiroz, 1988), o que pressupõe saber ouvir, assumir uma postura ética em relação ao entrevistado, instigando

assim um constante repensar, tal como faz a H.O. “*Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua*” (Portelli 1997b, p.9), para alcançar maior abertura na comunicação.

A fenomenologia

Bicudo e Martins (1989) apontam aspectos relevantes da pesquisa fenomenológica como: a) o trabalho é iniciado a partir de uma interrogação do fenômeno, mas não se estabelece uma compreensão prévia do mesmo; b) os sujeitos investigados vão definindo a situação da pesquisa, na medida em se busca a compressão dos significados “*que são aspectos do evento que o sujeito tematizou conscientemente*” (p. 94); e c) o alvo da investigação é a abordagem dos significados atribuídos pelos sujeitos ao fenômeno pesquisado. Em síntese:

“(...) *A pesquisa fenomenológica está dirigida para significados, ou seja, para expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe*” (Bicudo e Martins, 1989, p.93).

Em complementação às citações indicadas, lembramos que Amatuzzi (2003) ressalta que a fenomenologia pretende “*buscar no relato a experiência intencional, vivida*” (p.21), em outras palavras, realizar uma soldagem do vivido.

Neste sentido, essa pesquisa visa estabelecer uma construção da rede de significados, através do suporte teórico de Giorgi (1985). Pretendemos identificar e organizar o conteúdo das entrevistas em unidades significativas (Giorgi, 1978) a partir do referencial teórico adotado, com vistas a favorecer a compreensão, basicamente, das memórias significativas, individuais e coletivas, que marcaram a história social da comunidade estudada, e no que mostram-se diferenciadas ao priorizar o acompanhamento do processo de envelhecimento através de grupos comunitários.

Para a sistematização e construção de aspectos importantes para a análise, utilizaremos o suporte de alguns autores, dentre eles Giorgi (1985), Bicudo e Martins (1989), Kvale (1996), Turato (2003), Amatuzzi (1998, 2003), Holanda (2003). E também autores, como Bosi (2003b), Giglio e von Simson (2001) e von Simson (2004), que discutem a metodologia e análise na H.O., como se segue: a) preparação inicial do material – transcrição das fitas gravadas e das anotações de campo do entrevistado para arquivos de computador; a1) leitura sistemática do material transcrito, estabelecendo uma relação empática com a situação descrita pelo depoente, e,

também, a capacidade de entender a linguagem do narrador, obtendo uma visão do todo; b) discriminação das unidades de significado, isto é, “*são discriminações espontâneas percebidas nas descrições dos sujeitos (...). O pesquisador anota-as diretamente na descrição sempre que perceber uma mudança psicologicamente sensível de significado da situação para o sujeito*” (Bicudo e Martins, 1989, p. 99); c) - fichamento por temas utilizando os temas do roteiro orientador e introdução de sub-temas trazidos pelas testemunhas; c1) organização de arquivos temáticos contendo trechos das falas dos entrevistados; d) síntese, onde o pesquisador procura integrar os *insights* obtidos nas unidades de significado, a partir do vivido do sujeito; d1) validação externa – supervisão com o orientador da investigação, discussão de seus pares em grupos de pesquisa; d2) análise dos achados, realizada através de comparação dos temas com as informações da pesquisa sócio-histórica – cultural realizada previamente, bem como análise a partir de um referencial teórico adotado; (e) apresentação dos resultados – de forma descritiva e com citações ilustrativas das falas, interpretando esse material; e1) inclusão das possíveis fotos no próprio texto, como forma de compreensão do conteúdo elencado.

A fenomenologia oferece condições favoráveis para lidar com o depoimento e informações obtidas através da H.O., porque permite ao pesquisador flexibilidade e agilidade para lidar com o material que a H.O. traz, fazendo com que ela seja mais adequada para esse tipo de pesquisa.

Ao alinhar os conceitos dimensionados nos parágrafos acima, ressalta-se que a História Oral “*é uma ciência e arte do indivíduo (...), pois somos todos narradores costurando os fatos através dos tempos...*” (Portelli, 1997a, p.15), na medida em que se estabelece uma relação entre o significado para as pessoas e os fatos históricos. Com isso, amplia-se e renova-se o saber sobre diferentes temas, da mesma forma que, a partir de centros comunitários e associações, é possível reconstruir a história local bem como ampliar a consciência do grupo (Freitas, 2002), que é que se busca no presente estudo.

3. JUSTIFICATIVAS, PROBLEMAS E OBJETIVOS

Com esse estudo, analisaremos as organizações comunitárias dos moradores da região do Centro de Saúde Integração que se transformaram com o tempo, modelando as necessidades grupais em função do processo de envelhecimento. Descreveremos a transição de um “Grupo de

Mulheres da Periferia” no processo de constituição de um grupo de Terceira Idade e sua continuação em das ações em um Grupo de Vivência de Idosos com maiores dependências físicas, sensoriais e cognitivas.

Foram estudados integrantes e/ou organizadoras dos grupos Mulheres da Periferia, Grupo Reviver, Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe e Giravida, que reúnem pessoas dos bairros da abrangência do Centro de Saúde Integração – Campinas / SP (Vila Castelo Branco, Jardim Garcia, Jardim Londres, Vila Padre Manoel da Nóbrega). Nesses grupos havia pessoas muito idosas (75 e +), idosas (60-74 anos) e de meia-idade (44-59 anos).

Assim, a experiência de autogestão ao longo de 15 anos de um grupo de Terceira Idade, a idealização do Centro Dia pelas representantes da Pastoral da Saúde, motivadas pela comunidade que se beneficiaria por esses cuidados e, recentemente, a criação de um Grupo de Vivência, facilitador de relações sociais para pessoas acima de 75 anos, são iniciativas singulares que estimulam reflexões acerca do envelhecimento bem-sucedido, mesmo considerando as baixas condições sócio-econômicas dos sujeitos em questão.

A importância de estudar esse assunto está na diferenciação desses idosos, frente ao processo de envelhecimento e em relação a outros moradores da região, e às dificuldades que enfrentaram durante suas trajetórias pessoais e coletivas. Este estudo mostrará as respostas criativas de um grupo de pessoas, manifestas na gestão participativa de grupos comunitários e nas transformações de necessidades decorrentes das novas demandas da velhice.

Por se tratar de um estudo qualitativo, não foram estabelecidas, a priori, hipóteses, as interpretações foram construídas ao longo da pesquisa, de acordo com os conteúdos das entrevistas. No entanto, foram realizadas perguntas despertadas por estudos prévios na área que demarca o campo de investigação. As questões examinadas foram:

- 1) Quais seriam os significados atribuídos pelos participantes à participação em grupos comunitários?
- 2) Que fatores influenciaram o envolvimento inicial e a manutenção dos participantes nos grupos?
- 3) Como os idosos avaliam a relação entre a sua participação social atual e passada e as características de sua rede de suporte social?
- 4) Qual a relação entre a geratividade e a participação em grupos comunitários dos segmentos meia-idade, velhice e velhice avançada?

OBJETIVOS GERAIS

Considerando o exposto, elaboramos os seguintes objetivos para este trabalho:

- 1) A partir de depoimentos de antigos moradores da região da VCB, reconstruir a memória social de grupos comunitários de bairros populares que se envolveram ativamente nos processos de criação e manutenção dos grupos Mulheres da Periferia, Grupo Reviver, Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe e Giravida.
- 2) Verificar como, na percepção dessas pessoas a participação em grupos comunitários influenciou o processo de envelhecimento bem-sucedido.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Descrever os significados atribuídos pelos participantes à participação nos grupos comunitários.
- 2) Identificar a percepção dos entrevistados sobre os fatores que influenciaram no envolvimento inicial dos participantes e sua permanência nos grupos.
- 3) Descrever como os idosos avaliam a relação entre sua participação social atual e passada e as características de sua rede de suporte social.
- 4) Qual a relação entre a geratividade e participação em grupos comunitários dos segmentos meia-idade, velhice e velhice avançada.

MÉTODOS

Os sujeitos desta pesquisa faziam parte dos bairros de abrangência do Centro de Saúde Integração, correspondendo a: Vila Castelo Branco, Jardim Garcia, Jardim Londres, Vila Padre Manoel da Nóbrega. Foram localizados, pela divisão da Secretaria da Saúde de Campinas/SP, na região Noroeste do município.

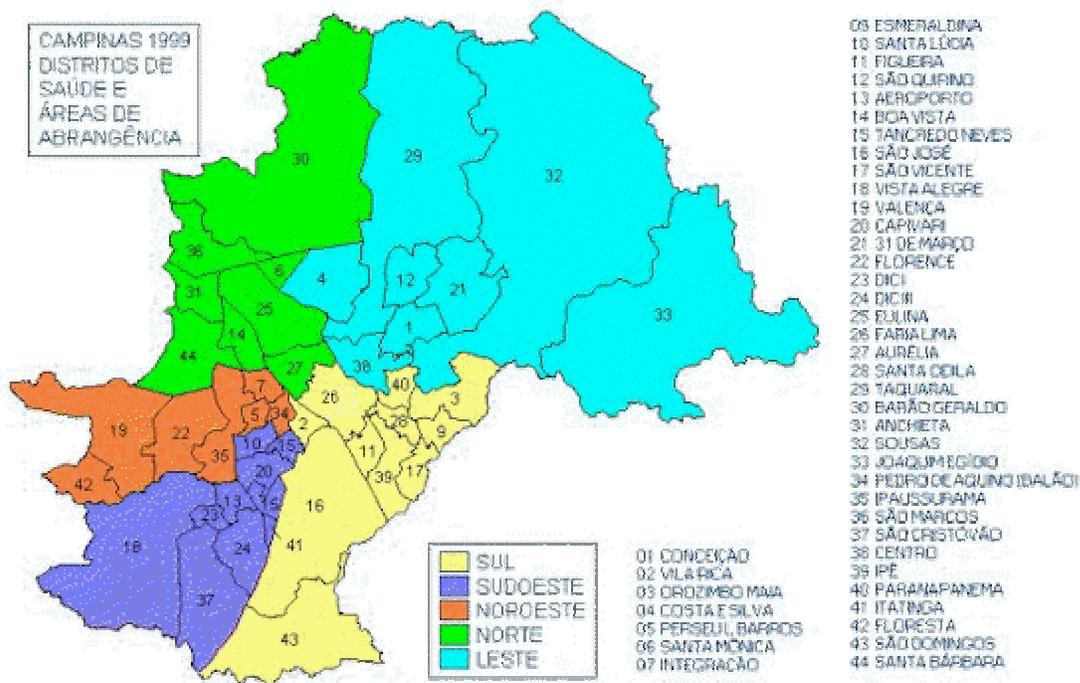


Figura 1: Mapa das Regiões de Campinas – www.aspebrasil.org/map_camp.gif

Para o presente estudo, foi recortada uma amostra de conveniência, cujo tamanho foi determinado pelo critério de saturação das informações, sendo entrevistadas pessoas até que os

conteúdos fornecidos nos parecessem suficientes para retratar o percurso das pessoas pelos grupos organizados na comunidade estudada, em uma homogeneidade ampla, isto é, “*o pesquisador fecha o grupo quando, após as informações coletadas com um certo número de sujeitos, novas entrevistas passam a apresentar uma quantidade de repetições em seu conteúdo*” (Turato, 2003, p.363). Segue-se a caracterização dos participantes.

Participantes

Foram selecionadas integrantes dos grupos Reviver, Cantinho da Nossa Senhora da Guadalupe e Giravida, em três grupos que compartilharam as mesmas experiências sócio-históricas, sendo divididas em integrantes e organizadoras. O número exato da amostra final não foi definido a priori no projeto de pesquisa, uma vez que os próprios indivíduos poderiam indicar novos nomes para complementar o estudo. Contamos então nos depoimentos orais com 15 mulheres, integrantes e/ou organizadoras de grupos comunitários, obedecendo aos seguintes critérios:

Grupo Reviver – organizadoras:

1. Indivíduos com mais de 60 anos, do sexo feminino - por representar a maioria do grupo;
2. moradoras da abrangência do Centro de Saúde Integração;
3. fundadoras do Grupo Reviver;
4. sendo uma das integrantes representantes do antigo Grupo de Mulheres da Periferia;
5. sendo umas das integrantes organizadoras do Grupo Giravida;
6. com interesse expresso em participar do estudo.

Grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe – organizadoras:

- A. Indivíduos com mais de 60 anos, do sexo feminino - por representar a totalidade do grupo;
- B. moradoras da abrangência do Centro de Saúde Integração;
- C. fundadoras do Cantinho da Nossa Senhora da Guadalupe;
- D. sendo uma das integrantes representantes do antigo Grupo de Mulheres da Periferia;
- E. com interesse expresso em participar do estudo.

Grupo Cantinho da Nossa Senhora da Guadalupe – integrantes

- A. Indivíduos com mais de 60 anos, do sexo feminino – por representar a totalidade do grupo;
- B. moradoras da abrangência do Centro de Saúde Integração;
- C. integrante com mais de 5 anos no grupo;
- D. participante também de um outro grupo comunitário na região;
- E. com interesse expresso de participar do estudo.

Grupo Giravida - organizadoras:

- I. Indivíduos acima de 45 anos (meia-idade), do sexo feminino – correspondem à totalidade do grupo;
- II. moradoras da abrangência do Centro de Saúde Integração;
- III. fundadoras do grupo Giravida;
- IV. sendo duas representantes da Pastoral da Saúde;
- V. sendo duas integrantes também do Grupo Reviver
- VI. com interesse expresso em participar do estudo.

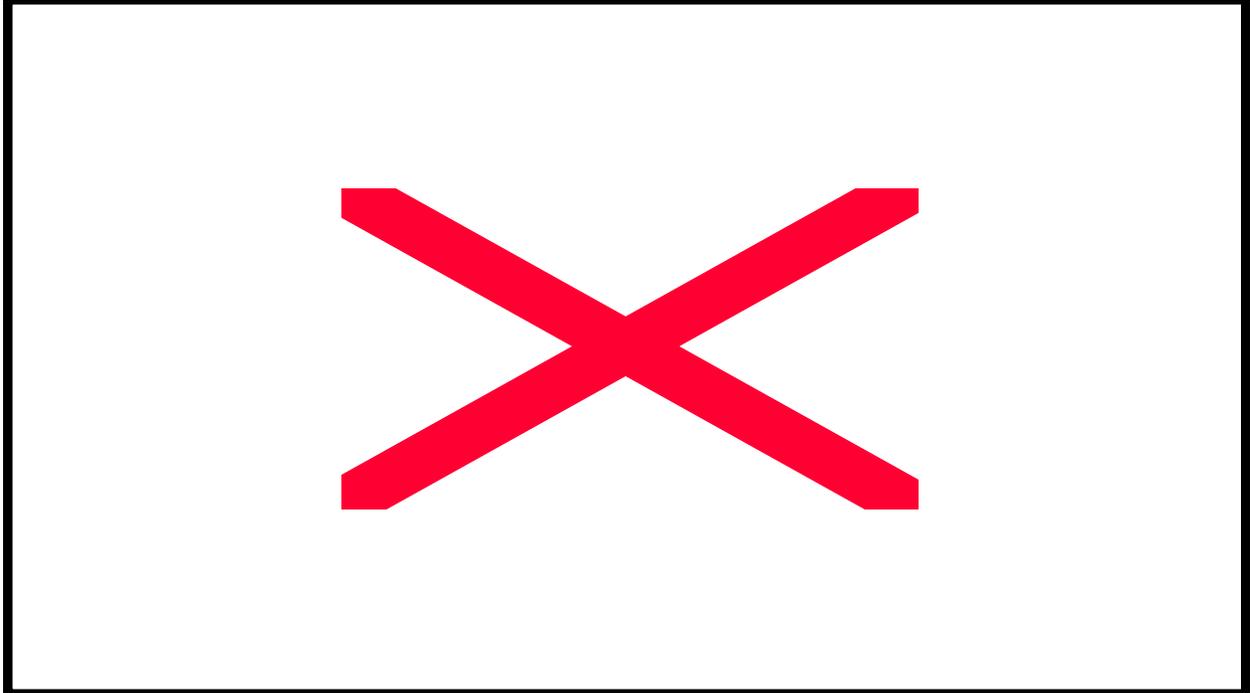
Grupo Giravida – integrantes:

- a. Indivíduos acima de 75 anos;
- b. moradores da abrangência do Centro de Saúde Integração;
- c. integrante do Grupo Giravida com frequência de pelo menos 3 vezes mensal;
- d. sendo duas integrantes engajadas em atividades sociais e de lazer na comunidade em tempos remotos como o Grupo Reviver;
- e. com interesse expresso em participar do estudo.

Com vistas a enriquecer a versão da história das organizações comunitárias, foram entrevistados também dois homens participantes de dois grupos distintos: Reviver e Giravida, que apresentavam envolvimento há pelo menos um ano, com o objetivo de informarem sua participação e verificar como se dá adesão masculina em grupos como estes.

O grupo de mulheres envolvidas na pesquisa constituiu-se da seguinte forma: uma pessoa, uma vez contatada por nós e tendo apreendido qual era o nosso objetivo, foi nos dando indicações de outras que poderiam ser procuradas para entrevista, constituindo, assim, uma rede de informantes.

Quadro da rede de informantes



Quadro 1: Composição da rede de participantes, conforme os critérios de tipo de participação, gênero e idade.

O Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe foi incluído a partir dos depoimentos realizados com outras integrantes dos grupos Reviver e Giravida, isto é, através da rede de informantes da pesquisa em questão. Elas sinalizaram a importância da inclusão dessas pessoas que organizam e participam do grupo, pelos seus anos de existência, da continuidade de ações desenvolvidas desde a origem do bairro e pela doação de serviço realizado para a Igreja.

1. PROCEDIMENTOS

1. Para coleta de dados

O estudo foi realizado valendo-se de metodologia qualitativa, “*termo genérico que abrange uma multiplicidade de suportes filosóficos e métodos de pesquisa*”, na qual as informações são reunidas formando um mosaico de experiências humanas (Lobiondo-Wood & Haber, 2001, p.

123). Assim, também incorporou, com a flexibilidade que lhe é própria, alguma técnica do âmbito da pesquisa quantitativa. Escolheu-se coletar depoimentos orais inspiradas nos procedimentos da História Oral (HO) e seus pressupostos.

Além dos depoimentos orais, o mapeamento do fenômeno que se quer estudar deverá valer-se de:

- Registros de outras pesquisas realizadas na Vila Castelo Branco;
- Análise documental das atas e registros dos grupos;

Aspectos éticos

Foi estabelecido contato pessoal as pessoas selecionadas, segundo critérios descritos na página 24-5, com o objetivo de verificar o interesse em participar do estudo.

Nesse contato as pessoas foram:

- Convidados para participar do estudo,
- Informadas sobre:
 - objetivo do estudo,
 - instituição a que o estudo estava vinculado,
 - razões pelas quais elas foram escolhidas para participar deste estudo .
- Motivadas a participar com base na importância de sua colaboração.
- Asseguradas sobre a divulgação dos dados contidos nos depoimentos⁴.
- Informadas sobre a possibilidade posterior de divulgação dos resultados em eventos e publicações científicas.
- Retorno para os depoentes do material transcrito.
- Apresentação dos dados finais da pesquisa para o grupo pesquisado

Obedecemos aos seguintes itens na condução dos depoimentos orais:

- I. Contato pessoal prévio para localizar as pessoas que tivessem interesse em participar da pesquisa. Estas pessoas foram selecionadas: (a) pelo seu interesse em participar da pesquisa; (b) pela atual e passada participação em grupos comunitários.
- II. Fase preparatória para início da pesquisa.

⁴ Critérios 4 e 5 referente a aplicação do Termo de Compromisso e Esclarecimento (Anexo 4).

- III. Aplicação de um questionário para traçar o perfil sócio-ocupacional, saúde percebida, suporte social, participação em grupos na comunidade (Anexo 6).
- IV. Também para relacionar e complementar os dados de acordo com o objetivo do trabalho, referente às transições grupais que acompanharam o processo de envelhecimento das participantes e a hipótese de “herança do cuidar”, como mencionados na justificativa desse projeto, utilizamos a aplicação de um Inventário de Geratividade, (Neri 1998), com vinte itens, o qual refere-se ao tema do desenvolvimento adulto e velhice, indagando sobre o desejo de transmissão de um legado para futuras gerações. O inventário trata de dimensões de vida tais como: criatividade, sentido de vida, legado pessoal, cultural e social. A escala apresenta-se em formato Likert em escala ordinal de cinco pontos agrupadas em três domínios conceituais: *criar* (1, 15, 16, 2, 3 e 14), *oferecer* 20, 4, 13, 5, 17, 12, 18, 6, 11 e *manter* (10, 7, 9, 19 e 8), como pode ser observado Quadro 2 (Anexo 7).
- V. Elaboramos um roteiro de pesquisa com 5 perguntas, usado como base para colher os depoimentos orais das mulheres selecionadas. Privilegiamos questões que facilitassem a rememoração de suas vivências nos grupos comunitários, focalizando suas motivações e argüindo sobre as condições de vida no período em que deles participaram. (Anexo 6) Utilizamos a pré-entrevista para verificar a compreensão da linguagem do roteiro de pesquisa e observar “*caminhos inesperados para a investigação*” (Bosi, 2003b, p.60).
- VI. Coleta de depoimentos orais com base no roteiro de entrevista.

Quadro 2: Domínios e conteúdos do instrumento de avaliação de Geratividade (ver, Neri, 1998).

Conteúdo dos itens	Ordem	Domínios conceituais e itens na integra
		Criar
Produtividade	1	Os outros dizem que eu sou uma pessoa muito produtiva
Criatividade	15	As pessoas dizem que eu tenho feito contribuições criativas à sociedade
Criatividade	16 (-)	Eu gosto de me envolver com novos projetos e idéias
Crescimento pessoal	2	Eu sinto que minha vida tem sido um processo contínuo de aprendizagem, mudança e crescimento.
Crescimento pessoal	3	À medida em que o tempo passa eu acho que estou melhorando cada vez mais como pessoa
Crescimento pessoal	14	Acho importante ter novas experiências porque elas me fazem pensar sobre mim mesmo (a) e ajudam a compreender melhor os fatos da vida
		Oferecer
Transmissão de conhecimentos	20 (-)	Eu acho que ensinar é uma das coisas mais linda que existem
Transmissão de	4	Eu sinto que tenho obrigação de passar adiante a minha experiência e os

cultural		meus conhecimentos
Transmissão da experiência de vida	13	Muita gente me procura para pedir orientação e conselhos
Legado pessoal	5	Eu sinto que tenho influenciado a vida de várias pessoas
Legado pessoal	17	Depois de morrer gostaria de ser lembrado pelas minhas ações e contribuições à sociedade
Legado pessoal	12 (-)	Eu acho que quando eu for bem velho vou me recolher à vida privada, pois não terei mais compromisso de produzir para sociedade
Relações positivas com os outros	18	Os outros me descrevem como uma pessoa generosa, pronta a compartilhar meu tempo com os outros
Relações positivas com os outros	6 (-)	Eu tenho vivenciado relações calorosas e sinceras com os outros
Relações positivas com os outros	11	Eu sei que posso confiar em meus amigos e eles sabem que podem confiar em mim
		Manter
Cuidar/Responsabilizar-se	10(-)	Sinto-me necessário (a) para várias pessoas
Cuidar/Responsabilizar-se	7	Eu acho que a sociedade é responsável pelo destino das pessoas carentes
Cuidar/Responsabilizar-se	9(-)	Eu penso que as pessoas que se preocupam com a salvação de espécies em extinção ou com a preservação de documentos de prédios antigos dedicam-se a essas atividades porque não têm nada mais importante a fazer na vida
Propósito na vida	19	Eu gosto de fazer planos para o futuro e trabalhar para conseguir alcançá-los
19 Propósito na vida	8 (-)	Às vezes eu tenho a impressão que já fiz tudo que tinha que fazer na vida

Para complementação da versão do fenômeno estudado, conforme já mencionamos, entrevistamos também dois homens de diferentes grupos, que foram (a) convidados a partir de indicações de integrantes dos grupos pesquisados pelo tempo de permanência no grupo; (b) entrevistados, primeiramente, através de um questionário para levantar o perfil sócio-ocupacional e, posteriormente, disponibilizaram-se a prestar depoimento oral, o qual seguiu um roteiro de pesquisa previamente elaborado (Anexo 9). Os depoimentos ocorreram na sala de Terapia Ocupacional do Centro de Saúde Integração, a pedido dos entrevistados.

Para garantir a fidedignidade dos relatos, as entrevistas foram gravadas em fita *cassete* e, posteriormente, transcritas. De acordo com a necessidade de cada depoimento, a transcrição do registro foi disponibilizada para os entrevistados conferirem e acrescentarem dados que não haviam recordado durante a entrevista. As entrevistas transcritas também foram revistas por um juiz, isto é, por uma pessoa da área da saúde com nível universitário que conferiu a fidelidade dos relatos transcritos.

Ambiente

As entrevistas individuais e a aplicação do Inventário de *Geratividade* (Neri, 1998) foram coletadas no próprio domicílio dos sujeitos da pesquisa para favorecer uma melhor aproximação entre o entrevistado e o pesquisador. Prevendo a hipótese do entrevistado demonstrar a necessidade de um lugar “neutro”, que favorecesse mais sua abertura, pois não haveria outras pessoas da família por perto para interferir, inibir ou contradizer seus relatos, foi disponibilizada a sala de Terapia Ocupacional do CSI. Sua localização, em relação à moradia dos entrevistados, é próxima o suficiente para dispensar o uso de transporte.

As entrevistas, em sua maioria, foram colhidas nos domicílios das depoentes, com exceção de quatro delas. Três preferiram a sala de atendimento do Centro de Saúde Integração e uma escolheu o seu local trabalho, locais elegidos como de maior privacidade para fazerem seus relatos.

O convite para participação da entrevista, na sua maioria, foi realizado no próprio grupo: a) Grupo Reviver – nas dependências da Casa de Cultura Tainã, localizada na Praça de Esporte dos Trabalhadores, na Vila Padre Manoel de Nóbrega b) Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe – no salão de reuniões do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe; c) Grupo Giravida – nas dependências do salão de festas do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe. Esses locais, que hoje abrigam os grupos foram, em tempos remotos, espaços reivindicados pelos antigos moradores da região.

O Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, apesar de opiniões diversas dos moradores quanto à sua construção, foi e ainda é mantido pelo empenho de muitos moradores que lá prestam serviços e pela contribuição do Cantinho. A Casa de Cultura Tainã iniciou seus primeiros passos no Centro Social da Vila Castelo Branco com algumas integrantes do “Grupo de Mulheres da Periferia” e, através de grande luta, tomaram posse do espaço do vestiário da antiga piscina da Praça de Esporte dos Trabalhadores, atualmente em reforma. No salão da Casa de Cultura Tainã, às quintas-feiras, o Grupo Reviver se reúne para confeccionar peças artesanais e para comemorar os aniversários do mês. O grupo também se reúne às quartas e sextas-feiras, na Praça dos Trabalhadores, para desenvolvimento de atividade física (Antunes, 2003).

Entrevistas

Durante os depoimentos orais, vários detonadores de memórias ou *muletas de memória*⁵ foram utilizados, isto é, recorremos a estratégias para o depoente falar sobre sua trajetória. Esses recursos tanto foram trazidos pelo pesquisador como preparados antecipada e espontaneamente pelos próprios depoentes nos seus domicílios. Os recursos incluem fotos antigas referentes a momentos grupais, jornal da comunidade, fotos jornalísticas, mostras de seus trabalhos manuais produzidos nos grupos e diplomas de cursos.

De acordo com o estilo e andamento de cada entrevista, tivemos a necessidade de realizar um registro imagético que representasse alguns significados que ser-nos-iam úteis, para a análise do material coletado. Citamos, entre outros, foto relativa à aproximação do presente e passado, fotos de objetos usados como *muletas da memória*, imagens que registrassem a preparação do domicílio para receber a pesquisadora (Figura 2), inclusive com o preparo de receitas culinárias (Figura 3).



Figura 2: Foto de D. Déa no dia 20/08/2004

D. Déa, integrante do Grupo Giravida, durante a entrevista realizada em seu domicílio, estava manuseando um aparelho de CD para colocar uma música interpretada por Agnaldo Raiol. Note-se que esse espaço para ela constituiu-se como um local sagrado, pois nele D. Déa pode apreciar suas músicas e ao mesmo tempo recordar de seus familiares através das fotos dispostas sobre o móvel, além de conter artefatos religiosos.

⁵ Termo utilizado em aulas expositivas pela Prof^ª. Dr^ª. Olga Rodrigues Moraes Von Simson, na disciplina Memória, velhice e cultura, Programa de Gerontologia, Fac. de Educação / Unicamp, 1º. sem “*Muletas de memória ou detonadores para rememorar são estratégias para as pessoas poderem falar sobre sua trajetória – caminhos dos mais diversos*”.



Figura 3: Foto de D. Izolina no dia 15/02/2005.

Após a entrevista, D. Izolina ofereceu para a pesquisadora um pedaço de bolo e sorvete como manifestação de carinho e costume. Segundo ela, os mineiros costumam oferecer um “agrado” ao visitante. Ensinou também para a pesquisadora a receita do tradicional pão - de - queijo.

Assim, várias fotos realizadas durante os depoimentos fazem parte de nossos dados. Von Simson, (2005a) enfatiza que a imagem é um suporte que enriquece o processo de reconstrução do passado e tem também a relevância de transmitir para as futuras gerações uma versão do passado. A fotografia estabelece ainda uma união entre o passado e o real (Brito, 1989).

Utilizamos também, ao longo de todo desenvolvimento da pesquisa, um Diário de Campo que registra um rol de eventos desde o primeiro telefonema para estabelecer contatos. O diário constitui um importante recurso para correção de erros e eventuais lacunas se e quando surgirem ao longo dos depoimentos. Nas anotações são incluídos, também, todos os dados significativos, como gestos, choros, interrupções, entre outros (Freitas, 2002, Giglio e von Simson, 2001, von Simson, 2004).

2. ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Para o presente estudo, contamos com 14 mulheres, todas praticantes do catolicismo e integrantes e/ou organizadoras de grupos comunitários, e 2 homens. Um é integrante do Grupo Reviver e o segundo, do Grupo Giravida, dos bairros (Vila Castelo Branco, Jardim Garcia, Vila, Padre Manoel da Nóbrega, Paulicéia, Londres). Estes bairros estão compreendidos na abrangência geográfica do Centro de Saúde Integração.

As histórias e outras informações foram analisadas dentro do paradigma fenomenológico, através da análise reflexiva das histórias que as pessoas contam. Somadas às outras informações, obtém-se um ponto de ancoragem para re-traçar o que foi vivenciado: as relações interpessoais, o

contexto e os significados a ele atribuídos. A investigação fenomenológica busca um significado central, dentro do recorte temático escolhido, através das narrativas que as entrevistas trazem (Giorgi, 1978, Kvale, 1997). E “*estabelece um conjunto de reflexões que permitem indagar sistematicamente os conteúdos de consciência, privilegiando os dados experienciais*” (Turato, 2003, p. 440).

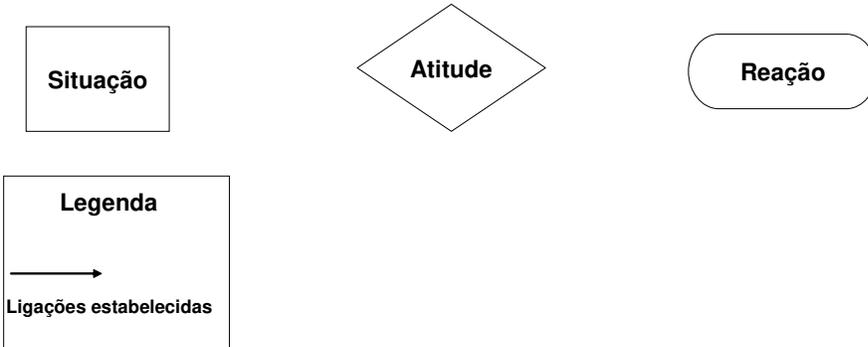
Com base nas leituras indicadas, o primeiro depoimento estabeleceu a seguinte estrutura:

- I. Transcrição literal do depoimento;
Optamos por transcrever as entrevistas da forma mais próxima possível das falas dos depoentes para favorecer a representatividade do registro de linguagem vigente no bairro que não se dissocia da sob-cultura da região, mostrando como os estratos sociais mantêm suas características sob vários aspectos.
- II. Revisão e demarcação das entonações no discurso da entrevista, obedecendo o seguinte critério: a) **negrito** – fala com maior tonicidade; b) entre parênteses - para relatar as reações dos entrevistados e as percepções contidas no Diário de Campo, c) dois símbolos de reticências para designar pausa longa (Anexo 8);
- III. Entrega do material transcrito para os depoentes conferirem seus relatos. Nem todos os entrevistados quiseram conferir o material impresso;
- IV. Iniciamos a análise individual de cada entrevista, para depois analisar o material por inteiro, de modo a facilitar e absorver, de cada entrevista, as suas particularidades, seguindo as recomendações de Giorgi (1985);
- V. Leituras repetidas do material para visão do todo e organização das informações obtidas através dos instrumentos escolhidos;
- VI. Discriminação das unidades de significado;
- VII. Agrupamentos das unidades de significado em temas;
- VIII. Síntese geral das unidades de significado;
- IX. Revisão realizada por um profissional, no caso a orientadora;
- X. Criação de Mapa de Entrevista para visualização do depoimento como um todo
- XI. Discussão sobre cada Mapa de Entrevista

O mapa de entrevista foi um recurso criado para facilitar, de forma ilustrativa, a visão geral da entrevista. Por sua vez, foi elaborado a partir da leitura e construção das unidades de significado, obedecendo a seguinte lógica: a) *situação*, isto é, as influências ou condições que levaram a tal atitude – está intimamente ligado com história de vida; b) *atitudes*: termo utilizado

na esfera psicológica que estabelece uma posição tomada, relacionada a um propósito; e c) *reação*, relaciona-se com a ação impulsionada pelas atitudes construídas.

MAPA DE ENTREVISTA: _____



Quadro 3: Modelo de Mapa de Entrevista complementar para análise dos achados

Na literatura, encontramos outras formas ilustrativas de visualização das entrevistas, como Spink e Lima (1999), que mencionam sobre “árvores associativas”, “linha narrativa” e “mapas associativos”, sendo que este último seria um quadro das principais falas nas respectivas categorias. No entanto, nenhuma dessas ilustrações assemelha-se ao mapa criado que utilizaremos como parte integrante da análise.

Para análise do Instrumento do Inventário de Geratividade (1998), contamos com 14 sujeitos. Foi utilizada a análise estatística para a) descrever a casuística de n=14 mulheres, com relação aos dados sócio-demográficos e aos itens da escala ao Inventário de Geratividade (Neri, 1998).

As fotos tiradas ao longo da pesquisa foram utilizadas no corpo do trabalho para ilustração de um depoimento e de como se deu a preparação da entrevista.

RESSULTADOS E DISCUSSÕES

O material das entrevistas foi analisado a partir da análise fenomenológica, destacando as unidades de significado que emergiram a partir das falas das depoentes sobre o assunto da pesquisa, e depois foram elaborados os temas aglutinadores das unidades de significado. O material analisado encontra-se no Anexo 10 – Volume II.

Primeiramente, destacaremos a história dos grupos comunitários Mulheres da Periferia, Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe, Reviver e Giravida, narradas pelas depoentes e utilizando as atas dos grupos como apoio sobre as datas.

No segundo momento, disponibilizaremos a análise do perfil sócio-ocupacional das participantes.

Em terceiro lugar, mostraremos os mapas de entrevistas relativos aos conteúdos derivados da análise fenomenológica a partir dos dados das entrevistas, com as respectivas discussões da trajetória de cada depoente sinalizados pelos mapas.

Na seqüência, abordaremos as semelhanças e diferenças dos grupos etários e os tipos de participação nos grupos e depois análise geral dos grupos sobre: a) os significados atribuídos pelas depoentes à participação em grupos comunitários; b) os fatores que influenciaram o envolvimento inicial e a manutenção das participantes nos grupos; c) a avaliação que as participantes fizeram sobre a relação entre participações sociais atuais e passada e as características da sua rede de suporte social e d) a relação entre a geratividade e participação em grupos comunitários.

Na análise referente ao instrumento de avaliação de geratividade, descreveremos a comparação entre os conteúdos e domínios e o resultado final da análise das entrevistadas.

Por fim, destacaremos o perfil sócio-ocupacional dos entrevistados e a comparação de gênero sobre a participação em grupos comunitários. Apresentaremos os mapas de entrevista dos dois homens pesquisados e discussões correspondentes, que mostram as comparações entre seu

estilo de participação nos grupos e a sua percepção sobre a pouca adesão de homens em grupos comunitários.

1. HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÕES DOS GRUPOS COMUNITÁRIOS

Grupo Mulheres da Periferia

*“(...) Era a turma da **Toninha**... depois além daqui elas trabalharam, foi um trabalho muito **bonito**, desse grupo, que construíram essa **escolinha**, que tem aqui”*
(D. Lourdes, p. 8).

O depoimento de D. Paulina foi norteador para traçar o processo de formação do grupo de Mulheres da Periferia, pois ela foi uma das integrantes com participação ativa nesse grupo. O Grupo de Mulheres da Periferia, formado aproximadamente em 1973, tinha como principal objetivo a reivindicação das melhorias para o bairro, em especial a Vila Castelo Branco.

*“(...) A gente vem de um **bairro** assim mais **estruturado** (Santa Odíla) (...) agora você **chega** aqui, tinha água e **luz**, a casa não tinha **muro**, era tudo **terra**, e aonde eu **morava** tinha uns **pés** de fruta, assim,(...) meu filho quando **veio** pra cá, ele tinha **3** anos, (...) e ele falava quando ia **dormir**: “**Mamãe** vâmo voltar prá casinha **feia** (caso dos fundos de madeira)? Eu não **gosto** daqui”* (Paulina, p. 14).

A reivindicação, neste caso, seria a mola propulsora para D. Paulina participar desse grupo. Segundo Silva (2000), foi na década de 70 do século passado que se formaram os primeiros movimentos de mulheres, assemelhando-se ao movimento de mulheres relatadas por D. Paulina, em Campinas. D. Paulina ressaltou que o grupo de Mulheres da Periferia tinha uma força muito grande de reivindicação no bairro e que conseguiram muitas melhorias para a comunidade. Uma das melhorias foi à criação da pré-escola, reivindicação que o grupo de Mulheres encabeçou, a partir da necessidade da construção de uma pré-escola para facilitar a vida das mães trabalhadoras. Elas realizaram uma pesquisa, indo de casa em casa, perguntando sobre a existência de criança, e utilizaram este instrumento para reivindicar a construção.

*“(...) Esse grupo de **mulher**, ele tinha uma força muito grande de **reindivicar** as coisas pro bairro, e como a **gente** tinha muita **criança** aqui, não tinha **creche**, a creche não comportava assim, aí a **gente** se reunia e falava **vamos** fazer alguma coisa, né, que foi*

*onde a gente iniciou, com a **pesquisa**, porque prá se fazer o, o **pré-escola** que não tinha...”* (...) (Paulina, p. 16).

Dados da pesquisa realizada por Antunes (2003) apontam que a pré-escola foi iniciada por elas em um espaço público da comunidade (Associação dos Moradores da Vila Castelo Branco e depois no Centro Social) e somente depois foi que as autoridades tomaram uma providência para a construção do atual prédio.

Considerando a contribuição de Silva (2000), os grupos de mulheres pesquisados em São Paulo, aproximavam-se novamente dos dados trazidos pela depoente D. Paulina, pois também eles eram vinculados à Igreja Católica e reivindicavam do Estado o atendimento das necessidades básicas, em especial as creches, pois em sua fala esse era apontado como um dos principais problemas das mães que precisavam trabalhar fora para manter a família. “(...) *É claro que estas reivindicações propiciaram não só mudanças de mentalidades como também mudanças no espaço urbano*” (Silva, 2000, p. 1).

O Grupo de Mulheres da Periferia também exerceu a função de incentivar a organização de novos grupos em bairros mais carentes de Campinas, através dos relatos e incentivos das participantes sobre as ações bem sucedidas do seu grupo. “(...) *A gente **incentivava** assim outros **bairros** mais carentes que a gente, então a gente se **reunia** e falava a gente fez isso: **Deu certo**, então se vocês quiserem fazer, a gente, dá uma **força** (...)*” (D. Paulina, p. 16).

Na VCB o encontro dessas mulheres era no Centro Social, espaço cedido pela COAHB, para ser um espaço de múltiplo uso dos moradores. D. Paulina relatou também que cada bairro possuía um grupo e que periodicamente existia um grande encontro na Rua 31 de Março, para os diferentes grupos, para avaliar o que cada bairro havia feito “(...) *ou o que o outro bairro táva **necessitando** prá reivindicar*” (Paulina, p. 16).

D. Paulina referiu nomes de outras pessoas que também foram importantes neste grupo. As pessoas das quais se recordou já haviam falecido como “(...) ***Toninha**, dona **Belmira**, que já é **falecida**, a dona **Nina**, também é falecida...*” (...) (D. Paulina, p. 16).

O grupo de Mulheres da Periferia além das reivindicações era um espaço de encontro, lazer, palestras e cuidados às pessoas necessitadas.

*“(...) A gente fazia muito **lazer** assim, a gente se reunia, aí saía brincadeiras (...) (Era um local) de **encontro** também, de encontro, a gente **promovia palestra** sobre a saúde da **mulher**, por exemplo, quando chegava mês de **março**, a gente fazia encontros, prá*

*falar sobre a **saúde** da mulher, tinha representante prá falar (...). (Era um espaço) **de cuidados também** (Paulina, p. 16).*

Os grupos profissionalizantes vieram depois. Primeiro elas começaram a inter-ajuda, com troca de conhecimentos e em seguida, a partir de pressão do grupo, a Prefeitura passou a auxiliá-las com matérias e pagamento de monitoras. Algumas monitoras eram da própria comunidade, como D. Paulina na decoração de bolo e D. Terezinha, no crochê e no tricô, também citada por ela. Já D. Lourdes era voluntária de pintura em tecido. “(...) *Até a Dona **Lourdes** (foi) a primeira professora aqui, só que ela deu assim (como) **voluntária** (...)*” (D. Paulina, p. 17). Muitas pessoas se formaram no Centro Social. D. Paulina ainda referiu que as festas de encerramento de curso eram neste espaço e que ajuntavam-se com a turma do Nóbrega para festejar.

No final da década de 80, por diferentes motivos e em especial pela presença de pessoas voltadas para práticas ilícitas no próprio Centro Social, o grupo foi enfraquecendo, pois as mulheres procuraram “(...) *preservar a vida*” (D. Paulina, p. 17). Outros fatores associados foram: retirada da assistente social e do segurança, o espaço que era equipado foi sendo desmantelado, demonstrando dessa forma, a diminuição da presença do poder público no bairro.

“(...) ...porque mudou de partido, de prefeito, né...No tempo do Jacó, que agente tinha funcionando os dois Centros Sociais, tanto do Nóbrega quanto daqui, né, então tinha os cursos, todas as atividades. Aí quando entrou o Magalhães, aí... tirou as monitora, né tirou, porque agente ganhava um trocadinho, né da prefeitura, pra ser monitora, aí tirou tudo. Aí só ficou o Tranquedão com curso, através da prefeitura...(Antunes, 2003, p. 47).”

Outro aspecto que fora levantado por Antunes (2003) foi também o falecimento de figuras importantes na comunidade que conseguiam aglutinar as pessoas, “(...) *falta alguém que coordene as atividades...*” (Antunes, 2003, p. 59).

*“(...) **Olha**, acabou pelo seguinte, porque quando a gente tinha o grupo de **mulher** lá, a gente tinha uma **assistente social**, a gente tinha um **segurança** o dia **todo**, tinha o Centro Social **equipado com tudo**... (...)Aí, **de repente**, **você sabe mudou o prefeito**, tirou a **assistente social**, **tirou** o **segurança**, tirou **tudo** que tinha dentro do, do Centro **Social**, levou tudo embora. Aí como você ia lá? E a gente ainda continuou mais um tempo **mantendo**,.. Mas você chegar **lá** e encontrar **pessoas** estranhas, lá dentro, aí começamos (a) **ficar com medo**, aí... **abandonamos**” (D. Paulina, p. 17).*

D. Paulina considera que esse estilo de reuniões deixou de existir, mas a força da mulher na comunidade não parou, pois no início da década de 90, a partir de um convite de uma estagiária da PUC, as mulheres começaram a se reunir novamente, na Capela, para fazer ginástica específica. Nasce então o grupo Reviver. “(...) *daí formou esse grupo **REVIVER**, que não deixa de ser um grupo de **mulheres** também, porque são **mulheres** que participa(m)*” (Paulina, p. 18).

Grupo Reviver

O Grupo Reviver iniciou-se a partir de um convite realizado na antiga Capela da VCB após uma palestra que enfocou o tema referente às pessoas que estavam envelhecendo, “(...) *conversar sobre coisa de **interesse**, das pessoas dessa idade...*” (D. Aurora, p. 25). A palestra foi ministrada por Marilda, uma estagiária de fisioterapia ou terapia ocupacional (não souberam dizer). Essa palestra aconteceu no salão da antiga Capela da Vila Castelo Branco no mês de julho de 1991, com a presença de 8 a 10 mulheres. A palestra abordou questões referentes a alguns problemas relacionados com idade como artrose, arteriosclerose, mas mostrando que era possível conviver mais tranquilamente com esses problemas.

Neste dia foi indicada à necessidade da formação de um grupo para favorecer, além da convivência, a conquista de um envelhecimento com qualidade de vida. Essas mulheres foram estimuladas a se cuidarem mais e a “sair de casa” para se entrosarem com outras pessoas. D. Aurora foi a pessoa que batizou o grupo, dando-lhe um nome – Reviver; dizia que esse nome pode ser lido de trás para frente, apresentando a mesma palavra. Para ela o significado da palavra Reviver está inserido na mudança, mudar para se tornar mais bonita e se perceber.

“(...) ***Mudar, é mudar...** se você táva assim, como a Marilda falou: “Essas donas de casa que só ficam dentro de casa, cuidando de panela, de roupa, de tanque, disso aqui, tem que **mudar**, tem que viver pra elas mesmas, **se tornar bonita**”. Ela usou essa expressão, bonita, é **força de expressão**, né... mas, quer dizer que a gente tinha que **reviver** isso, tinha que voltar **atrás**, **reviver as coisas do passado**, **prá botar no presente**,...Então, por isso eu achei que esse nome **REVIVER** cabia bem,” (D. Aurora, p. 33).*

Iniciaram o grupo com auxílio da Marilda “(...) *aí a **gente** cedeu um **salãozinho** que tinha na **Capela**, no fundo assim, e ela **começou** dar uma ginástica prá gente, mas era uma ginástica mais **localizada** (...) (D. Paulina, p. 17). Depois o grupo ganhou “corpo” elas passaram a tocar o grupo sozinhos com coordenação de D. Aurora e com a assistente D. Zica. “(...) *Iniciamos **aqui****

(na Capela), aí depois apareceu uma **professora** na Praça dos Trabalhadores. Aí a gente **desceu pra lá** (Paulina, p. 17).

Reivindicaram então a presença de um educador físico, já na Praça dos Trabalhadores, e com o tempo veio a primeira professora de ginástica – Rosa Maria. Depois ela precisou sair e uma integrante do grupo ensinava as demais, a partir da experiência adquirida no próprio grupo. Esta pessoa não conseguiu nenhum honorário pela prefeitura, pois não era formada em educação física. Na sequência vieram vários outros professores, e atualmente contam com a presença do prof. Arlei, há mais de seis anos.

As primeiras pessoas que iniciaram o grupo foram “(...) **Zica... a Paulina, eu, a Cida Campos, (... Depois tinha a Maria Helena, que também não tá indo mais, (...)... tinha a Júlia, que faleceu... tinha Vera, ih tinha um par delas que já morreu...**” (D. Aurora, p. 25).

Dentre as 10 pessoas que iniciaram o grupo, apenas 4 permanecem no grupo, incluindo D. Aurora. Atualmente, contam, entretanto, com 40 pessoas associadas pela Associação dos Idosos e em torno de 60 pessoas praticantes da atividade física.

O Grupo Reviver é associado à Associação de Idosos de Campinas, “(...) **ela reúne... vários grupos de idosos da cidade, acho que são 22 grupos associados... e cada associado paga 2 reais por mês... e essa associação promove festinha, baile e... viagem, uma viagem por mês (...)**” (D. Aurora, p. 10).

D. Aurora coordena o grupo há 14 anos e diz que as outras integrantes acabaram se acomodando com a sua função, pois muitas delas relatam não ter “*leitura*” para assumir as exigências que uma coordenadora precisa. As funções que desempenha são: recolhimento das mensalidades e prestação de contas para a Associação de Idosos, compra e distribuição dos materiais e acolhimento de novas integrantes. D. Aurora por sua vez, gosta muito de desempenhar essa função, mas sente-se temerosa porque sabe que não poderá assumir a coordenação para sempre, pois “*não vou ficar pra semente*”, diz ela (D. Aurora, p. 11).

Além da atividade física e as viagens, o grupo também conta com atividades de artesanato, espaço também que foi sugerido por Marilda, no início da organização do grupo. “(...) **Teve a orientação da gente... ajudar um grupinho que gostasse de trabalhos manuais, né, e fazer. Então nos começamos, eu não lembro bem se a gente levava, coisa da gente (para) fazer, sei que depois... acho que a prefeitura mandou um pouco de material... (...)**” (D. Aurora, p. 27).

Essa atividade do grupo, que está reunindo em torno de 12 pessoas, iniciou-se no salão da Capela da VCB e, depois passaram a utilizar uma sala na Casa de Cultura Tainã. “(...) **só que tem pouca, é assim tem bastante que participa da ginástica, mas nestas atividades são poucas**

(pessoas), quanto no trabalho, como nas **festinhas** dos aniversariantes, são poucas pessoas (...)” (D. Paulina, p. 18).

O grupo tem parceria com a FEAC “(...) ajudou bastante, **ajuda até hoje** (FEAC)”. (D. Aurora, p. 27), que além de contribuir com materiais para artesanato, incentiva a formação do grupo através de palestras e cursos e também auxilia na venda dos produtos de diferentes grupos. Atualmente criaram o Balcão da Cidadania, localizado no Shopping Iguatemi. O grupo Reviver também participa desse projeto e realizam escalas para permanecerem nesse local “(...) *Quando eu posso, agora não tenho **ido por causa** que operou o joelho, mas já fui, já fui parece umas **par de vez**, quando eles faz (em) feira lá no shopping, já fui no **Galeria** e lá no **Iguatemi** eu já fui 3 vezes, é, e a noite, a gente vai, a gente entra a parte da **tarde** e sai a noite* (Inocência, p.29).

Os produtos vendidos são destinados metade para a artesã e a outra fica para caixa do grupo, que depois é revertido nas confraternizações de final de ano. Também realizam festas mensais de aniversariantes do mês e com a parte do material que não foi vendido realizam bingo para incrementar as festas.

“(...) *Se você faz uma **toalha**, uma coisa, **ai** você recebe a metade. (...) É, a outra **metade** fica com o grupo (...) pra comprar mais material... **agora**, nos temos também uma **caixa**, uma conta na Caixa Econômica... isso **ai** a gente usa esse dinheiro quando é pra fazer as **confraternizações** de fim de ano, fazer uma viagem, assim por conta do **grupo**, **ai** a gente usa esse dinheiro” (D. Aurora, p. 11-12).*

Outro fato interessante na entrevista: D. Aurora pegou algumas fotos do grupo para apresentar para pesquisadora. Nestas fotos havia pessoas que ainda participam do grupo, outras falecidas e ainda outras que não freqüentam mais o grupo, por motivos de saúde. É o caso de D. Déa, hoje integrante do Grupo Giravida, que parou de freqüentar, segundo D. Aurora, devido a uma fratura no fêmur. “(...) *A **Déa** participava até do **grupo de artesanato**, depois ela perdeu um pouco a **capacidade** das pernas, por causa daquele **tombo** que ela levou, quebrou fêmur, parece, e **ai** ela se **afastou**...*” (...) (D. Aurora, p. 31). D. Aurora guarda bastante carinho por ela e considera importante que ela continue em um outro grupo para continuar convivendo com outras pessoas, no caso, no Grupo Giravida. Interessante notar a troca de carinho entre as duas, pois na entrevista com D. Déa, ela fala com muita saudade do grupo Reviver e é muito afetuosa em relação a D. Aurora.

A primeira pessoa com quem D. Déa conversou no grupo foi com D. Aurora “(...) *então, (...) eu precisei de uma consurta no **postinho** e fui e passei por **dentro** do Clube dos*

Trabalhadores. E tinha gente fazendo ginástica. Aí eu falei assim aí meu Deus, como eu gostava de fazer ginástica. (Quando eu) voltei eles (es) tavam ali ainda. E aí eu perguntei o quê, que precisa para fazer ginástica? “Ah dona a senhora não precisa de nada, vem aqui dá o nome e entra aqui. Eu mais que depressa, eu não esperei muito. Foi, isto foi em 93 (D. Déa, p. 39).

No grupo Reviver “(...) *todas, todas, Nossa Senhora! Chegava uma que abraçava, a outra que abraçava a gente, que nem no Giravida, lá? A gente não tinha inimigo ali. A gente quer um bem as pessoas. Porque vai pegando aquela amizade.. Aquela coisa (...)*” (D. Deá, p. 39).



D. Aurora pousou para foto na sua sala. Permaneceu durante toda a entrevista com o Jornal Conexão Jovem no seu colo, tamanha a importância atribuída pela depoente na divulgação da imagem do grupo Reviver feita do Progen, ONG onde ela exerceu, no passado, o papel voluntário de educadora.

Figura 4: D. Aurora foto realizada no dia 18/02/2005. Ela exhibe um jornal comunitário realizado por adolescentes do Progen, intitulado Conexão Jovem, jornal que apresenta a região de forma positiva, recolhendo histórias interessantes com os idosos dos bairros e apresentando-as para toda a população⁶.

Grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe

O grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe iniciou-se juntamente com a inauguração do santuário em 1992.”(...) Cantinho (...) *começamo na, em 92, quando já na construção do Santuário, começamos a trabalhar com o Cantinho (...)*” (D. Lourdes, p. 13). D. Lourdes permaneceu 23 anos afastada da comunidade católica da VCB, participando somente no Jardim Aurélia “(...) *É, e quando voltamo(s) foi em 92 (para comunidade católica da VCB, que começamos de novo, aí já com o nome de Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe (...))*” (D.

⁶ O referido *fanzine* é uma produção de uma oficina de jornalismo, idealizada e coordenada pelo Dr. Amarildo Carnicel, jornalista, ligada a um projeto de pesquisa do CMU/UNICAMP.

Lourdes, p. 20). D. Lourdes ajudou a formar um grupo parecido no Jardim Aurélia, que atualmente permanece bem atuante.

D. Lourdes, coordenadora desde a formação do grupo, lembrou que o Cantinho foi o primeiro grupo a se formar na comunidade, o que denota a importância desse grupo para o impulso das organizações dos grupos comunitários posteriores

“(...) Eu acho que 1º a gente começamos pelo Cantinho, no início, bem no início, da Capela, como eu disse pra você, nos começamos com esse trabalho de costura, esse trabalho nosso. Então começamos primeiro lá na igreja, esse trabalho, depois é que formou esses outros (grupos de mulheres da periferia, Reviver) (...) O Cantinho é o primeiro! Desde o início aqui, só que não chamava Cantinho, tinha outro nome, acho que nem tinha nome, falava Bazar, trabalhava com o bazar” (D. Lourdes, p. 18-19).

O objetivo inicial do grupo era “(...) ajudar as famílias... pobres, carentes, **ensinar** elas a fazer os **trabalhos** (manuais) e também pra elas apreenderem (D. Lourdes, p. 14). Mas, segundo D. Lourdes, essa proposta não teve êxito, ficando a parte assistencial para as pastorais “(...) aí a parte ficou sendo da igreja, é assim, um trabalho beneficente (...)” (D. Lourdes, p. 14).

Atualmente, o grupo desenvolve um importante papel na Igreja, pois auxiliam diretamente na manutenção do espaço, assim como na obtenção de melhorias para Igreja.

“(...) E o Cantinho mantém, ele veste o altar, ele veste padre, veste o coroinha. Compramos muita coisa pro Santuário, agora mesmo nós compramos uma mesa grande prá reuniões, com 12 cadeiras, então a gente compra, já compramos geladeira, montamos a cozinha. Então o Cantinho fica nessa parte de manutenção” (D. Lourdes, p. 14).

*“(...) É assim, o **dinheiro** que arrecada, é tudo ali prá ajudar a **igreja**, prá fazer alguma **reforma**, prá comprar **alguma** coisa pra Igreja. Que nem se vê, cê viu aquela **grade**, em vorta da igreja?”* (D. Inocência, p.28).

Os encontros acontecem semanalmente às quartas-feiras, das 14h00 às 16h00, para realização de trabalhos manuais, “(...) vários trabalhos, bordado, pintura. É mais bordado e crochê (D. Lourdes, p. 14). Os trabalhos que não são vendidos são colocados como prenda no Chá/Bingo que promovem duas vezes no ano.

“(...) É, dias das mães, que é maio... (...) Depois de um tempo que surgiu o chá da primavera. (E tem o) da padroeira⁷, então (que) já são todas as pastorais que trabalham” (D. Lourdes, p.37).

“(...) O, o que é oferecido lá, assim, tem, os comes e bebe. Então, e depois tem o bingo, é, tem o bingo do chá” (Inocência, p. 29).

O grupo Cantinho também realiza no Santuário vendas de artigos religiosos, *“(...) lá dentro tem um bazarzinho que vende artigos religiosos (...) que funciona 3ª, sábado e domingo”* (D. Lourdes, p. 14 e 22).

No grupo há 12 pessoas com forte presença *“(...) Já chegou (a ter) mais de 20 (...) só que vai envelhecendo, tendo doença, vai ficando mais difícil (a participação)”* (D. Lourdes, p. 15).

D. Lourdes avaliou que o grupo, além de prestar auxílio para igreja, é um espaço de convívio e troca de aprendizado e sentimentos entre as participantes, constituindo-se num grande laço de amizade que acompanhou o envelhecimento das pessoas que dele participam. Para ela, o grupo favorece a reunião das pessoas *“(...) a gente, forma um laço familiar, a gente tem as pessoas, o nosso grupo, são tudo amigas, são como da família, uma partilha do sofrimento da outra, das alegrias (...)”* (D. Lourdes, p. 20).

Grupo Giravida

Há muito tempo que o tema idoso era discutido nas pastorais da saúde, em especial naquela do Santuário (VCB). A realidade das visitas provocava inquietações nos agentes da pastoral da saúde, em decorrência da percepção do aumento significativo do número de idosos, somado às limitações físicas, sensoriais e cognitivas, e principalmente ao isolamento dessas pessoas em relação aos grupos de convívio. O que também era agravado pela pouca organização das famílias, que dificulta cuidar desse idoso. As ações da pastoral da saúde intensificaram-se para essa clientela, bem como discussões começaram a aflorar entre os grupos, também incentivada pelos profissionais da saúde da região. Um caso em especial aqueceu as discussões e

⁷ Festa da Nossa Senhora de Guadalupe, comemorada no dia 12 de dezembro. Para organização da festa, existe a parceria das outras comunidades católicas da região.

inquietações sobre: O que fazer com idosos dependentes e sem apoio familiar? Clotilde expôs com muita emoção o caso de D. E.. que mobilizou diferentes setores para resolução do mesmo.

*“(...) D.E. que morava lá de frente para a **igreja**, também assistida pela **pastoral**, ela ficou **doente**, mas antes dela (...) se internar, **primeiro** internou a filha **dela**. Ela morava com uma filha. A filha internou no **hospital**, não lembro qual o problema, qual foi (o) da filha, e a própria **assistente social** (do hospital) para não deixar ela **sozinha** em casa, porque ela já (es) tava assim bem debilitada, (...) **internou** ela também. (...) E para a nossa surpresa, o quê que **aconteceu**? A filha veio a **falecer** (...) E aí ficou aquele problema, e agora? A assistente social **ligava** para a gente, porque tinha o nosso telefone, como (referência)...”* (Clotilde, p. 18).

O caso, como relatou Clotilde, era muito complexo, principalmente por que a única referencia dessa senhora era a filha que acabara de falecer. Depois de muita discussão, a única solução da época era o asilamento. (...) *Aí nós, **falamos** prá assistente social conseguiu **arrumar** uma casas de **repouso** na qual eu comentei com você, mas (lá) não tem amor, é simplesmente prá pegar **dinheiro**, mas eu até agradeço, porque na **época** foi o que **acolheu** ela. Nós levamos ela para lá na intenção de todo mês deixar uma cesta **básica** pra esta pessoa e ela **passou** também o salário que ela ganhava, prá esta **casa**, que cuidava dela (...)*” (Clotilde, p. 18).

Aparentemente a situação dessa senhora tinha se resolvido, mas para Clotilde ainda não era o que ela esperava, pois novos casos continuavam surgindo, levando a novas ações e reflexões.

No ano de 1996, um médico geriatra professor da PUC-Campinas, com grande atuação no programa domiciliar do idoso na região, laçou a sua intenção de formação de um Centro Dia para Idoso. Mas, para tanto, não queria se envolver com vínculos religiosos e políticos. *“(...) nós fomos **procurar** ele. Se a gente pudesse se **ajuntar** e fazer alguma **coisa**. Aí ele falou assim não, porque ele já (es)tava vendo já que ele tinha **condições**, de fazer uma casa (...)*” (Clotilde p. 19). Mesmo com a decisão dele, de não ajuntar as forças, eles ficaram contentes, pois algo seria feito pelos idosos. No entanto, o projeto da Casa Dia não foi para frente.

Depois, passaram-se alguns anos, Clotilde ainda continuava com o trabalho de visita aos idosos, mas percebeu que estava esfriando a idéia de um espaço diferente para o idoso. Foi quando procurou Inês, que estava na frente da articulação de todas as pastorais na época, expondo a sua vontade de *“(...) fazer uma **casa** assim, que eles até **dormissem**”* (Clotilde, p. 20).

*“(...) Porque estava mais no **coração** da Clotilde, esse negócio de asilo, essas coisas, porque na cabeça dela, ela queria um asilo (...) “Porque tem muita gente que fica não sei o que, sozinha...”, ela tem essa vivência muito mais que eu, de visitação, dessa coisa, porque eu comecei a fazer, faz **pouco tempo** (...)” (Inês, p. 27).*

Nesta ocasião, o tema da Campanha da Fraternidade de 2003 era o Idoso e a pastoral que se responsabilizou para dinamizar a campanha foi a Pastoral da Saúde. Iniciaram assim, reuniões para discutir essa questão, primeiramente com idéia inicial de Clotilde. *“(...) A Inês achou **melhor** ... separar,... então ficou **reunião** assim... **separadas**, a pastoral da saúde e as... desse grupo que **queria**... que (es)tava com essa **idéia**, de... ter um **local** assim, para acolher o idoso...” (Vera, p. 15).*

*“(...) **Reunimos**, marcamos uma **reunião**, reunimos com as outras **comunidades**, que é o **Nóbrega**, que é a **Maria Mãe do Povo**, o **Garcia que a Nossa Senhora Auxiliadora**, o **Guadalupe**, e o **Deus da Vida**,, que é do Parque; e **reunimos**, e é mas são todos da **Paróquia**, todas pertencem à Paróquia. **Prá gente discutir esse problema**, e da **vontade** que a gente tinha de **formar** esse, um grupo, ou como se **cria** .(...)” (Clotilde, p. 20).*

Em seguida, realizaram um convite para a Jô, também agente da pastoral, que estava afastada no período de faculdade, para que participasse devido a sua experiência, desenvolvida com idosos, no seu período da Faculdade de Assistência Social.”*(...) Daí juntou com a **Clotilde**, que (es)tava querendo um **asilo**, e a Jô, que tinha todo esse conhecimento... ela conseguiu assim, falar, conseguiu **ir colocando** que era possível, que a gente tinha que começar procurando um **lugar**, porque ela tinha experiência, a gente não **sabia** nem por onde começar... “Olha, a gente pode começar com uma **coisa simples**, assim (...)” (Inês, p. 27).*

As discussões aglutinaram várias representantes das pastorais para pensar nesse novo espaço. As primeiras pessoas eram: *“(...) Eu (Vera), a **Clotilde**, a **Inês**,... aí ela trouxe a... a **Jô**, (...) **Rosinha**,... (...) **Daguimar**,... (...) A **Maltide**, a... **Madalena**,...Dona Neusa,... (...) **Vani**, **Zélia**... **Paulina**. também, a **Sônia** então começou assim várias... (Vera, p. 16).*

*“(...) **Inspirado** pela campanha (da fraternidade) mesmo, (...) a gente começou a fazer as **reuniões**, tentar colocar no **papel**, aí a gente **sonhava** alto, e de repente via que não **dava**, e nosso maior problema era falta de recurso **mesmo**... porque a gente não tinha*

onde,, a gente não queria assim que fosse algo de igreja, a gente queria que fosse uma coisa que pudesse ser aberta a todos...! (...) (Inês, p. 27-28).

Nesse sentido, foram percebendo que a idéia do asilo não seria viável. E assim, outras alternativas foram levantadas “(...) A gente foi vendo que, de **momento**, era muito **difícil**, ainda prá gente começar, assim, por causa dos meios mesmos. De **profissionais**, de pessoas mesmo prá trabalhar no local, cuidar. Então a gente foi vendo a possibilidade de ser essa **Casa Dias**...” (Clotilde, p. 20).

Para Vera o sonho da casa-dia era muito forte “(...) A **gente sonhava muito... da Casa Dia**, tinha muitos **sonhos** assim,... aí começou fazer **visitas**,... (...) a gente foi lá... visitar aquela Casa Dia... em **Rio Claro**... visitar, fomos em uma outra aqui em **Campinas**... fomo começando assim,... fazer as visitas prá ver como que **funciona**” (Vera, p. 16).

No entanto, a idéia do Centro Dia não pôde ser viabilizada de imediato, devido a limites financeiros e à falta de recurso para contratar pessoas capacitadas. As discussões levaram a uma idéia de se criar um projeto de atenção ao envelhecimento, intitulado Giravida, que no futuro pudesse virar uma associação para viabilizar os espaços destinados ao idoso, como teria sido o Centro Dia.

O grupo não quis esperar a formação de uma associação para disponibilizar um espaço significativo para o idoso. As agentes das diferentes pastorais começaram a realizar uma triagem para verificar a realidade dos idosos e questioná-los sobre o desejo em dispor de um grupo semanal de encontro. “(...) gente se **organizou** tudo e falou: “**Não, então vamo(s) iniciar com um dia por semana**”,, que foi o que aconteceu e **parou** nisso, um dia por semana” (Paulina, p. 18).

“(...) A gente fez uma **triagem**. Foi assim indo até as casas **entrevistando**, explicando como seria. Eu já conhecia várias pessoas. Mas cada **comunidade** fez a **triagem** que fez (a) parte do seu bairro, visando aquelas pessoas que gostaria(m) e **poderiam** estar participando” (Clotilde, p. 26).

Inês relatou que foram realizadas parcerias, como a parceria com a Associação dos Moradores do Jardim Garcia para acolher o Grupo Giravida. Em 7 de abril de 2004, depois de um ano de discussões sobre o tema, inicia-se o Grupo Giravida.

“(...) **O primeiro evento**, (...) foi na **sede do Garcia**. E eu não me lembro agora com quantas pessoas que **compareceram** lá, (...) mas foi um número assim **ótimo**. Foi um número

bom. E a gente ficou **muito feliz**, com, o **resultado**, da primeira, do primeiro dia e começamos a **trabalhar**. Nós fizemos um **chá**, prá **arrecadar** uma verba, prá isso (...)" (Clotilde, p. 21).

O grande objetivo do grupo era atingir as pessoas que estavam restritas a pouco contato social devido a alguma limitação. Mas, o grupo não contava com um transporte para buscá-los e estavam temerosos com tamanha responsabilidade. Clotilde não se intimidou e usou seu carro para buscar duas idosas "(...) **Contrariei** eu acho, até as idéias das **outras pessoas do grupo**, catei meu **carro**, que fazia num sei quanto tempo que eu não **dirigia**. (...) eu falei **Deus vai comigo**. **Aí fui**, catei a dona Isolina, **aí fui lá**, peguei a dona Clarinda, (...) **Aí eu levei elas**, nossa! **Ficaram felicíssimas**" (Clotilde, p. 21).

A atitude tomada por Clotilde surtiu grande efeito, como mostra o depoimento de D. Izolina. "(...) **Ela veio me buscar** uns dias, depois **arrumou perua**" (D. Izolina, p. 16). Em pouco tempo, uma perua foi contratada para trazer os idosos cadastrados pelas agentes, através da doação por uma das organizadoras do grupo.

"(...) a gente tem a **Van** que vai nas casas **buscar**... os idosos que não pode(m)... ir **sozinho(s)**... então, é uma parte **gostosa**, vai (...) eu, a Sônia e o João (motorista), então... é **gostoso**, .. ir na porta assim, receber... **colocar** na Van... chegar lá, tirar eles" (Vera, p. 17).

O grupo reunia-se às quartas-feiras, mas depois de um ano passou para as terças-feiras "(...) das duas as **cinco**, e a atividade que eles têm... ah é um **grupo** também que é assim **homens e mulheres**, que podem **participar**, homens, mulheres. (...) "(Clotilde, p. 21). "(...) A gente participa também da **roda**, das **brincadeiras** (dinâmicas), das atividades que tem **lá**... e do **lanche** também" (Vera, p. 18).

As reuniões têm acontecido no "(...) **salão do Guadalupe**, que foi cedido pelo **párc**" (Clotilde, p. 23). No entanto, ainda o grupo não dispõe de um local próprio que garanta maior segurança e continuidade da idéia inicial, que era a formação do Centro Dia "(...) A gente sabe que é uma coisa que eles podem às vezes **precisar**, para outras até **entidades**, porque não (...) **existe só um grupo**" (Clotilde, p. 23).

Pode se observar que o sonho de Clotilde também é o sonho do Grupo Giravida "(...) **E é isso** que a **Clô** quer um dia, ver esse **sonho realizado** de ter uma casa, de ter um parque, eles ter(em) assim o seu **envelhecimento**, seu final de tempo **feliz**" (Clotilde, p. 13).

E o depoimento de D. Déa também impulsiona a continuidade dessa caminhada “(...) *Ah eu gosto. Nossa! Eu não vejo à hora de ir no Giravida. Se viu a Vilma, como ela chora? A Vilma diz que é a coisa mais linda que aconteceu na vida dela, foi o Giravida(...)*” (D. Déa, p. 42).

2 PERFIL-SÓCIO OCUPACIONAL

Foram 14 mulheres e dois homens que participaram das entrevistas. As idades das 14 depoentes variam de 83 anos a 44 anos de idade. Dentre elas, cinco correspondem a idosos com idade avançada, ou seja, 75 anos ou mais; três estão na faixa de 65 anos a 74 anos e; seis são consideradas mulheres de meia-idade.

A maioria das depoentes é natural do interior de São Paulo, correspondendo a 10 pessoas. Apenas uma entrevistada nasceu em São Paulo - Capital e três delas são do Estado de Minas Gerais.

Em relação ao estado conjugal, as depoentes se enquadram em três categorias: oito casadas cinco viúvas e uma solteira.

No item escolaridade, seis das entrevistadas têm o primário completo; uma tem o primário incompleto e uma não é alfabetizada; três apresentam ginásio completo e uma tem colegial completo. As outras duas fizeram o superior completo, como faculdade de Direito e Serviço Social. Vale destacar que as pessoas com idade mais avançada tiveram até o primário completo, o que podemos explicar pelas dificuldades relatadas pelas idosas na infância de completar os estudos, pois tinham que trabalhar ou a acessibilidade a escola era muito deficitária. Por sua vez, as entrevistadas mais novas apresentaram maior escolaridade, indo do ginásio completo ao superior completo.

Na questão religiosa, todas afirmaram ser católicas, na sua maioria participam das celebrações nas Comunidades católicas e no Santuário da Nossa Senhora de Guadalupe, como também participam de grupos de orações, nas Pastorais de Saúde, Batismo, Crisma, e até mesmo no grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe, cuja arrecadação, através da venda dos produtos das atividades manuais grupais, é revertida para manutenção das obras da Igreja.

A maioria das entrevistadas realizou mais que um curso profissionalizante, sete das entrevistadas fizeram curso ou aprenderam a costurar; quatro realizaram curso de bordado, três fizeram curso de datilografia, duas aprenderam a decorar bolos, duas fizeram curso de pintura em tecido, uma realizou curso de telefonista e outra de manicure, pedicure e cabeleireiro. Uma entrevistada realizou na PUC um curso de dinâmica hospitalar para trabalhar na copa e outra, de

relações humanas, para aprimorar o trabalho de coordenação de grupos comunitários. As duas pessoas que fizeram curso superior também realizaram curso técnico como de Edificação, em Limeira e de Tecnologia de Alimentos no Cotuca.

As profissões eleitas como as principais na vida das depoentes foram: três trabalharam como costureiras, uma como pregadeira de botão, uma ordadeira e tecelã de rede; duas trabalharam no comércio; duas foram do lar. Os outros trabalhos foram de: lavadeira, faxineira doméstica, telefonista, bilheteria de cinema, auxiliar administrativa da Companhia da Estação Ferroviária, lavradora, boleira, funcionária pública – Oficial de Justiça, assistente social e voluntária. Atualmente, três das entrevistadas trabalham formalmente como: Oficial de Justiça, comerciante e assistente social. No trabalho informal, quatro entrevistadas continuam realizando atividades como: costura, crochê e bordado, e confecção de bolos, para aquisição de renda complementar.

Em relação à renda as fontes das depoentes variam, obtendo-a a partir de diferentes meios: cinco delas recebem pensão do marido, de quatro a aposentadoria vem do cônjuge, três recebem aposentadoria e dois continuam recebendo formalmente. A renda varia de um a nove salários mínimos.

Já no item satisfações de renda, sete mulheres avaliam como regular sua situação econômica para satisfazer suas necessidades básicas de alimentação, moradia e saúde. Outras cinco depoentes consideram boa e apenas duas relatam como muito boa sua satisfações com a renda.

Dentro da abrangência dos bairros do Centro de Saúde Integração, apenas o Jardim Paulicéia não teve representatividade. Acreditamos que a questão geográfica desfavoreça o deslocamento das pessoas desse bairro para os grupos estudados. As entrevistadas correspondem: há cinco moradoras do Jardim Garcia, quatro moradoras do Bairro Padre Manoel de Nóbrega, sendo que três residem no Parque dos Eucaliptos⁸ e uma tem comércio na região. Outras duas moram na Vila Castelo Branco e três no Jardim Londres.

O tempo de moradia das entrevistadas nestes bairros varia de 20 a 38 anos. Apenas uma depoente mora atualmente em casa alugada no mesmo bairro, pois morava na casa de seus pais, que foram os primeiros moradores do Jardim Garcia, mas que recentemente, foi pedida por seus irmãos para alugá-la.

⁸ Uma parte dos moradores do Parque dos Eucaliptos denomina como Jardim Londres e a maioria como Vila Padre Manuel da Nóbrega. Geograficamente o condomínio fica na intersecção dos dois bairros.

A maioria das entrevistadas morava em outros bairros da região mais central de Campinas, em moradias alugadas, e depois vieram residir em casas próprias nos bairros elencados. Essa situação se aproxima dos dados obtidos com o histórico da origem das primeiras habitações populares de Campinas, como foi destacado na introdução desse trabalho. Assim, 11 entrevistadas moravam em diferentes bairros, como: São Fernando, Nova Europa, Guanabara, Aéro Continental, Jardim do Lago, Cidade Jardim, Bosque, Vila Industrial, Ponte Preta, São Bernardo, Santa Odíla, Vila Teixeira, e na (Guanabara) Avenida Brasil, antes de residirem definitivamente nos bairros estudados. Já três entrevistadas moraram também no Centro de Campinas e outras duas no Jardim Proença. E apenas três entrevistadas vieram “direto” de uma outra cidade para residirem nos bairros estudados.

Dentre as entrevistadas 11 moram com algum familiar nas seguintes configurações: a) quatro moram apenas com o esposo; b) três moram com filho(a) e o esposo; c) uma reside com a neta e esposo da neta; d) uma mora com o esposo, filha, genro e neto, e d) uma mora com a filha, genro e neta. E apenas três mulheres vivem sozinhas, sendo que essas três mulheres também são viúvas.

Em relação à saúde percebida 10 entrevistadas consideram boa sua saúde e não apresentam limitações. As outras entrevistadas percebem e/ou avaliam sua saúde como boa, mas apresentam alguma limitação: a) uma considera que sua limitação visual a impossibilita de desempenhar atividade de vida prática (AVPs), como ir ao banco sozinha, tocar teclado e se deslocar para grupo de convívio sozinha; e b) três entrevistadas apresentam limitações na locomoção, precisando de auxílio como bengala, andador e cadeira de rodas, sendo que uma apresenta dificuldades na atividades de vida prática e uma tem limitações para desempenhar atividades de vida diária (AVDs), como na locomoção, no banho e no vestir-se.

Os esposos foram a principal pessoa a que as depoentes recorreriam, caso precisassem de algum auxílio, de acordo com cinco entrevistadas. Dentre as outras entrevistadas⁹, quatro pediriam ajuda a suas filhas, quatro para seus filhos, duas para netos, uma para seu pai e/ou namorado e uma para um irmão. Dentre as entrevistadas, três associaram pessoas fora da família e a algo superior, como vizinha, Padre Bruno e duas pessoas recorreriam primeiramente a Deus.

Todas as entrevistadas apresentam rede de relacionamentos significativos, tanto em atividades na comunidade como em atividades religiosas: a) comunidade: 10 entrevistadas freqüentam ou coordenam o grupo Giravida, quatro depoentes freqüentam o grupo Reviver e uma

⁹ Referiram mais que uma pessoa quanto foram perguntadas sobre: “Se Precisar de algum auxílio, qual a primeira pessoa a que a sra. recorreria?”

está afastada desse grupo, três entrevistadas freqüentam o grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe, duas mulheres fazem parte do Eixo Idoso (Grupo de profissionais da assistência social e saúde da Região Noroeste de Campinas e representantes de grupos de idosos que discutem melhorias e ações desenvolvidas com a população idosa) e duas entrevistadas referem que fazem visitas aos doentes não vinculadas a programa religiosos. Outras atividades apontadas foram: viagens mensais, grupo Fazedores da Paz – escola, Coral Sentido da Vida, bailes, Conselho local de Saúde, reuniões da Intersetorial; e b) religiosa: seis das entrevistadas participam da Pastoral da Saúde, quatro entrevistadas se referiram a ir a missa como uma atividade religiosa, três mulheres apontam a Comunidade Deus da Vida e uma depoente, a Comunidade Nossa Senhora Auxiliadora como significativas em suas vidas; duas depoentes participam da Pastoral de Batismo. Outras atividades religiosas elencadas foram: Grupo Missionário, Grupo da Paz¹⁰, Ministra da Eucaristia, Coordenação da Mãe Rainha, Floriania¹¹, Pastoral da Liturgia, Pastoral da Crisma e Conselho Econômico. Dentre as entrevistadas, duas participam da Associação dos Idosos e da FEAC¹², uma entrevistada participa da Associação dos Ferroviários, com atividades semanais de atividade física, uma entrevistada refere que auxiliou, como incentivadora, a formação da cooperativa de materiais reciclados na Vila Castelo Branco.

Em relação ao auxílio recebido na comunidade (vizinhos, amigos, grupos), quatro entrevistadas recebem auxílio de diferentes fontes da comunidade: três recebem visitas para obterem a Eucaristia, três recebem auxílio dos vizinhos, duas recebem do Grupo Giravida e uma recebe auxílio dos funcionários do seu prédio. Dentre as entrevistadas, seis que recebem auxílio da comunidade, mas se beneficiam com os grupos social e psicologicamente, três depoentes prestam auxílio, mas mantêm ajuda mútua com os vizinhos, e uma tem sua loja como espaço de rede social para as freguesas que lá freqüentam.

Inspirada no Mapa Mínimo de Relações (Sluzki, 2003), modificado e adaptado por Domingues (2000) – Mapa Mínimo de Relações para Idosos (MMRI), fizemos um gráfico de relações que mantivemos a configuração circular, onde as relações entre as depoentes foram diagramadas contendo uma sinalização em três níveis, da maior (mais central) para a menor em proximidade e/ou envolvimento com família, comunidade, amigos e serviços de saúde (Anexo 6), para dimensionar a proximidade de relacionamentos das depoentes. A forma como elaboramos as perguntas nas entrevistas, bem como as siglas e a síntese das entrevistas foram criados por nós.

¹⁰ Grupo de oração organizado por uma liderança da Comunidade, D. Isabel, que se encontra semanalmente em uma praça da VCB com objetivo de serem uma resistência contra a violência.

¹¹ Floriania é uma divisão da Igreja Católica, que aglutina representantes de cada paróquia. É composta por 11 paróquias (baseado no depoimento de Maria Inês, p. 4-5).

O gráfico das relações, que tomamos a liberdade de traçar a partir do trabalho desenvolvido por Domingues (2000), possibilitou um desenho das relações levantadas pelos depoimentos, servindo dessa forma como auxílio para visualização da proximidade de relacionamentos. No *Quadro 4*, elaboramos siglas e categorias correspondentes para facilitar a leitura do gráfico. Na *Figura 5*, ao lado de cada código, encontra-se o número dos entrevistados que mantêm a proximidade de relacionamentos em cada nível, isto é, a soma não corresponde ao número de participantes, mas sim à frequência da proximidade expressa por cada entrevistada.

Quadro 4: Siglas, categorias para compreensão do gráfico das relações sociais das entrevistas.

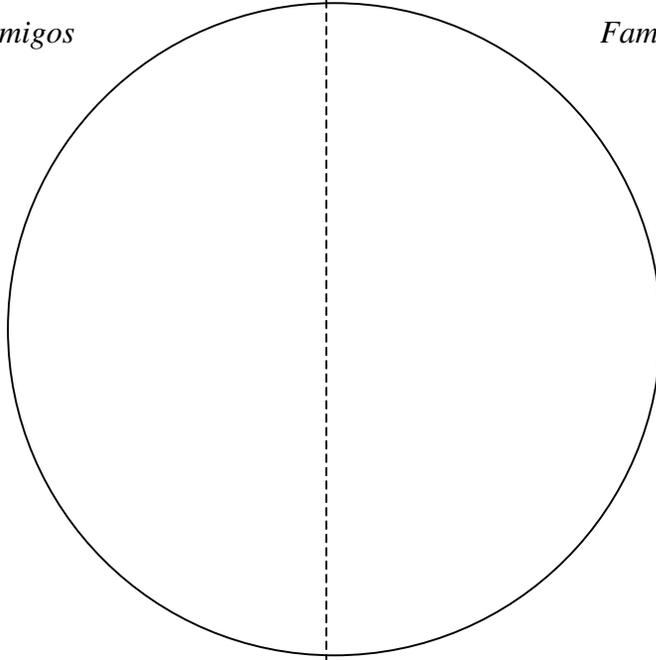
SIGLAS	CATEGORIAS	SIGLAS	CATEGORIAS
FA	Filha	PUC	Hospital da PUC
FO	Filho	CM	Convênio Médico
FOS	Filhos	CLS	Conselho Local de Saúde
NA	Nora	MS	Médico do Sindicato
GE	Genro	CC	Muitos colegas
NOS	Netos	A	Amiga(o)
NE	Neta	A2	Dois amigos
IA	Irmã	A3	Três amigos
IOS	Irmãos	A3+	+ de três amigos
EO	Esposo	VOS	Vizinhos
FM	Família do Marido	FG	Frequesia
COS	Cunhados	GV	Grupo Giravida
P	Pai	GR	Grupo Reviver
M	Mãe	CG	Cantinho N Sª. de Guadalupe
TOS	Tios	GP	Grupo da Paz
PRS	Primos	GO	Grupo de Oração
NO	Namorado	CSV	Coral sentido da Vida
SO	Sobrinho	AR	Atividades religiosas
CS	Centro de Saúde	OS	Pastoral da saúde
IG	Igreja	CDV	Comunidade Deus da Vida
NA	Namorada	EA	Esposa ¹³

¹² Federação das Entidades Assistenciais de Campinas

¹³ Última linha corresponde ao mapa mínimo dos entrevistados

Amigos

Família



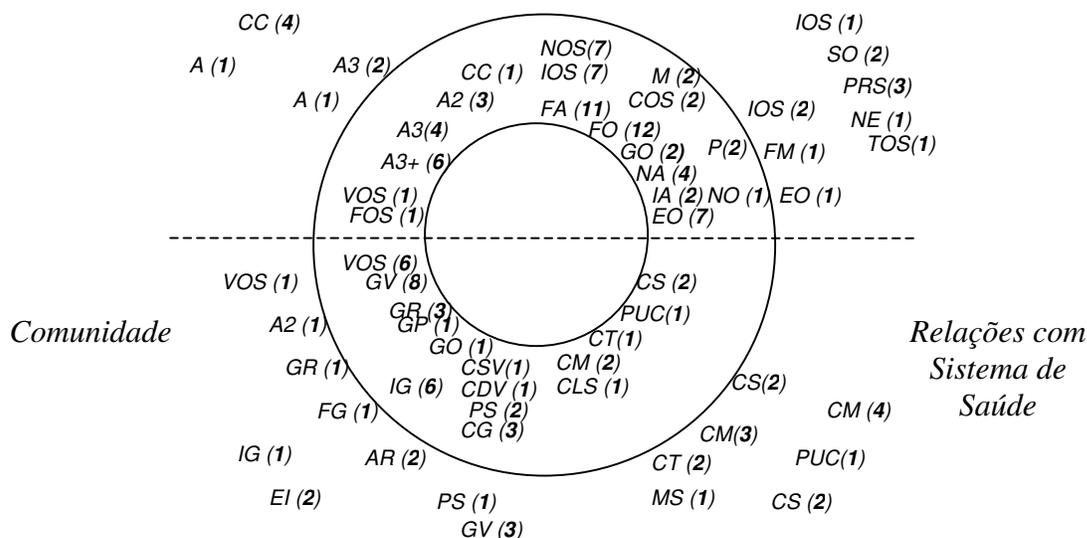


Figura 5: Mapa Mínimo de Relações com Idosos adaptado: síntese de resultados.

As depoentes elegeram a família como a mais importante relação. Quanto ao parentesco – filhos apareceram como o mais expressivo, cabendo ao filho maior expressividade. Em seguida a filha e, na seqüência, o esposo.

Em relação aos amigos, seis entrevistadas têm na sua rede mais próxima de relacionamento mais que três amigos, duas têm três amigos e quatro delas tem dois amigos. Os colegas (mais que um) aparecem no terceiro nível de proximidade, com expressividade para quatro mulheres, demonstrando a manutenção ao longo da vida de seus relacionamentos.

Na comunidade, os grupos pesquisados aparecem no primeiro nível de proximidade de relacionamentos. Nas atividades religiosas, a Igreja aparece com expressividade: seis mulheres a apontaram como significativa; assim como a atuação religiosa, como a pastoral da saúde, grupos de orações.

Os vizinhos estão presentes nas redes significativas de proximidade nos quadrantes *comunidade e amigos*.

No Quadro 5, foram indicados o perfil sócio ocupacional e rede de relacionamentos divididos em duas tabelas a primeira destacou mais a vida ocupacional e a segunda saúde percebida, ou seja, como percebem sua saúde e rede de suporte social. Os itens foram levantados do questionário de entrevista do perfil sócio-ocupacional dos depoentes (Anexo 6).

Quadro 5: Perfil sócio-ocupacional e rede de suporte social

Nome	Idade	Naturalidade	Estado Civil	Religião	Escolaridade	Cursos	Bairro/ tempo de moradia dos Eucaliptos	Condição de moradia	Arranjo doméstico	Bairro anterior (s)
Déa	83	Amparo SP	viúva	Católica	Primário completo	Datilografia, costura e bordado	Nóbrega Parque dos Eucaliptos 22 anos	Própria	Sozinha Auxílio da filha	Centro, Proença, Guanabara, Bosque
Izolina	82	Iguape MG	viúva	Católica	Primário completo	Não fez curso, mas aprendeu a costurar	J. Londres 34 anos	Própria	Filha/ neta, esposo da neta	Iguapé, Pratápolis Catanga -MG
Isabel	82	Piasununga SP	viúva	Católica	Primário completo	Datilografia e costura	J. Garcia 31 anos	Própria	Sozinha	VI. Industrial
Clarinda	78	Águas da Prata SP	casada	Católica	Primário completo	Costura	J. Garcia 33 anos	Própria	Esposo, filhos	Cidade: Aguai
Benedito	77	Amparo SP	casado	Católico	Primário completo	Ajustador mecânico - SENAI	VCB 38 anos	Mora na casa de sua sogra	Esposa, sogra	Marieta, Av. João Jorge
Aurora	77	Campinas SP	casada	Católica	Primário completo	Decoração de bolo, costura, Relações Humanas	J. Garcia 32 anos	Própria	Esposo, neto	São Bernardo, Ponte Preta, Centro
Inocência	74	Nova Gramada SP	casada	Católica	Não alfabetizada	Aprendeu por vontade própria a bordar	Nóbrega 27 anos	Própria	Esposo	Patrocinio, Palestina, Nova Granada, 10 anos V. Teixeira
Paulina	69	Águas Claras SP	casada	Católica	Primário incompleto	Decoração de bolo, pintura. Deu cursos no Centro Social	VCB 38 anos	Própria	Esposo, filha, genro e neto	Getulina, V. St. Odila
Lourdes	68	Lambari MG	viúva	Católica	Primário completo	Costura, flores, cabeleireira, manicure, pintura em tecido. Deu cursos no Centro Social	VCB 38 anos	Própria	Sozinha	Centro, S. Bernardo
José	64	Maranhão Pernambuco	viúvo - namorada	Católico	Primário completo	-	J. Garcia 2 anos, mas ajudou reformar 27 anos atrás	Própria sociedade com a namorada	Namorada	Taquaral, Jd. Nova Europa
Clotilde Cló	56	Guariba SP	casada	Católica	Ginásio completo	Costura, dinâmica hospitalar	J. Londres 36 anos	Própria	Esposo e filho	Guariba, Araraquara -SP
Maria José	53	Limeira SP	casada	Católica	Superior completo	Educação, Especialização em Sistema de Família e Comunidade	Nóbrega Parque Eucaliptos 23 anos	Própria	Esposo, filho filha (faculdade fora)	Limeira, São Fernando
Sonia	52	São Paulo	casada	Católica	Ginásio incompleto	-	Nóbrega 24 anos de comércio	Própria	Esposo	São Paulo, Nova Europa
Vera	52	S. Sebastião do Paraíso MG	viúva	Católica	Ginásio completo	Bordado	J. Garcia No geral 32 anos - 17 anos (viúva)	Alugada Estava morando na casa que era de seus pais, mas seus irmãos pediram a casa	Filhas, genro, neta	Mogiana Estação Guanabara, Garcia Proença, Valinhos, Aero Continental
Zilda Zildinha	51	Parapuã SP	casada	Católica	Colegial completo	Datilografia, telefonista, bordado	J. Garcia 20 anos	Própria	Esposo	Centro, Luzitana, Nóbrega, Parque dos Eucaliptos
Maria Inês	44	Maria SP	solteira	Católica	Superior completo	Tecnologia de Alimentos	Londres, Parque dos Eucaliptos 24 anos	Própria	Pai, filho	Maria, Jd. do Lago, Cidade Jardim

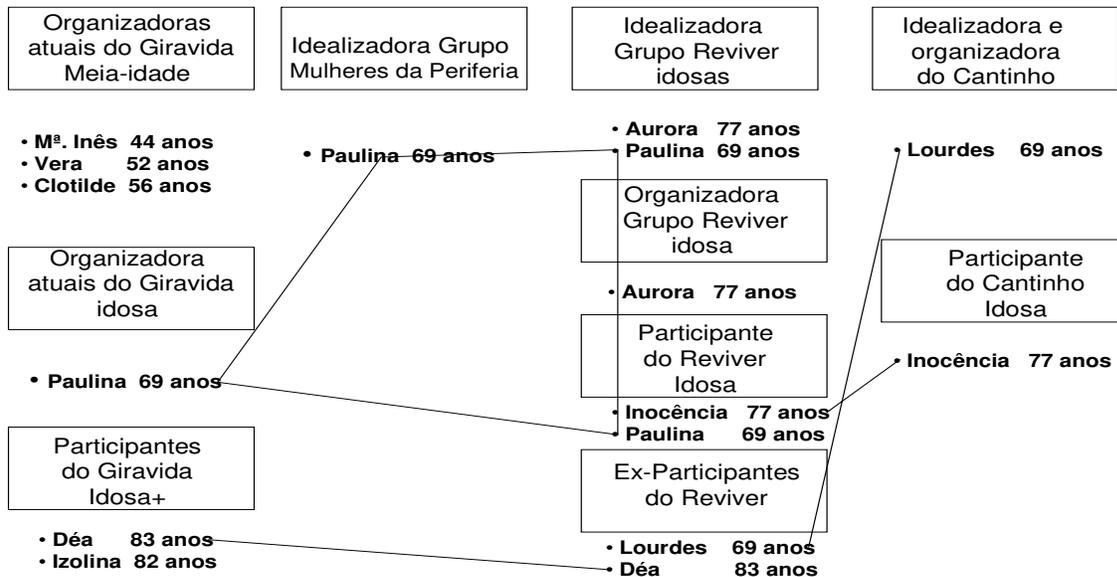
Nome	Principal ocupação	Ocupação atual	Situação econômica percebida	Saúde percebida	1.º pessoa que recorre	Recebe auxílio da comunidade/ Rede Social
Déa	Costureira, comerciante	—	Boa	Boa, mas apresenta alguma limitação (visão e locomoção)	Filha	Vizinhos, funcionários do prédio, comunidade Deus da Vida/ Giravida Comunidade Deus da Vida
Izolina	Do lar	—	Regular	Boa, realiza as AVDS - limitação para locomover	Neta	Giravida vizinhos/ Eucaristia
Isabel	Costureira, Auxiliar Administrativa da Companhia da Estação Ferroviária, Bibliotecária de Cinema	Costura não formal	Boa	Boa Sem limitação	Irmão	Presta auxílio. Não recebe auxílio, mas se beneficia com o grupo social e psicologicamente/ Cantinho N.º Senhora da Guadalupe, Grupo da Paz, Ministra da Eucaristia, Visita aos doentes, Associação de Ferroviários Ginástica 2 X semana
Clarinda	Curtume 12, empregada doméstica	—	Regular	Apresenta dificuldades para avds - cadeirante	Esposo e filhos	Eucaristia, Giravida/ Giravida e missa
Benedito	Ajustador mecânico, vendedor ambulante	—	Boa	Boa, sem limitações	Médico	Não/ Reviver e Coral Sentido da Vida
Aurora	Ordadeira/costureira, tecelã de rede, encamegada	Croché, bordado Informal	Boa	Boa, sem limitações	Esposo	Presta auxílio, mas mantém ajuda mútua com os vizinhos/Reviver, Grupo Missionários, Associação de Idosos
Inocência	Lavadeira, Doméstica, lavoura	Bordado, arraiolo informal	Boa	Boa, (usa bengala, problema no joelho)	Filho nora	Vizinhos/Reviver 12 anos, Cantinho 11, Missa, viagens
Paulina	Bolo, pintura. Dou cursos no Centro Social	Boliteira	Boa	Boa Sem limitação	Filho	Presta auxílio. Não recebe auxílio, mas se beneficia com o grupo social e psicologicamente/ Reviver, Pastoral da Saúde, Pastoral do Batismo, Formação do Ceco, grupo de mulheres, Giravida. Participou da formação da cooperativa. Associação de idosos
Lourdes	Costura, flores, pintura em tecido, cabeleira, manicure, monitora voluntária	Voluntário e do Lar	Regular	Boa Sem limitação	Netos, padre Bruno	Presta auxílio. Não recebe auxílio, mas se beneficia com o grupo social e/Cantinho Nossa Senhora de Guadalupe, Igreja
José	Lavoura, manutenção de máquinas, comércio	—	Má	Problemas visuais – diabetes, sente muitas dores. Realiza AVDS	Namorada	Jó, Giravida/ Giravida
Clotilde Cló	Faxineira	—	Regular	Boa Sem limitação	Esposo	Presta auxílio, mas mantém ajuda mútua com os vizinhos/Pastoral da Saúde Eixo Idoso, Reviver (está afastada), Associação Giravida
Maria José	Edificação - 15 anos Assistente Social	Assistente social	Regular	Boa Sem limitação	Esposo	Presta auxílio, mas mantém ajuda mútua com os vizinhos/ Giravida Pastoral da Saúde Associação Giravida
Sonia	Comerciante	Comércio Loja	Muito boa	Boa Sem limitação	Deus, filha	Sua loja para muitas pessoas é um espaço de rede social/Giravida, Grupo de oração, Missa
Vera	Camisaria, pregadeira de Boão	—	Regular	Boa Sem limitação	filhas	Presta auxílio. Não recebe auxílio, mas se beneficia com o grupo social e psicologicamente/ Giravida, Coral Sentido da Vida, Coordenadora Mãe Rainha, Pastoral da Saúde, Conselho Local de Saúde, Eixo Idoso, Intersetorial, baies
Zilda Zildinha	telefonista	—	Má	Boa, Sem limitação	Deus, esposo	Presta auxílio. Não recebe auxílio, mas se beneficia com o grupo social e psicologicamente/Pastoral da Saúde, Cantinho 11 anos, Giravida
Maria Inês	Funcionária Pública Oficial de Justiça	Oficial de Justiça Fórum	Boa	Boa, Sem limitação	Namorado, pai	Presta auxílio. Não recebe auxílio, mas se beneficia com o grupo social/ Giravida, Comunidade Deus da Vida

3. CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Foram analisadas em sua totalidade 9 entrevistas das 14 depoentes pesquisadas e os dois homens como base de comparação. Para o presente estudo, estas entrevistas foram transcritas e analisadas e depois foram selecionadas para uma divisão em três grupos etários (*Quadro 6*): meia-idade (44-59 anos), idosas (60-74 anos) e muito idosas (75 e +), seguindo os seguintes critérios para inclusão:

- Duas mulheres de meia-idade organizadoras, que tiveram no passado pais idealizadores de grupos comunitários/religiosos na região;
- Uma mulher de meia-idade organizadora de grupos comunitários;
- Duas idosas acima de 75 anos, ex-participantes de grupos comunitários e atuais participantes do grupo Giravida;
- Uma mulher idosa participante de dois grupos comunitários, Reviver e Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe;
- Três mulheres idosas organizadoras de três grupos distintos da comunidade, Reviver, Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe e Giravida, sendo que uma delas foi no passado organizadora do grupo Mulheres da Periferia.

Quadro 6: Agrupamento das participantes conforme o seu tipo de participação nos grupos, gênero e idade



O mapa de entrevista obedeceu à seguinte lógica: a) *situação*, isto é, as influências ou condições das histórias de vida de cada depoente que levaram a tal atitude; b) *atitudes*: termo utilizado na esfera psicológica que estabelece uma posição tomada, relacionada a um propósito, que também inclui as características pessoais das depoentes; e c) *reação*, relaciona-se ao resultado decorrente das ações impulsionadas pelas atitudes construídas. Em alguns mapas também apareceu a esfera c1) *pró-reação*, que seriam os resultados decorrentes das reações desencadeadas.

Os mapas obedeceram ao estilo de cada entrevistada. Desta forma, eles não foram feitos seguindo um padrão a priori, e sim foram estruturados a partir de cada entrevista. A diversidade na forma de apresentação de cada mapa relacionou-se com a história de vida de cada depoente que também se constituiu de forma distinta. Por isso, as linhas de forças que levaram a determinada reação são únicas e individuais e somente os resultados, ou seja, as reações desencadeadas foram partilhadas, pois, convergem para a participação ou organização de grupos comunitários.

Os mapas de entrevistas serão apresentados e em seguida, breve discussão individual de cada mapa. A análise mais detalha de cada entrevista encontra-se em anexo (Ver Anexo 10 Vol. II). Somente depois faremos uma comparação com os grupos divididos por faixa etária e formas de participação nos grupos, abstraindo, dessa forma, as semelhanças e diferenças dos respectivos grupos.

Na *Figura 6*, pode ser observado o mapa de entrevista D. Déa, 83 anos, participante do grupo Giravida desde o surgimento do grupo em 2004. D. Déa nasceu em Amparo/SP, em uma família de negociantes italianos. Atualmente mora sozinha em um apartamento, no Parque dos Eucaliptos, no Jardim Londres. D. Déa sempre buscou na vida aprendizado para novos fazeres, demonstrando sua atitude pragmática. Ela participou do início da formação da Comunidade Deus da Vida no seu condomínio, constituindo o primeiro grupo de caráter comunitário religioso. Em 1993, entrou para o grupo Reviver, permanecendo nele por oito anos. Devido a determinações médicas e limitações físicas, D. Déa parou de participar do grupo. Em relação à atividade religiosa, D. Déa frequenta com menor intensidade a Comunidade Deus da Vida e vem recebendo vistas de agentes da Pastoral da Saúde de sua Comunidade para recebimento da eucaristia nos dias em que não pode assistir à celebração. A sua entrada no grupo Giravida deu-se através do convite realizado pelas agentes da Pastoral da Saúde. Para chegar até o grupo necessita de auxílio de transporte. Relato sobre a sua participação: *“Nossa! Se movimentou, pelo amor de Deus! Eu agora sou mais alegre, eu não vejo a hora de chegar a hora de eu ir. E... eu já fiz mais amizade”* (D. Déa, p. 44).

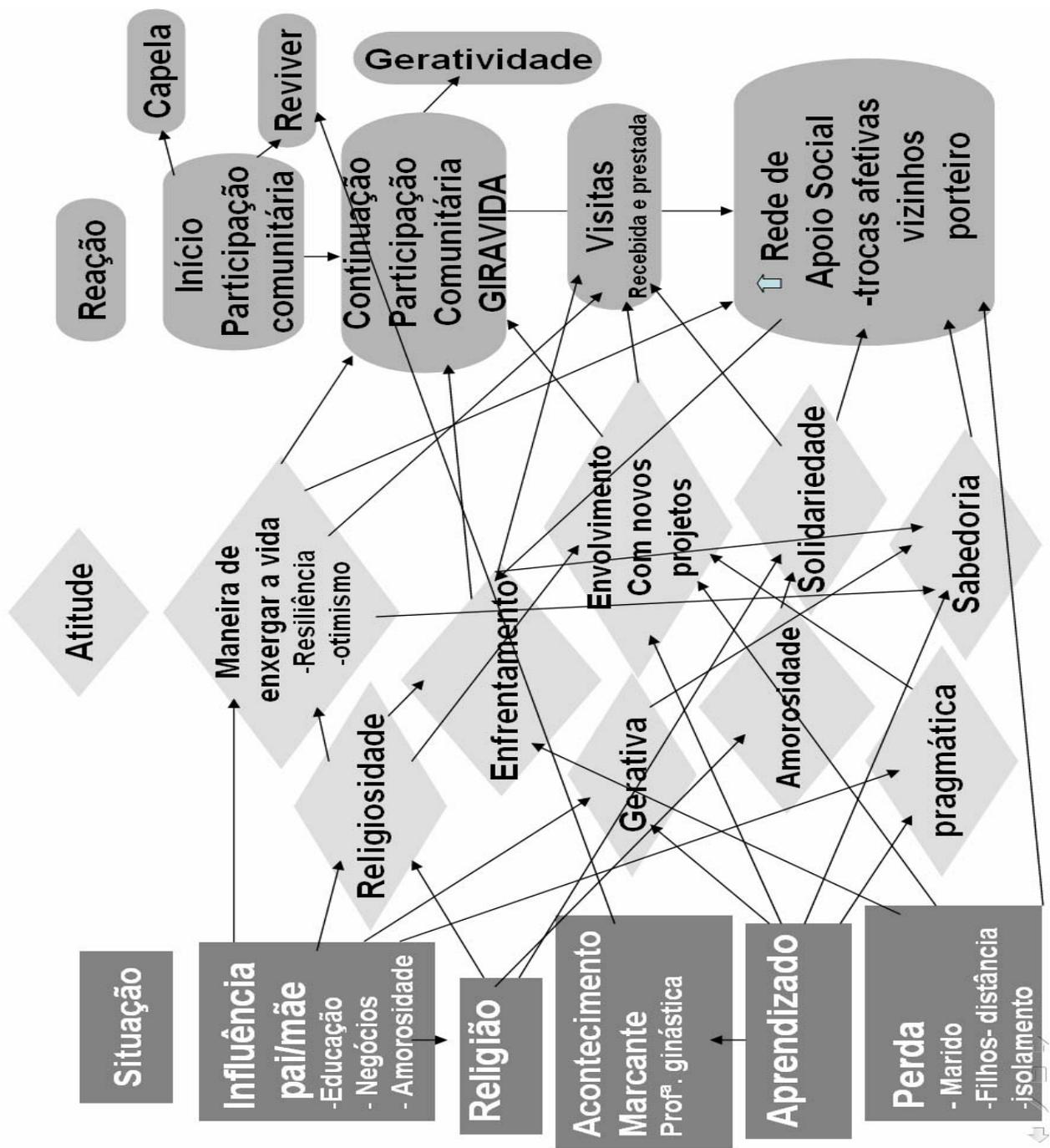


Figura 6: Mapa de entrevista com Dª. Déa

Discussão sobre mapa de entrevista Déa

A influência de seu pai tanto na esfera dos negócios como na educação, e a amorosidade que sua mãe dispensava aos seus filhos, contribuiu, na visão de vida de D. Déa, para suas atitudes resiliente e de otimismo. Seus fazeres também foram influenciados pelo sangue empreendedor de sua família de origem. A afetividade contida no seu convívio favoreceu a D. Déa uma atitude solidária e amorosa para lidar com os acontecimentos da vida.

A religiosidade manifesta-se como forte traço no discurso de D. Déa, transparendo nas histórias narradas do cotidiano, bem como nos enfrentamentos de estressores como adversidade no casamento, dificuldades econômicas, perdas que impulsionaram novas ações. A religiosidade fez com que também se vinculasse aos primeiros movimentos comunitários, como na criação da “Comunidade Deus da Vida” e hoje com a participação no grupo Giravida. A atitude solidária e amorosa também nasceu dessa situação religiosa. A religiosidade também influenciou a maneira como enxerga a vida, mais otimista e resiliente.

O acontecimento marcante de sua vida foi quando a professora de ginástica precisou ir embora da cidade, porque o padre havia proibido que as moças utilizassem “calção” na aula de ginástica, como ela tinha sugerido. A proximidade da professora de ginástica fez com que D. Déa absorvesse vários ensinamentos e atitudes dessa professora, como envolvimento com novos projetos, a introjeção da figura lutadora de uma mulher, liderança, criatividade e o gosto pela atividade física.

Os diferentes aprendizados, que também estão ligados com a história da professora, favoreceram a ampliação de fazeres e o gosto por novas atividades, demonstrando que não há limites para a idade, como relatou, pois começou a fazer aula de teclado depois dos 70 anos.

A sua atitude pragmática também foi influenciada pela educação de seus pais e pelos aprendizados que obteve ao longo da vida, impulsionando D. Déa ao envolvimento em novos projetos.

As perdas que sofreu durante a sua vida, como a morte do marido e a distância de seus filhos, foram ressignificadas a partir do momento em que não paralisou a sua vida, devido aos acontecimentos estressantes, mas respondeu à vida de forma criativa, observada nas trocas significativas e afetivas que estabeleceu com as pessoas nos grupos e com sua vizinhança.

Esta maneira de enxergar a vida favoreceu a que D. Déa mantivesse trocas afetivas com as pessoas; muitas vezes, não ficou apenas na espera de que as pessoas chegassem até ela, mas também foi ao encontro das pessoas significativas em sua vida, ou tomou iniciativa para o

estabelecimento de novos laços afetivos. Quando foi impossibilitada de frequentar o grupo Reviver, devido a limitações físicas e restrição médica, D. Déa poderia não se envolver mais com outros grupos. No entanto, valorizou a necessidade da manutenção de trocas afetivas e empenhou-se para participar de um novo grupo na comunidade – Giravida. Sua maneira de enxergar a vida também influenciou os seus enfrentamentos de estressores, pois sua personalidade é marcada por muito otimismo e coragem para mudar situações adversas.

O envolvimento com novos projetos favoreceu a ampliação de seus fazeres, que lhe possibilitaram dar continuidade na sua participação em grupos comunitários.

D. Déa também desenvolveu uma atitude de sabedoria, ou seja, especialização cognitiva que adquiriu ao longo de suas experiências significativas de vida (Baltes & Smith, 1995). A atitude de sabedoria está ligada com a busca de novos aprendizados em sua vida que não se limitaram com o avançar da idade. “*É que faz sempre parte, porque, aprender um ponto novo, né. Aprender uma coisa nova, isto é importante na vida da gente*” (Déa, p. 23). Também mostra-se positivamente influenciada por suas experiências na maneira com que enxerga a vida, como abordou no trecho a seguir sobre sua percepção da solidão. “*Eu não sinto solidão não, não. (Estou) Tô com Deus, tem tanta coisinha pra fazer, pra arrumar, de vez em quando, eu faço visita para uma senhora doente aí. Vou levar lixo lá, passo na casa dela, volto pra trabalhar, cozinheiro... Ah pra que solidão... eu tenho saúde, agradeço a Deus, não é mesmo?*” (Déa, p. 13). E a sua experiência de vida pode auxiliá-la a compreender que a vida é um processo, o que também a diferencia das outras pessoas: “*(...) Tudo passa, tudo passa nessa vida. Ah, não sei, acho que sou diferente...*” (Déa, p. 13). A sua atitude de sabedoria também foi influenciada pela sua atitude gerativa, pois valoriza novos aprendizados e a transmissão deles para as próximas gerações.

D. Déa também manifestou o desejo (gerativo) de continuidade do Grupo Giravida, pois considerou a necessidade de existir lugares como o Giravida para pessoas, mais jovens usufruírem na fase adulta e na velhice.

As reações que D. Déa apresentou após residir no J. Londres foram: participação na comunidade “Deus da Vida”, vinculação ao grupo Reviver, continuidade de participação em grupos comunitários, como o grupo Giravida, trocas afetivas nas visitas que realiza e quando é visitada, e ampliação da rede de relacionamentos. Essas reações tornaram-se possíveis com as atitudes que D. Déa desenvolveu ao longo da vida como: envolvimento com novos projetos, enfrentamento, resiliência, otimismo, sabedoria, solidariedade, afetividade e amorosidade. Essas atitudes, por sua vez, foram construídas a partir de influências de seus pais, da religiosidade, da

inspiração na professora de ginástica, nos diferentes aprendizados e nas perdas que impulsionaram o seu novo agir.

Na *Figura 7*, pode se notar o Mapa de entrevista D. Izolina, 82 anos, participante do grupo Giravida, desde o seu surgimento em 2004. D. Izolina, nasceu no interior do estado de Minas Gerais na cidade de Iguape. Atualmente, mora com a neta que criou e seu esposo no Jardim Londres. D. Izolina é uma pessoa bastante sensível, preocupada com o próximo que esteja em desvantagem, e essa sensibilidade a torna uma pessoa muito especial. As limitações e sua idade avançada não a impedem de ter um pensamento livre e de prontidão. D. Izolina participou da extinta Comunidade Eclesial de Base do Jardim Londres, auxiliando na venda das rifas para construção de uma Capela. Em decorrência de sua limitação física, ela recebe visita de agentes da Pastoral da Saúde do Santuário da Nossa Senhora de Guadalupe para entrega da eucaristia. A sua entrada no Giravida veio através de um convite de uma agente da Pastoral da Saúde, que para D. Izolina foi uma coincidência, pois seus familiares estavam procurando algum grupo de apoio para que ela não ficasse muito tempo sozinha. Para frequentar o grupo necessita de auxílio de transporte. “(...) *Ela (agente da pastoral da saúde) veio aqui me chamar se eu queria ir (no Giravida), aí ela falou: “Mas precisa dos seus filhos assinarem”, aí eu falei: “Não precisa nada, eu (respondo) sozinha”* (risos) (D. Izolina, p. 16).

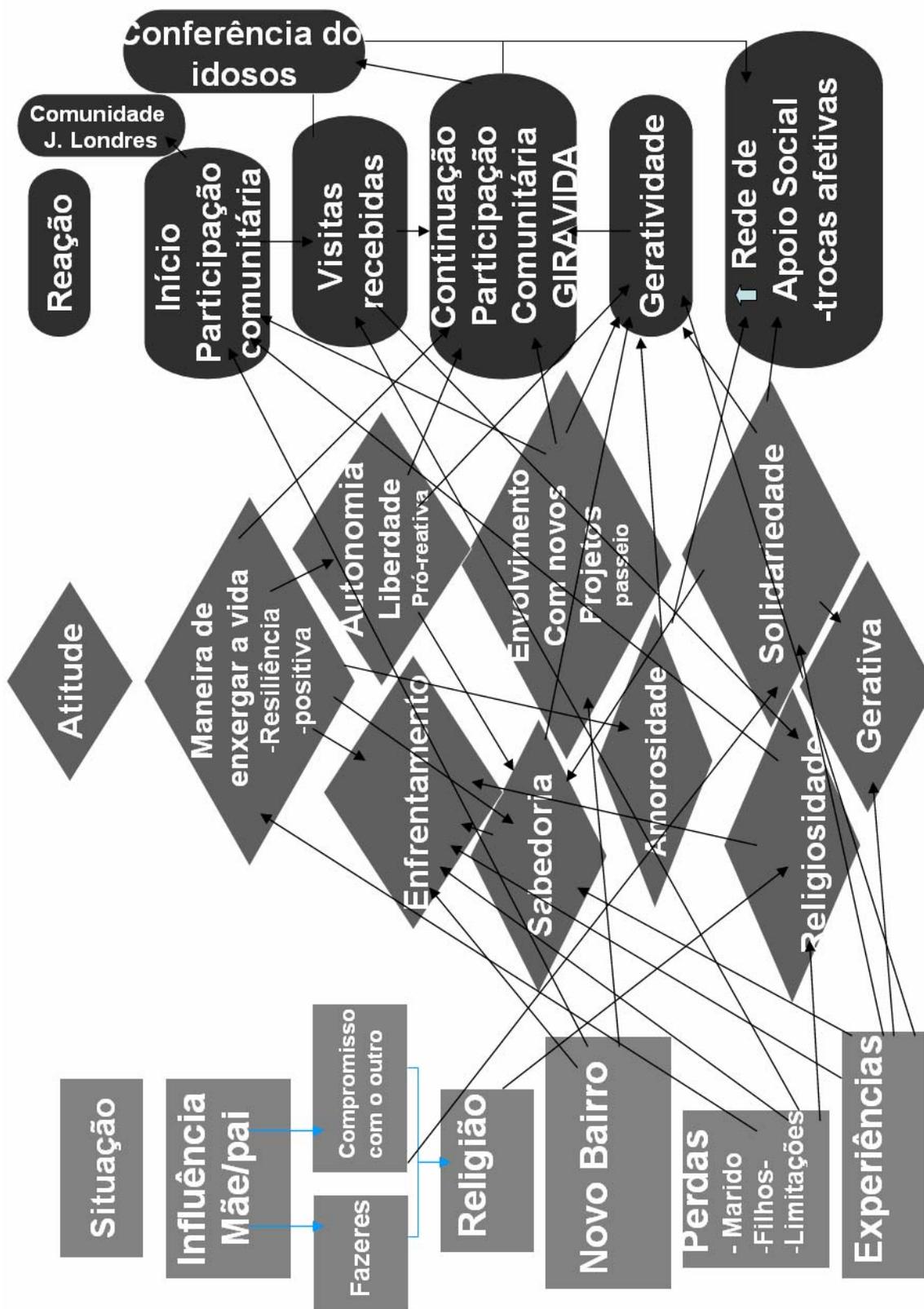


Figura 7: Mapa de entrevista com Dª. Izolina

Discussão sobre mapa de entrevista D. Izolina

Esta senhora reconhece que a herança de seus pais, como aprendizado de fazeres, compromisso com o outro e a religião, influenciou as suas atitudes de solidariedade e a sua religiosidade.

A mudança para novo bairro exigiu de D. Izolina um enfrentamento das situações adversas que ela e sua família encontraram, tais como falta de água, iluminação e falta de espaços religiosos. A situação no novo bairro impulsionou-a a se envolver em novos projetos assim como levou-a ao início da participação comunitária através da comunidade Católica do Jardim Londres.

As situações de perdas como viuvez, falecimento de filhos e limitações de locomoção advindas de fraturas das pernas, influenciou a forma como enxerga a vida, com atitude resiliente e positiva, assim como a sua religiosidade e os enfrentamentos que tem realizado para continuar lutando. Os enfrentamentos também foram influenciados pelas experiências que adquiriu ao longo de sua vida. Por sua vez, as experiências adquiridas reforçam a sua atitude de solidariedade, o que favoreceu uma atitude gerativa que manifesta-se transmissão de conselhos e bons exemplos para as próximas gerações.

As atitudes de autonomia se interrelacionam com a maneira como enxerga a vida, com o tipo de enfrentamento de que se vale e a sabedoria adquirida dessas atitudes. A amorosidade se relaciona com a maneira como enxerga a vida, quando relata que o mais importante para ela era ter bastante amizade.

A religiosidade e o gosto pelo envolvimento com novos projetos influenciou sua participação na comunidade católica do Jardim Londres.

A limitação de locomoção e a extinção da comunidade, reforçada pela sua religiosidade é que tornaram D. Izolina alvo das visitas da Pastoral da Saúde.

Por causa dessas visitas foi possível dar continuidade à sua participação comunitária através do Grupo Giravida; também a sua participação neste grupo veio em decorrência de suas atitudes de envolvimento em novos projetos, sua maneira de enxergar a vida e autonomia – tomada de decisão para participar e manutenção da sua participação no grupo.

A participação no Giravida estimulou sua geratividade, na medida em que espera que as próximas gerações possam contar com um espaço parecido com esse grupo. A geratividade também foi influenciada pelas atitudes de autonomia, solidariedade e envolvimento com novos projetos, amorosidade e sabedoria.

A sabedoria foi veio de suas experiências adquiridas ao longo da vida, pela solidariedade, forma resiliente de enfrentamento de estressores e a percepção de que a vida é um processo contínuo de aprendizagem. Ela respondendo à vida de uma forma pró-reativa: (...) “*É, a vida continua? Sofredora ou não, mas (es)tá aí...*” (D. Izolina, p. 24). Demonstrou também a percepção que tem melhorado, cada vez mais como pessoa “*(estou) melhorando sim, compreendendo mais as coisas, (...) mudou muito do que eu sabia*” (D. Izolina, p. 9). D. Izolina também deixou registrado um conselho para cuidar do coração, dizendo que as pessoas precisam “*(...) ter bastante carma, distração, se o coração ficar com tristeza, piora mais, ficar bem alegre, divertir, distrair... miora o coração...*” (D. Izolina, p. 24).

A sua rede de relacionamentos foi ampliada devido às visitas recebidas e à participação no grupo Giravida, com o qual mantêm trocas afetivas, ancoradas também na sua atitude de solidariedade.

D. Izolina também teve uma pós-reação: a partir da sua participação no Giravida, ela participou pela primeira vez de uma Conferência Municipal do Idoso e também realizou a leitura do Estatuto do Idoso.

Na *Figura 8*, apresentamos o mapa de entrevista de D. Aurora, 77 anos, organizadora do grupo Reviver. Nasceu na cidade de Campinas, SP e é moradora do Jardim Garcia. D. Aurora procura valorizar em sua vida mais os aspectos positivos e não se prender aos aspectos negativos dos problemas. Iniciou sua participação comunitária religiosa na Capela Sagrada Família e posteriormente na Comunidade Nossa Senhora Auxiliadora. D. Aurora iniciou seus trabalhos voluntários no Progen e depois em uma favela próxima do bairro. A partir de uma palestra sobre saúde, as pessoas que estavam presentes foram estimuladas a formarem um grupo que aliasse à atividade física, também atividades manuais, surgindo daí o grupo Reviver, o qual coordena há 14 anos “*É, porque eu aprendi (com o grupo) que a gente pode fazer tudo com a idade, que cada tempo de vida tem a sua parte,... e assim vai indo*” (D. Aurora, p. 21).

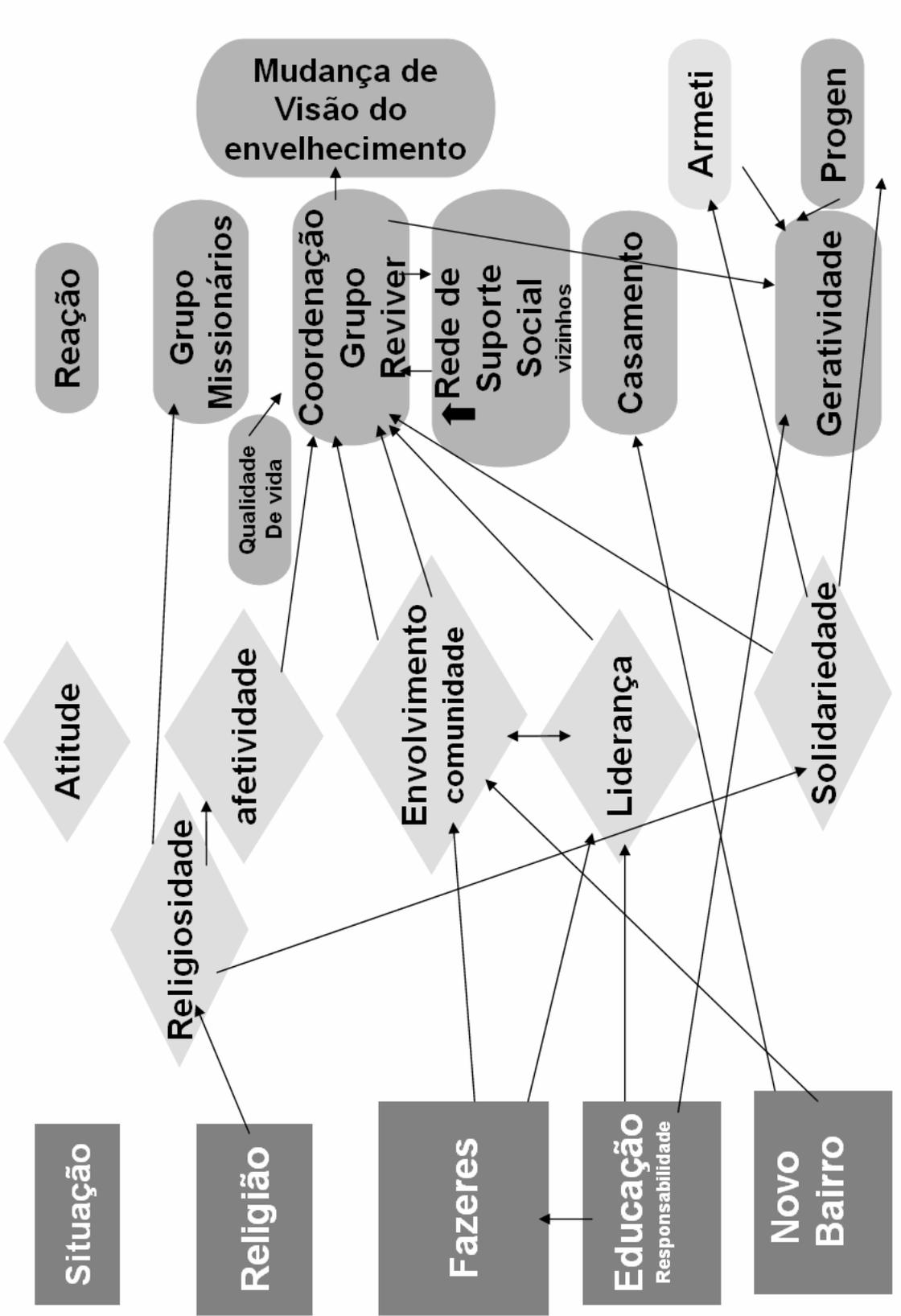


Figura 8: Mapa de entrevista com Dª. Aurora

Discussão sobre o Mapa de entrevista D. Aurora

D. Aurora recebeu uma educação severa, porém marcada por muito exemplo, como os de responsabilidade. Ao longo da entrevista percebemos que a responsabilidade advinda da educação, o aprendizado de diferentes fazeres e a busca de envolvimento com novos projetos formam a base para o papel de liderança que ocupa no Grupo Reviver.

A maneira como interpreta o sentido religioso na sua vida faz de D. Aurora uma pessoa solidária e afetiva, favorecendo desta maneira a forma como estabelece trocas sociais e afetivas ao longo dos anos. O seu envolvimento na comunidade deu-se através da participação em atividade religiosa no novo bairro – Jardim Garcia, e depois, aproveitando suas habilidades e desejo de transmitir seus conhecimentos para outras pessoas, D. Aurora passou a realizar trabalhos voluntários em uma favela e no Progen. No entanto, o envolvimento e a continuidade do engajamento comunitário deram-se no Grupo Reviver, o qual o coordena há 14 anos.

A busca sobre assuntos relacionados com a qualidade de vida levou D. Aurora a participar de uma palestra que aconteceu na antiga Capela da VCB, ministrada por uma estudante de fisioterapia, que levou à criação do grupo Reviver, do qual é a principal coordenadora.

A religiosidade resulta atualmente na participação em um grupo de reflexão do Evangelho – Grupo dos Missionários, que D. Aurora considera como seu principal local de prática religiosa, a qual não seria necessariamente vinculada à frequência na Igreja, propriamente dita.

A atitude de solidariedade é decorrente da sua religiosidade e manifesta-se na atual coordenação do grupo Reviver e em experiências anteriores voluntárias no *Progen* e na *Armeti* (antiga favela da região).

O envolvimento no Grupo Reviver permitiu que seus relacionamentos e rede de suporte social se ampliassem. Por sua vez, a participação no grupo Reviver favoreceu a ela, uma mudança na concepção de envelhecimento, que antes era marcada por uma imagem negativa, de limitações e impossibilidades, e agora conta com maior aceitação e com a crença de que envelhecer pode ser uma fase de “Reviver”, de possibilidade de mudanças, ressaltando na entrevista os aspectos positivos que a vida lhe ofereceu. Frisou também que ao longo da vida vem carregando consigo uma bagagem de experiência e pessoas queridas.

Foi também nesse novo Bairro que D. Aurora realizou um sonho – casar-se e poder envelhecer junto com a pessoa que tanto ama. Também cultivou forte amizade com seus vizinhos, destacando-os como os mais próximos e significativos na sua rede de relacionamentos. A força da educação de seus pais e o envolvimento comunitário muito enraizado nas questões

religiosas favoreceram a D. Aurora uma reação gerativa, manifestada principalmente nas experiências na Armeti e Progen, nas quais observou, gratificada, pessoas usufruindo de seus ensinamentos para ganhar a vida. Assim também é desejosa que o grupo Reviver continue a trilhar caminhos que tanto ajudou a construir e a manter, deixando para as gerações futuras seu exemplo de vida e a convicção e de que o envelhecer pode ser diferente.

Na *Figura 9*, pode se observar Mapa de entrevista D. Inocência, 74 anos, participante dos grupos Reviver e Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe (C.N.S.G). D. Inocência nasceu na cidade de Nova Granada/SP e reside há 27 anos na Vila Padre Manoel da Nóbrega. A sua participação nas atividades religiosas na região, ao contrário das demais entrevistadas, veio a partir dos grupos Reviver e depois do C.N.S.G.. O seu grande aprendizado veio através de sua experiência de vida e força de vontade. Avaliou-se como uma pessoa de atitude positiva e comunicativa, o que beneficiou a sua entrada nos grupos. “(...) *Vai fazer 12 ano(s) que eu (es)tô freqüentando o Reviver, em dezembro vai fazer 12 ano(s) (que freqüenta o Cantinho)*” (D. Inocência, p.12 e 27).

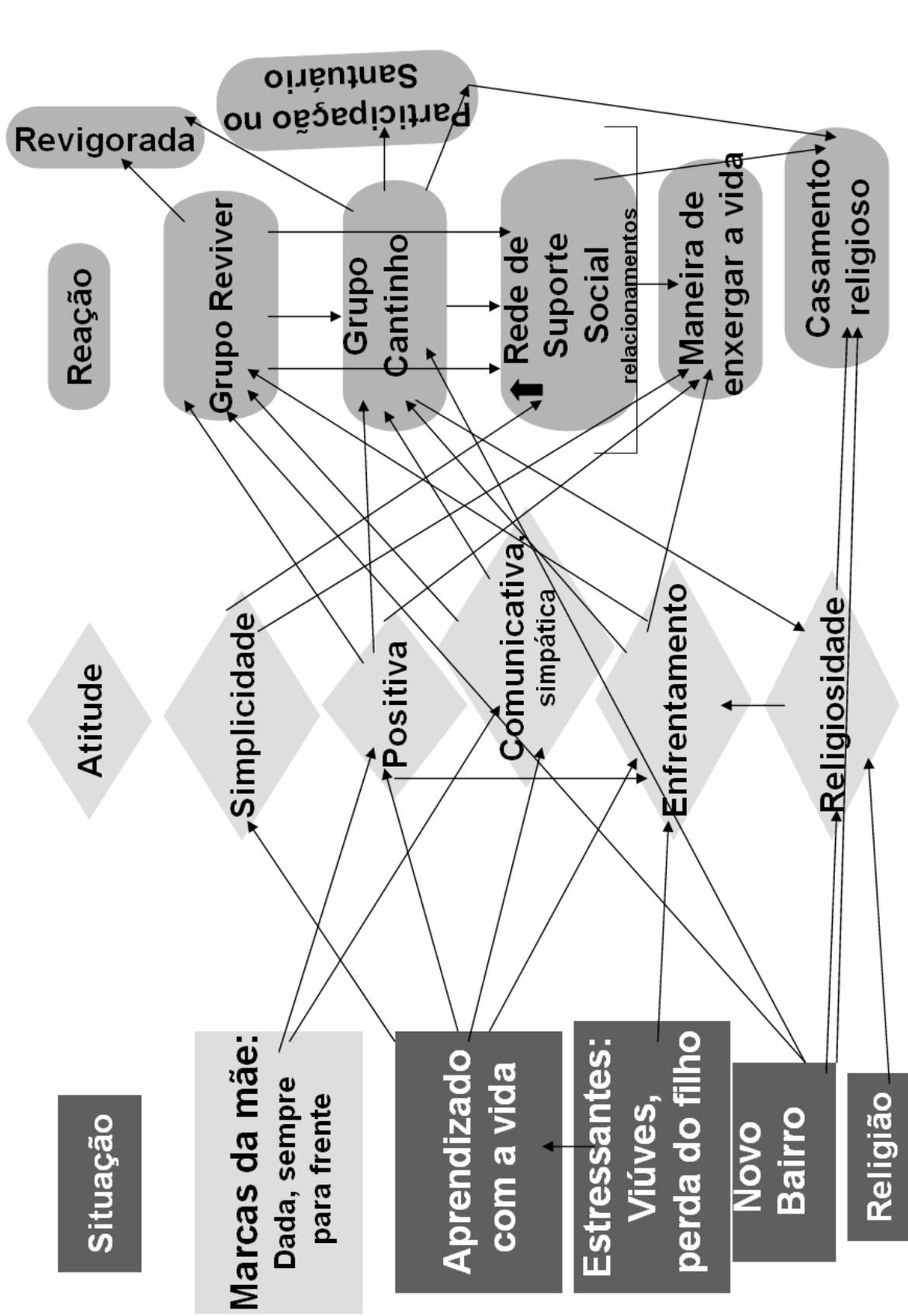


Figura 9: Mapa de entrevista com Dª. Inocência

Discussão Mapa de entrevista D. Inocência

As características de sua mãe, como positividade e atitude comunicativa, influenciaram D. Inocência e também favoreceram sua participação contínua há mais de 12 anos nos grupos comunitários.

O aprendizado que adquiriu, ao longo dos anos, também favoreceu D. Inocência a conservar conservasse a atitude positiva e comunicativa, bem como a desenvolver uma atitude de simplicidade.

As situações estressantes como viuvez, perda do filho, dificuldades econômicas, somadas ao aprendizado pelas experiências que teve adquiriu em sua vida, proporcionaram a D. Inocência que tivesse o enfrentamento positivo de situações estressantes. O enfrentamento também é retro alimentado pela sua atitude positiva e pela sua religiosidade que lhe dá a esperança de dias melhores. Também a positividade de sua atitude, foi influenciada por sua religiosidade.

Uma das reações decorrentes do enfrentamento de estressores seria a sua participação nos grupos Reviver e Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe.

A participação nos grupos citados fez com que D. Inocência participasse da Igreja da Comunidade. A sua religiosidade e a mudança para novo bairro (aliada à participação nos grupos) incentivaram-na a concretizar o seu grande sonho – casar-seno religioso. Por sua vez, no Santuário, o seu casamento foi compartilhado por participantes da igreja, bem como por pessoas que faziam parte do seu ciclo de amizade.

A sua atitude positiva, comunicativa e de simplicidade influencia também a forma como enxerga a vida. Essa visão também germina a partir de sua participação e valorização nos grupos da comunidade.

D. Inocência também destaca que sua rede de relacionamento foi ampliada quantitativamente e qualitativamente a partir da participação nos grupos. Outra reação importante seria que D. Inocência, a partir da sua participação nos grupos, sentiu-se revigorada, relatando enfaticamente: “*revivi muitos anos, vixe!... a gente parece que, parece que tem mais outra, tem mais animação, mais coragem, mais, porque não pára*” (Inocência, p. 31).

A sua participação nos grupos representou para ela o que, na nomenclatura do nosso mapa de netrevistas, poderíamos chamar de uma pós-reação, pois considerou que modificou a sua vida permanecendo sempre positiva. “*Ah, modifiquei muito a minha vida, viu!*” (...) *eu quero ser positiva, não quero saber de negativo não* (Inocência, p. 31).

Na *Figura 10*, pode se observar o Mapa de entrevista de D. Lourdes, 69 anos, coordenadora do Grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe. D. Lourdes nasceu na cidade mineira de Lambari e reside há 38 anos na VCB. D. Lourdes avaliou-se como uma pessoa que gosta muito de ajudar os outros, que sempre lutou para conseguir suas coisas e que gosta de viver com simplicidade. Desde o surgimento do bairro participa de movimentos sociais para melhorias do mesmo e para a constituição da comunidade católica na região. Iniciou atividade voluntária no antigo Centro Social, depois no Progen e atividades assistenciais para famílias carentes ligadas à capela Sagrada Família. Participou por algum período do grupo Reviver, mas por restrições médicas foi impossibilitada de freqüentá-lo. A partir da inauguração do Santuário, em 1992, nasce o grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe, que é coordenado há 13 anos por ela. Para D. Lourdes “(...) grupo, *são tudo amigas, são como da família, uma partilha do sofrimento da outra, das alegrias*” (D. Lourdes, p. 20).

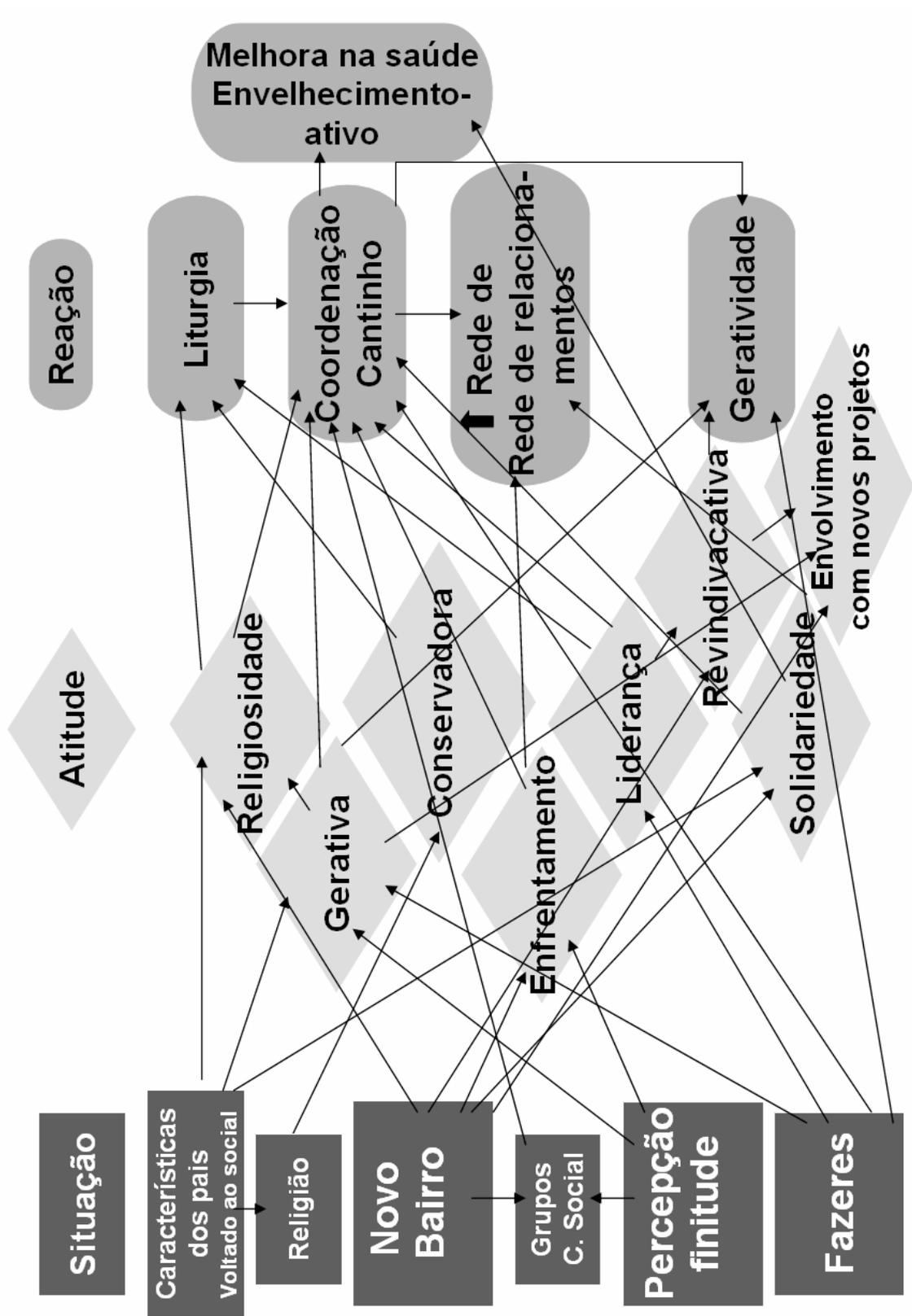


Figura 10: Mapa de entrevista com Dª. Lourdes

Discussão sobre Mapa de entrevista D. Lourdes

Para D. Lourdes a formação religiosa advinda da sua educação favoreceu-lhe a ela atitudes de religiosidade, de geratividade, de enfrentamento, de solidariedade e sua postura conservadora, isto é, seguidora de bons costumes e dos valores tradicionais da Igreja. As influências de seus pais ficaram mais marcadas pela organização de festas religiosas e de seu pai, em especial, pelo comprometimento com a ajuda oferecida a outras pessoas.

A mudança para novo bairro permitiu que D. Lourdes participasse de grupos comunitários que privilegiavam melhor qualidade de vida para os moradores e favoreceu a sua atitude de religiosidade, ao mesmo tempo, reivindicativa e de solidariedade. Os primeiros grupos de que participou no antigo Centro Social contribuíram para impulsionar a formação do grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe (C.N.S.G). Os antigos grupos comunitários levaram D. Lourdes ao enfrentamento de estressores e à mudança na percepção sobre a sua morte. Ao dar-se conta de que iria falecer, antes mesmo que pudesse passar seus conhecimentos adiante começou a desenvolver uma atitude gerativa.

A mudança para um novo bairro e a atitude gerativa favoreceu o envolvimento com novos projetos o que também a levou a uma atitude reivindicativa.

Os fazeres adquiridos através de cursos profissionalizantes contribuíram para o desenvolvimento de sua capacidade de liderança, chegando à coordenação do grupo C.N.S.G e a uma atitude marcadamente gerativa.

A atitude de religiosidade influenciou na função que desempenha atualmente no Santuário, no qual é responsável pela Liturgia e pela criação e manutenção do grupo C.N.S.G.

A atitude gerativa relaciona-se com a religiosidade e alimenta a sua função de coordenadora do grupo C.N.S.G, produzindo em D. Lourdes o desejo de promover a continuidade do grupo e a ampliação do número de participantes. Ela própria relaciona isto com seu aprendizado em relação a reivindicações. “(...) *Pra que possa continuar... eu gostaria que quando eu não puder mais trabalhar aqui, que ele (grupo) continue... isso eu gosto de deixar sim, que vá em frente*” (D. Lourdes, p. 40).

A atitude conservadora, como ela própria mencionou, reflete-se na forma tradicional com que valoriza e vivencia a sua religião, através da responsabilidade na liturgia e na coordenação do grupo C.N.S.G.

A atitude de enfrentamento favoreceu a sua continuidade na coordenação do grupo C.N.S.G. e a ampliação de sua rede de relacionamentos.

A atitude de liderança aparece relacionada com sua atitude reivindicativa e se refletiu na coordenação da liturgia da Igreja e na coordenação do grupo C.N.S.G.

A atitude de solidariedade, que foi influenciada pela característica que ressalta em seu pai, alimentou a função que desempenha na parte organizativa da Igreja - liturgia e grupo Cantinho, bem como na sua rede de relacionamentos adquiridos na participação do grupo.

D. Lourdes apresentou forte ligação de sua participação no grupo com a ampliação de rede de relacionamentos, pois relatou que seu ciclo de amizades aumentou; na sua maioria são mulheres que freqüentam o grupo, e ainda afirmou que os laços constituídos no grupo assemelham-se a um laço familiar.

D. Lourdes relatou os benefícios na sua saúde, a partir do momento em que passou a coordenar o grupo C.N.S.G. e uma mudança na visão do envelhecimento, através da qual percebeu que seria possível viver ativamente, pois para ela, só é velho quem pára de lutar e quem se entrega ao desânimo.

A *Figura 11*, apresenta o Mapa de entrevista de D. Paulina, 69 anos, coordenadora atual do grupo Giravida, fundadora e participante atual do grupo Reviver e antiga coordenadora do grupo Mulheres da Periferia, juntamente com outras atrizes sociais. D. Paulina nasceu na cidade de Águas Claras/SP e mora há 38 anos na VCB. Apresenta forte atitude reivindicativa e generativa dirigida para a continuidade e manutenção de grupos comunitários. Auxiliou na construção da comunidade católica da região, com grande participação nas pastorais, quando a capela funcionava ainda como Comunidade Eclesial de Base. Atualmente participa, pelo Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, da Pastoral do Batismo e da Pastoral da Saúde. O grupo de Mulheres da Periferia para D. Paulina, tinha “(...) *uma força muito grande de reivindicar as coisas pôo bairro*” (D. Paulina, p. 16).

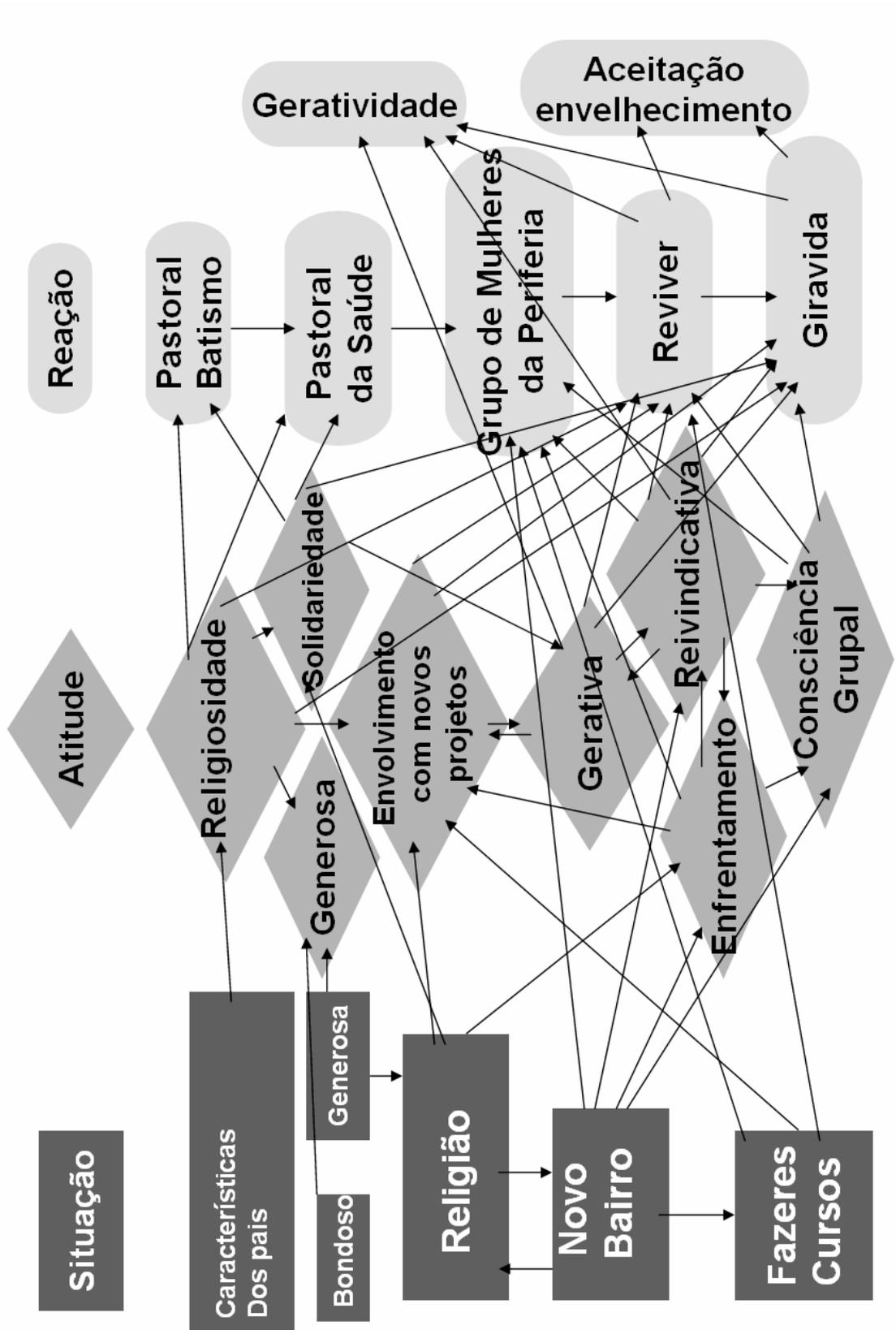


Figura 11: Mapa de entrevista com Dª. Paulinia

Discussão sobre Mapa D. Paulina

D. Paulina apresentou, com poucos detalhes as características que hoje ainda lembra de seus pais. Entretanto, destacou as qualidades que guarda como herança deles: generosidade e bondade e a forte participação de sua mãe na Igreja. A devoção religiosa também possibilitou um fortalecimento da religiosidade de D. Paulina. Quando saíram de um bairro estruturado e mudaram para a VCB, com pouca infra-estrutura, Paulina inicia o enfrentamento das adversidades a partir de sua religiosidade, participando da estruturação da Capela na vila, demonstrando sua primeira atitude reivindicativa. Em seguida, começa a participar da parte operacional da Igreja pela Pastoral Batismo e, na seqüência, na Pastoral da Saúde nos moldes das Comunidades Eclesiais de Base. Assim, a sua religiosidade foi propulsora para seu envolvimento em novos projetos e atitudes de enfrentamento com atitudes reivindicativas.

A situação vivida em um novo bairro e a sua religiosidade alimentaram a sua atitude de solidariedade. Começa então, a ajudar a organizar o Grupo de Mulheres da Periferia, grupo destinado a pensar e reivindicar melhorias para o bairro. Além da sua postura reivindicativa, suas habilidades profissionais – costura e decorações de bolos foram também importantes para a implementação do grupo, tornando-se ela, em pouco tempo, monitora do mesmo. Em seguida, com o “fim” do Grupo de Mulheres da Periferia, a partir de uma palestra sobre cuidados com a saúde na Capela da VCB como já referimos, nasce o grupo Reviver, que Paulina também ajudou a criar. Esse grupo também foi uma manifestação reivindicativa e de enfrentamento, pois essas mulheres, que anteriormente participavam do Grupo de Mulheres da Periferia, também precisavam de um novo local para se encontrarem e pensarem novos projetos. A partir da Campanha da fraternidade em 2003, D. Paulina também esteve à frente da criação de um novo grupo para atenção aos idosos mais fragilizados, que se encontravam, de certa maneira, isolados do convívio social. Surge então o Giravida. O Reviver, o Giravida e a forma de encarar a vida, fazem com que D. Paulina tenha uma atitude de aceitação frente ao envelhecimento. Essa aceitação é também, uma atitude generativa, porque D. Paulina gostaria que as futuras gerações conservassem o que foi criado, pois ela gostaria também de poder contar com um espaço próximo ou semelhante a esses grupos, quando chegar a uma fase de envelhecimento mais acelerado. Sua atitude gerativa é expressa nas atitudes de solidariedade, envolvimento com novos projetos, reivindicações, e na manutenção dos grupos já existentes. A atitude de consciência grupal foi fortalecida com a mudança de um bairro com pouca estrutura e permeou a forma de seu

enfrentamento de questões visando melhorias para o bairro, sua participação nos grupos Mulheres da Periferia, Reviver e Giravida.

Neste sentido, D. Paulina expressou um desejo “*Aí, eu acho **assim** que, porque a **gente** não vai viver **eternamente**, então eu acho que as **pessoas** que vem vindo mais nova(s) que se **interessasse(m)** em participar dessas **coisas**,... **interessassem, participassem, prá não deixar morrer**, os trabalhos que já foram feitos... é isso que eu gostaria.(fala mais baixo)” (Paulina, p. 20).*

Na *Figura 12* observa-se o Mapa de entrevista Clotilde, 56 anos, coordenadora do grupo Giravida. Clotilde nasceu em Guariba, interior de São Paulo e há 36 anos reside no Jardim Londres. Apresenta uma atitude solidária e preocupada com a situação dos idosos de seu bairro. Clotilde começou a participar de grupos atendidos pelo do setor assistencial da Igreja, pela Pastoral da Saúde. A realidade das visitas fez com que percebesse o grande número de idosos que estavam vivendo em situação de isolamento, devido às limitações provocadas por doenças. A partir dessa realidade, Clotilde procurou os parceiros da Pastoral da Saúde em 2003 (no mesmo ano da Campanha da Fraternidade que tratava a questão do idoso) para criarem um espaço de cuidado para os idosos das diferentes comunidades católicas da região. Nasceu então a discussão sobre o projeto Giravida e em 2003, o grupo Giravida especificamente. Clotilde é esperançosa de que possa existir o dia em que “*(...) não tivesse (nas residências) um **idoso** que ficasse em casa sozinho, que não tenha uma **pessoa** assim que se sente só (...). Mas, no momento, agora a gente (es)tá sabendo que tem*” (Clotilde, p. 29).

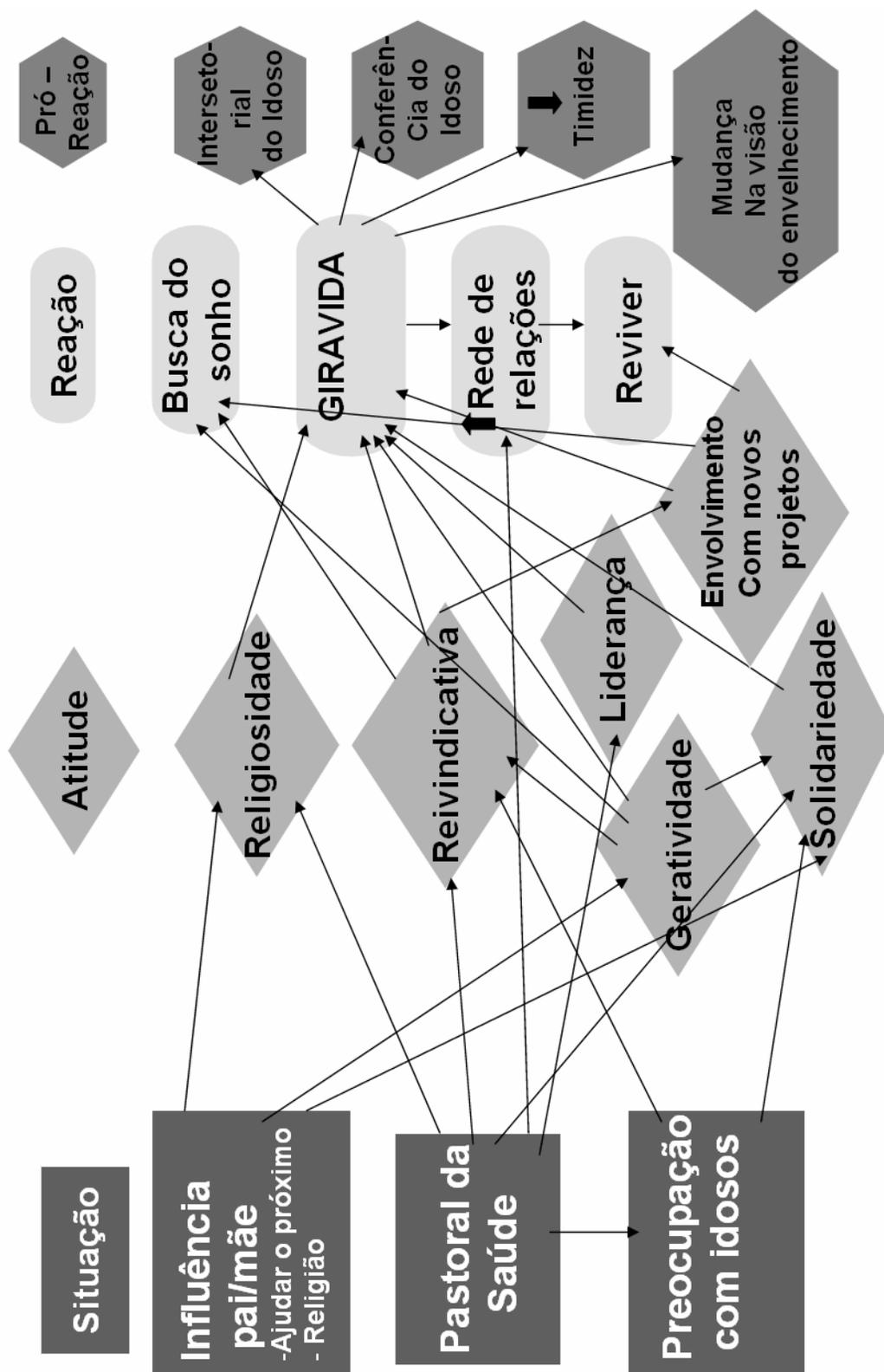


Figura 12: Mapa de entrevista com Dª. Clotilde

Discussão sobre o Mapa de entrevista Clotilde

As características de seus pais de ajudar ao próximo e a religiosidade de sua mãe influenciaram as atitudes de Clotilde como solidariedade, dedicação ao outro, geratividade e, conseqüentemente, na religiosidade.

A sua religiosidade foi fortalecida pela atuação na Pastoral de Saúde, o que a levou também a ter uma atitude reivindicativa, solidária e de estímulo para uma atitude de liderança, que a levou ao papel de coordenadora da Pastoral da Saúde.

O choque da forma como foram bem cuidados seus pais e seu sogro em comparação com a realidade que encontrou através das visitas pela Pastoral da Saúde, fizeram com que Clotilde tivesse uma preocupação consciente com os idosos, levando-a a atitudes reivindicativas e de solidariedade.

As atitudes: reivindicativa, solidária, gerativa, envolvimento com novos projetos, e de liderança, favoreceram a sua atuação como coordenadora do grupo Giravida. Após a sua participação no grupo, Clotilde desenvolveu uma *pós-reação*, mas no âmbito político, começando a participar de fóruns que discutissem a questão dos idosos, como o Eixo Intersetorial do Idoso e a Conferência Municipal do Idoso. Também avaliou que, após a entrada no grupo, sente-se menos inibida e mais aberta para colocar suas idéias nas discussões sobre a organização do grupo. Outro dado foi que a participação na parte organizativa do grupo Giravida, favoreceu a construção de uma visão mais positiva do envelhecimento, pois ampliou seu conhecimento sobre as diferentes formas de cuidados prestados aos idosos, ao invés de vê-las como restritas a um único lugar, como as instituições de longa permanência que conhecia.

Na medida em que passou a integrar a Pastoral da Saúde e o Grupo Giravida, sua rede de relações aumentou, assim também como espaços de convívio como o grupo Reviver, pois recebeu o convite para participar do grupo por uma agente da pastoral, o que também estava em busca de novos projetos.

A busca pelo sonho da ampliação do projeto de atenção ao envelhecimento é alimentada pela atitude reivindicativa, de envolvimento com novos projetos e gerativa. A atitude gerativa é interligada por outras atitudes solidárias e reivindicativas.

Na *Figura 13*, vê-se o Mapa entrevista de Vera, 52 anos, coordenadora do grupo Giravida. Vera nasceu na cidade mineira de São Sebastião do Paraíso e reside no Jardim Garcia, somando-se o tempo que viveu na sua adolescência e depois do falecimento do seu marido, há 32 anos.

Apresenta atitude de solidariedade e gerativa, adquirida das experiências de organização comunitária de seus pais. Atualmente está a frente da Pastoral da Saúde da comunidade católica do Jardim Garcia e coordena 11 grupos da Mãe Rainha¹⁴. Além do grupo Giravida, ela participa do Coral Sentido da Vida, que também foi criado em 2003, na época da campanha da fraternidade. “(...) **É, é, o pessoal fala...** (...) **“Ah, você parece que tá fazendo o serviço que sua mãe fazia, o trabalho que sua mãe fazia”**. Às vezes eu chego lá e preciso (...) **vender uma rifa, e era o que minha mãe fazia. Eu vou lá, as visitas, então o pessoal lembra assim...**” (Vera, p. 13).

¹⁴ Grupo religioso que realizam visitas nas casa para realizar oração.

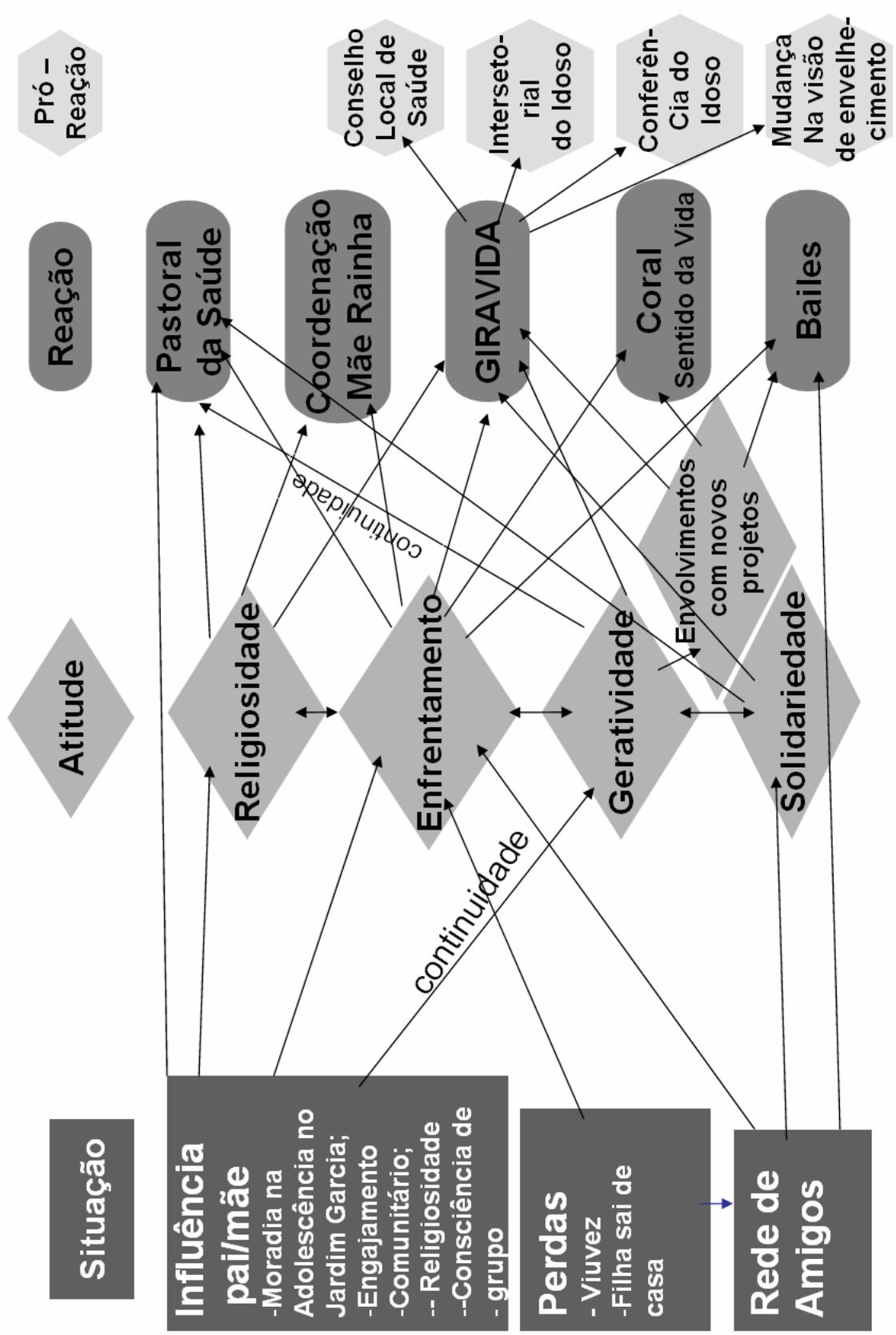


Figura 13: Mapa de entrevista com D. Vera

Discussão sobre o Mapa de Entrevista Vera

Vera declara-se “*uma pessoa que não sabe falar não*” e que está mais propensa a auxiliar as outras pessoas que estão de “*fora*” da família.¹⁵ Relata ser uma mãe atenciosa, mas o seu lado social, por assim dizer, está enraizado nos ensinamentos profundos dos passos sociais e religiosos que seus pais estabeleceram na comunidade do Jardim Garcia. Os exemplos deles tornaram-se para ela uma maneira de ser no mundo e continua, como herança que se renova a cada ação desenvolvida com seus amigos, com os vizinhos, com os doentes que visita, entre eles os idosos. O “não saber falar ‘não’”, neste caso, muitas vezes é dizer “sim” para o pulsar da vida. Vida que poderia ter ganho um outro rumo, como o da inatividade ou auto-piedade. Mas Vera conseguiu reverter o sofrimento da morte do marido em ação para auxiliar o outro, mais do que isso, obteve a compreensão de que também estava se ajudando. “*Me distraio, ajudando as pessoas e me ajudando..., Porque eu (es)to(u) fazendo o bem, mas (es) tá sendo bom prá mim também, porque... é uma terapia, distrai, ajuda os outros e..., me distraio também*” (Vera, p. 15).

A sua religiosidade ficou assinalada por uma fé professada na prática, ideal enraizado na concepção das Comunidades Eclesiais de Base, criadas na década de 70 do século passado. Em seu discurso não aparecem figuras de linguagem religiosas como “minha Nossa Senhora, meu Deus do céu!”, mas traz a tona a sua ação religiosa, ou melhor, a sua religiosidade, como a maneira pela qual encara a vida e a real prática que atribui aos grupos comunitários - sociais e religiosos.

Em relação a essa entrega de si que Vera realiza pela ajuda a outros, fica claro em seu relato que equilibra atividades de participação de vida social e religiosa com atividades de lazer, utilizando-as como sua “bateria”. “*Porque o Coral é minha terapia também pra mim,... como gosto... a terapia é o Coral e dançar também, cantar também eu... é minha terapia*” (Vera, p. 18).

Evidencia em seus relatos que auxilia muito mais do que é auxiliada. Mas, na relação com amigos, essa troca fica equiparada. “*Enquanto eu tiver a gente divide*”. *Então é assim, aquela amiga que é pra tudo...* (Vera, p. 7).

Atualmente, Vera desempenha um brilhante papel no Grupo GIRAVIDA. “*A gente sonhava muito... da Casa-Dia, tinha muitos sonhos assim,... aí começou fazer visitas,... fazer visita...* (Vera, p. 16)”. Os sonhos, o olhar para a realidade, quando percebeu que as pessoas de

seu convívio estavam envelhecendo e, com isso, diminuía sua participação social, fez com que Vera mergulhasse nesse projeto com muito amor e prestatividade.

A reconstrução de memória demonstrou ser uma técnica privilegiada com a depoente Vera, na medida em que ia emergindo a temática generativa, em sua trajetória de vida. Essa temática apresentou-se de forma cíclica, ou melhor, espiralada, uma vez que (a) apreendeu atitudes com seus pais de ajuda ao próximo, (b) ressignificou isso hoje, ao dar continuidade às ações desenvolvidas por eles, e (c) também, ao acreditar que as futuras gerações darão seguimento aos projetos de atenção ao envelhecimento na comunidade.

A marca da entrevista de Vera está principalmente nas influências positivas que seus pais lhe proporcionaram. A questão religiosa foi passada através de seus pais, que transformaram a fé que professavam em ação, haja visto o engajamento comunitário de caráter social e religioso que estabeleceram no Jardim Garcia, desde o surgimento do bairro. Seus pais foram os primeiros moradores do bairro, sorteados pela COAHB, assim, as dificuldades estruturais e, inclusive, religiosas, os levaram ao trabalho em prol do bem comum. Quando surgiu o bairro, a corrente das Comunidades Eclesiais de Base também estava em voga. Esse movimento da igreja católica surge com objetivo de levar a “Palavra” nas comunidades carentes, não precisando para isso existir um único lugar de ação religiosa – como a construção de uma Igreja tradicional. Junto com as Comunidades Eclesiais de Base veio o fortalecimento dos movimentos sociais tais como: “Sem- Terra”, Ongs, as Pastorais entre outros. No bairro em questão, além da criação da comunidade “Nossa Senhora Auxiliadora”, e depois o estabelecimento da Pastoral da Saúde, outros movimentos foram impulsionados como a criação de um Projeto destinado a atenção de crianças e adolescentes em situação de risco – *Progen* e, recentemente, a criação de um grupo de atenção ao envelhecimento - GIRAVIDA, com parceria de outras pastorais como Guadalupe, Maria Mãe do Povo, Deus da Vida.

A prática religiosa possibilitou aos seus pais uma consciência de grupo, pois os benefícios que adquiriram só poderiam ser compreendidos na coletividade, o que se pode observar nesta sua fala: *É, é, desde o começo, os dois participaram, ajudaram...tudo ali da comunidade, para ter o local.* (Vera, p.13.). Além de reconhecer os seus pais como grandes construtores de melhorias para o bairro, principalmente no que diz respeito à parte religiosa, Vera menciona outros nomes significativos que auxiliaram nessa empreitada. *“É, tinha o Dirceu que trabalhou bastante prá*

¹⁵ Entendida como filhas, genros e netas.

comunidade, Marilena... o Luis... Do Vale, tem Mariinha, o Rubens..., que mais... a Ditinha... o Zé Carlos, que era da época” (Vera, p. 13).

Outro fator que influenciou o seu engajamento comunitário, responsável pelo papel que hoje Vera desempenha na comunidade, foi ter acompanhado seus pais na adolescência. Pode-se dizer, que esse fator deu-lhe um sentido de pertencimento, que propiciou a continuidade através dela das ações desempenhas pelos seus pais. *“É, é, o pessoal fala... que às vezes eu chego e o pessoal fala: “Ah, você parece que (es)tá fazendo o serviço que sua mãe fazia, o trabalho que sua mãe fazia”. Às vezes eu chego lá e preciso vender alguma coisa, vender uma rifa, e era o que minha mãe fazia. Eu vou lá, as visitas, então o pessoal lembra assim...”*(Vera, p. 13).

Essas falas descritas acima propiciaram o entendimento do que mostra a segunda parte do mapa – as atitudes. Assim, a) as influências dos seus pais como: Religiosidade, Engajamento comunitário, consciência de grupo, e moradia na adolescência no Jardim Garcia, levaram Vera a ter um posicionamento diante da vida que envolve as quatro atitudes elencadas no mapa – religiosidade, enfrentamento, geratividade, solidariedade. Em relação à religiosidade, esses ensinamentos ficaram bastante enraizados em sua prática cotidiana. Essa atitude também possibilitou uma reação de continuidade, que envolve a coordenação da Pastoral da Saúde, tal como os seus pais desempenhavam no passado. O enfrentamento, ou seja, a forma de encarar os problemas cotidianos, também foi uma atitude alimentada pelos seus pais, envolvendo principalmente a religiosidade, engajamento comunitário, bem como a consciência de grupo. A atitude de geratividade relaciona-se com a sua religiosidade. Como resume a fala já citada, Vera considera que está continuando o trabalho de seus pais na comunidade, e sonha com as possibilidades de suas filhas continuarem com seus trabalhos. A solidariedade está muito ligada com a consciência de grupo, também adquirida de seus pais, e vincula-se à vida interiorana de comunhão e/ou partilha com seus afins. (...) *“tento resolver tudo para os outros... (risos)... tento prôs filhos também, acontece alguma coisa também quero dar um jeito logo, ... ajudar,... também os amigos, prá quem precisa, tá, assim... (...)”* (Vera p. 10).

As outras duas situações apreendidas na análise da entrevista foram importantes na trajetória de vida de Vera como: (a) perdas – viuvez e quando a filha sai de casa.; e (b) rede de amigos. Em relação à viuvez, Vera refere-se como um momento marcante de sua vida, e diz que conseguiu enxergar duas opções após o acontecimento: ficar deitada numa cama, ou sair “para vida”, principalmente no auxílio a outras pessoas. Vera, escolheu a segunda opção. *“Ah, foi,... então... é assim que... me distraio, ajudando as pessoas e me ajudando..., Porque eu tô fazendo o bem, mas (es)tá sendo bom pra mim também, porque... é uma terapia, distrai, ajuda os outros*

e..., me distraio também' (Vera, p. 15). E recentemente com a saída de sua filha, Vera expõe que: "Aí o pessoal liga: "Você não pára em casa", é porque assim, eu senti de ela ter ido pra lá, então eu não sei ficar dentro de casa, então o negócio é sair, saio, vou na casa de um converso, vou na casa de outro, ih... faço isso daí,... (se emociona ao falar da filha) (Vera, p. 10). Essas duas passagens estão fortemente relacionadas, no discurso de Vera, com atitude de enfrentamento, como podemos observar nas duas falas acima citadas.

Ainda para completar a explicação do mapa, precisamos voltar para as atitudes e relaciona-las às suas reações. A religiosidade vincula-se a sua continuidade na Pastoral da Saúde, a coordenação de 11 grupos da Mãe Rainha e a organização do grupo Giravida, que iniciou a partir observação da realidade local, através das visitas com os idosos da comunidade. Obteve um encorajamento com a Campanha da Fraternidade, em 2003.

O enfrentamento aparece como impulsionador para todas as reações apresentadas no mapa como: atuação na Pastoral da Saúde, coordenação dos grupos da Mãe Rainha, organização do Giravida, integrante do Coral Sentido da Vida e dos Bailes, que acontecem fora da comunidade.

A geratividade está relacionada com a continuidade na pastoral da saúde, que foi criada por seus pais na comunidade do Garcia, e também pela observação da realidade local e a percepção importância da consciência de grupo, a partir da criação do Giravida. Vera reserva sonhos como ampliação de atividades nos dias na semana e que o grupo consiga um local próprio para desenvolvimento das atividades, tornando-se, com isso, um Centro Dia. Para o desenvolvimento dessas estratégias, ressalta a importância do engajamento das futuras gerações para a continuidade desses sonhos.

A solidariedade, ou seja, a doação de horas de auxílio ao próximo, a inclinação para o cuidado dos mais velhos, foram observadas na preparação do lanche e auxílio no transporte para o grupo Giravida. Também essa inclinação é observada nas vistas realizadas através da Pastoral da Saúde, na qual leva comunhão para os doentes incapacitados de frequentarem a missa semanalmente.

O coral Sentido da Vida e o Giravida são referidos por Vera como as principais atividades desenvolvidas em sua vida e que estão ligadas à comunidade. Apesar de o coral ter surgido com a Campanha da Fraternidade, Vera não o considera como uma atividade de cunho religioso e, sim, como uma atividade de lazer, enfatizando serem a sua "terapia". Ao contrário do Giravida, que está intimamente ligado exercício da sua religiosidade, mas do qual também obtém autobenefícios com essa ação.

As reações levaram também a uma pós-reação, algo que não estava previsto no mapa inicial. Em especial devido à participação no Giravida, com o objetivo de divulgá-lo e conseguir algum benefício para a mesmo, Vera passou a freqüentar o Eixo descentralizado dos Idosos da Região Noroeste de Campinas, os Fóruns descentralizados e a Conferência Municipal do Idoso. Foi convidada também a participar como conselheira, a partilhar da sua visibilidade no Giravida, do Conselho Local de Saúde. Vera expressa nessa fala a importância de freqüentar lugares políticos como os já mencionados: “**Divulgar e vê se consegue,...** mais coisa assim, mais... (Vera, p. 20).”

A mudança na concepção de envelhecimento também seria uma pós-reação, observada na participação no Giravida e no Coral Sentido da Vida. Talvez a maior mudança fosse em relação à concepção de que os idosos também podem ser pessoas que prezam a continuidade e que detêm muitas possibilidades de ações. Nessa frase que se segue, podemos observar uma postura de recebimento de um idoso, e não somente de doação, quando lhe foi perguntado sobre o quê havia mudado a partir do trabalho mais contínuo com idosos. “*Ah, eu gosto muito assim... (es)tá sendo bom, a gente fica lá ajudando eles e (es)tá sendo ajudada. Porque, às vezes, você chega chateada também... ouve coisa também que é bom assim prá gente... então é muito bom também...*” (Vera, p. 18).

O envolvimento com novos projetos está ligado com a atitude gerativa que influenciou sua participação na coordenação do grupo Giravida, no Coral Sentido da Vida e nos bailes.

Na *Figura 14* pode-se observar o Mapa de entrevista de Inês, 44 anos, organizadora do grupo Giravida. Inês nasceu na cidade de Marília, interior de São Paulo e mora há 23 anos no Parque dos Eucaliptos, no Jardim Londres. Apresenta uma atitude otimista diante da vida e considera que a sua fé é professada na sua prática. A sua mãe teve um papel importante na criação da comunidade “Deus dá Vida” e atualmente Inês está á frente na organização da comunidade, assumindo diferentes funções. No grupo Giravida, assumiu a função de escritã da ata e organizadora do balancete. Inês considera-se uma pessoa de “(...) muita esperança, (...) eu tenho muita **esperança...** a minha **bagagem**, (...) eu poderia dizer que a minha é **cheia**, (es)tá sempre **cheia**, (...) eu já passei um **monte de coisa**, mas eu não me lembro assim, de **nenhum** momento de minha **vida**, que eu tivesse assim perdido a esperança...” (Inês, p. 14).

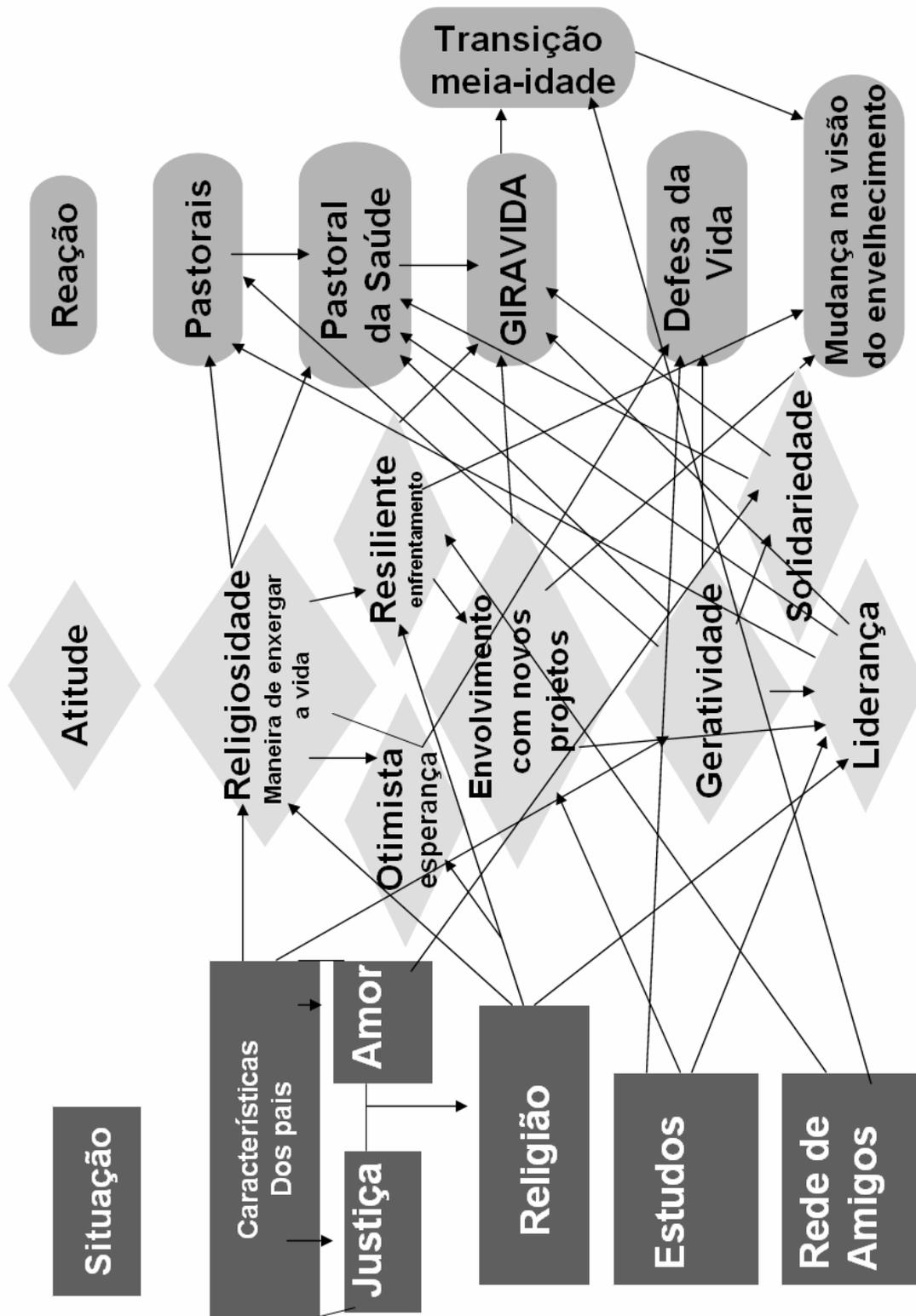


Figura 14: Mapa de entrevista com D. Inês

Discussão Mapa de entrevista Inês

Inês relatou com grande propriedade as características que herdou de seus pais e considerou que existiu um equilíbrio na sua educação, à qual associou a imagem de uma balança, com pesos de amor e justiça. O amor infinito, como expressou, veio de sua mãe, refletido na formação da sua família e no engajamento comunitário, principalmente voltado para as questões religiosas. A justiça, de seu pai, pois o considera um homem que presza o bom costume. Essa situação favoreceu que Inês despertasse para uma forte religiosidade, influenciando, assim, a maneira como enxerga a vida, através de valores otimistas e de esperança. A religião católica na sua casa foi transmitida de uma forma natural e aproximada das questões cotidianas. Inês considera que é muito parecida com sua mãe, e que hoje se vê dando continuidade às ações desenvolvidas e criadas por ela na Comunidade Deus da Vida. Muitas vezes também, quando está diante de uma situação que considera delicada, Inês se recorda dos ensinamentos de sua mãe, para obter auxílio na resolução do problema.

Inês desenvolveu no decorrer de sua vida a atitude resiliente, que seria a capacidade que um indivíduo tem de se recuperar depois de um abalo (emocional) para a condição inicial, ou voltar melhor desta situação, aprendendo, desta forma, com os fatos da vida. Essa atitude resiliente também é alimentada por sua religiosidade, e faz com que se envolva continuamente em novos projetos de vida. Percebe-se um forte valor gerativo em Inês, desde o que foi transmitido pelos seus pais até a necessidade que sente de dar continuidade às ações que hoje desenvolve na Comunidade e no grupo Giravida. Os ensinamentos de justiça de seu pai podem ter influenciado a sua formação em Direito. Essa formação, seus conhecimentos adquiridos com as experiências e o aprendizado adquirido através de sua mãe na organização religiosa do Parque dos Eucaliptos, proporcionaram a Inês uma postura de liderança nos grupos dos quais participa: Comunidade Deus da Vida (pastorais) e grupo Giravida. Inês considera que tem amizades duradouras e que uma, em especial, auxiliou-a a encarar a nova etapa de vida que estava adentrando. A rede de amigos também favorece a sua atitude resiliente.

A sua forte religiosidade lhe proporcionou uma reação de engajamento comunitário/religiosa em diferentes seguimentos como: Pastorais do Anúncio, Conselho Econômico e Pastoral da Saúde. Através da pastoral da saúde, ela e outras pessoas da comunidade articuladas com a Campanha da Fraternidade, criaram o grupo Giravida, que, a princípio surge no âmbito religioso, para depois atender a todas as pessoas que estão no processo de envelhecimento, independente da opção religiosa delas. A sua participação no Giravida

culminou com a transição que estava vivenciando em sua vida – a entrada na meia - idade, que para ela foi marcada pela menopausa. Inês considera que o grupo auxiliou-a a encarar e aceitar os fatos através das experiências transmitidas por pessoas com mais idade e da possibilidade de formar uma imagem de envelhecimento na qual gostaria de se espelhar. Podemos dizer, então, que com uma mudança de visão de envelhecimento, com a aceitação e percepção dos limites inerentes que essa fase pode causar (pós-reação), pôde vivenciar ainda com mais profundidade todas as coisas que sonha realizar “(...) ***Eu não quero ficar assim... (Risos)... nessa situação de não enxergar as minhas limitações, de não enxergar, não aceitar... porque, o pior é que a gente vive nessa situação, de não enxergar e de não aceitar...*** ” (Inês, . p. 29).

Outra reação foi em relação à defesa da vida: Inês considera que a vida precisa ser sempre defendida. Essa reação foi também uma soma de fatores (situações e atitudes) como: a formação em Direito e o trabalho que desenvolve há 14 anos como oficial de justiça e a atitude otimista e de esperança arraigada na fé que professa e também a convicção de que é necessário que as futuras gerações, gerativamente, absorvam essa sua reação de defesa da vida.

A sua atitude de solidariedade foi influenciada pelo amor incondicional que sua mãe reservava com as pessoas, e relaciona-se com sua atitude gerativa presente no envolvimento dos grupos Giravida e dos grupos ligados às pastorais na Comunidade Deus da Vida.

ASPECTOS SEMELHANTES E DIVERGENTES DOS GRUPOS ANALISADOS

Grupo 1: Participantes do grupo Giravida

Os mapas de D. Déa e Izolina foram traçados com maior complexidade devido ao maior número de experiências adquiridas ao longo de suas vidas que mencionaram. As linhas de força apareceram mais alongadas e com emaranhado de associações. O aumento na idade favoreceu uma complexidade maior nas interligações das linhas de força.

Em relação ao início da participação comunitária, tiveram uma trajetória aproximada, pois Izolina começou a participar a partir da Comunidade Eclesial de Base do Jardim Londres e depois, com o fechamento da Comunidade, houve a interrupção da sua participação. Já D. Déa foi uma das primeiras moradoras a freqüentar a Comunidade Deus da Vida no Parque dos Eucaliptos. O que diferencia D. Déa e D. Izolina no início da participação comunitária foi a

inserção da primeira no Grupo Reviver, na década de 1990, o que depois foi interrompido, devido às limitações físicas advindas com a idade.

Com o avançar da idade e algumas limitações que carregaram, principalmente de ordem física, D. Déa e D. Izolina passaram a ser assistidas pela Pastoral da Saúde de seus respectivos bairros e, posteriormente, foram convidadas pelas agentes das pastorais da saúde a participarem do grupo Giravida.

O fator desencadeante das reações comuns entre as duas depoentes foi a Religião. As características que guardam de seus pais também influenciaram as atitudes de forma diferente. D. Déa adquiriu de seu pai uma propensão para lidar com os negócios e de sua mãe amorosidade. D. Izolina, por sua vez, guarda de seu pai a inclinação para o compromisso com o outro e de sua mãe, o aprendizado de costura e da língua portuguesa.

A mudança para o novo bairro sem muita estrutura foi um fator determinante para D. Izolina desenvolver formas de enfrentamento, por outro lado, um acontecimento marcante vivido por D. Déa relacionado com a perda de uma professora muito querida influenciou na tipologia da sua atitude de enfrentamento.

Para D. Déa, os aprendizados adquiridos ao longo da vida foram muito marcantes e para D. Izolina as experiências de vida são as mais predominantes.

O peso maior na atitude gerativa para D. Déa foi a continuidade das ações desenvolvidas por seus pais e para D. Izolina foi mais forte a reação gerativa, manifesta na forma de passar conselhos para pessoas mais novas.

As depoentes desenvolveram atitudes de amorosidade que estão fortemente ligadas com atitude de solidariedade. Também desenvolveram, sabedoria, ou seja, especialização cognitiva para encarar fatos da vida, que para D. Izolina foi influenciado pelas experiências de vida, atitude pró-ativa, enfrentamentos de estressores e a maneira como enxerga a vida.

Fatores que levaram à participação no grupo Giravida

Em relação aos aspectos comuns, foram: desejo de continuidade na participação em grupos comunitários, maneira positiva de encarar a vida, estilo de enfrentamentos de estressores, envolvimento com novos projetos e religiosidade. Os aspectos singulares que também contribuíram para participação no grupo foram: D. Déa apresenta uma atitude mais pragmática manifesta na busca de novos aprendizados que independem de sua idade e na satisfação de realizar algum exercício físico. Por sua vez, D. Izolina apresenta uma atitude pró-ativa, que se

manifesta na capacidade de tomada de decisões e utilização de determinadas estratégias de enfrentamento.

As pós-reações advindas da participação no grupo foram principalmente o aumento da rede de suporte social recebido e aumento nos relacionamentos interpessoais, mais do que a mudança na visão sobre o envelhecimento, pois para elas o grupo também foi visto como forma de enfrentar o isolamento. Também demonstraram uma reação gerativa, pois desejam a continuidade do grupo para elas poderem usufruir, mas também para que as próximas gerações contem com lugares significativos de convívio.

Outra *pós-reação* que observa-se em D. Izolina é a valorização de sua participação na Conferência Municipal do Idoso, através do grupo Giravida, e a leitura do Estatuto do Idoso. Estas atividades lhe demonstram que envelhecer é um processo de desenvolvimento, reforçando sua atitude pró-ativa, pois tanto a leitura como na participação na Conferência Municipal do Idoso foram situações que favoreceram a reflexão sobre o seu processo de envelhecimento e sobre sua categoria “Ah, eu acho **bom**, é ótimo, só assim o povo tem mais **oportunidade, proteção...**” (D. Izolina, p. 25).

Inocência: Participante dos grupos Reviver e Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe

D. Inocência apresentou desenvolvimento em mão contrária á das outras depoentes em relação à na participação nos grupos, pois não iniciou a sua participação devido a sua religiosidade e sim a sua atitude comunicativa, positiva e de enfrentamento. Depois que passou a frequentar os grupos, D. Inocência ampliou suas atividades religiosas no Santuário da Nossa Senhora de Guadalupe. O seu casamento religioso aconteceu nesse mesmo Santuário, com a participação da sua rede de relacionamentos advindos dos diferentes grupos. “Eu precisei **descer do artar** prá poder..., povo fazia prá me **cumprimentar**, e eu e meu esposo, porque a igreja tava cheia e tinha **muita gente conhecida**, é, quando ele **anunciou**, meu Deus, o povo **tudo** bateu palma, porque a entrada, nois **entremo** como se fosse o casamento memo” (D. Inocência, p. 36). D Inocência apresenta-se bastante ativa nos dois grupos. Avaliou o grupo Reviver como um espaço de convívio e de desenvolvimento de atividade física; o grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe foi avaliado por ela como espaço religioso.

Mesmo com as adversidades da vida, D. Inocência considerou-se uma pessoa muito positiva. O grande aprendizado na sua vida veio a partir das experiências adquiridas e não do

banco escolar. A sua religiosidade influenciou a maneira de enxergar a vida de forma mais positiva.

Fatores que levaram D. Inocência a participar do grupo

No grupo Reviver os fatores foram: atitude positiva, atitude comunicativa e simpática e forma de enfrentamento de situações adversas. No grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe, os fatores foram: convite realizado no Grupo Reviver para sua participação, atitude comunicativa e participativa. A participação nesse grupo produziu um fortalecimento de sua religiosidade, pois também o considera um espaço religioso no qual presta auxílio para Igreja.

A participação nos grupos produziu em D. Inocência uma sensação de revigoramento da idade *“ah, revivi muitos anos, vixe!... a gente parece que, parece que tem mais outra, tem mais animação, mais coragem”* (D. Inocência, p. 21), e de aumento na rede de relacionamentos.

As participantes D. Déa, D. Izolina e D. Inocência não relataram as mudanças que o grupo produziu na visão de envelhecimento, mas os benefícios que o grupo trouxe, como aumento da rede de relacionamentos e revigoramento da vida.

Grupo 2: Mulheres idosas organizadoras de grupos comunitários

Apesar dessas mulheres organizarem grupos distintos, elas foram agrupadas aqui para comparação de seus Mapas, pois os três grupos a que pertencem promovem a convivência, mesmo apresentando caminhos distintos do percurso histórico. Segundo D. Aurora, coordenadora do grupo Reviver, o grupo favorece mais a qualidade de vida entre os participantes através de atividade física e convívio estreito no grupo de artesanato. D. Lourdes, coordenadora do grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe, considerou que o grupo seria um espaço de desenvolvimento de atividade manual e, após a venda ou bingo das peças, contribui para a manutenção do Santuário da Nossa Senhora de Guadalupe. D. Paulina, atual coordenadora do grupo Giravida, avaliou que o grupo favorece mais apoio e ou cuidado para idosos que estavam restritos a pouco convívio social.

As histórias ou situações elencadas por elas apareceram de forma diversa, no entanto, a mudança para o novo bairro e a religião apareceram como predominantes.

A atitude solidária apareceu com força nos discurso dessas depoentes, mas as levou a reações distintas como: (a) para D. Aurora, a atitude solidária foi decorrente da sua religiosidade

fez com que desenvolvesse trabalhos voluntários no Progem e na favela Armet e, atualmente, ao desenvolvimento de seu papel como coordenadora do Grupo Reviver; (b) para D. Lourdes, a atitude veio em decorrência de sua religiosidade e dos enfrentamentos necessários para lidar com as situações adversas quando da mudança para um novo bairro, levando-a a desenvolver trabalho voluntário no Progen, a participar de grupos no antigo Centro Social da VCB e, atualmente, a assumir a função de coordenadora do Grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe; (c) Para D. Paulina a atitude solidária veio através de sua religiosidade e dos enfrentamentos necessários para lidar com as situações adversas na mudança para um novo bairro, levando-a a ser voluntária do Progen. Na participação ativa em diferentes grupos como Mulheres da Periferia, que tinha um perfil reivindicativo no bairro, à idealização do grupo Reviver, e atualmente, à coordenação do grupo Giravida.

D. Lourdes e D. Paulina apresentam uma atitude mais reivindicativa em decorrência da mudança para novo bairro do que D. Aurora, que mudou-se para um bairro mais estruturado. D. Lourdes participou ativamente na criação da comunidade católica da VCB, assim como tornou-se monitora do antigo Centro Social. Por sua vez, D. Paulina, participou na criação e desenvolvimento do Grupo de Mulheres da Periferia, através de reivindicações como a construção da pré-escola e como monitoria dos cursos no Centro Social.

D. Aurora e D. Lourdes se avaliaram com atitude de liderança. Para D. Aurora essa atitude necessária para coordenação do grupo Reviver advém dos cursos e habilidades aprendidas, em especial do curso que realizou sobre o assunto e também pela educação centrada na responsabilidade que seus pais sempre lhe proporcionaram. Para D. Lourdes, a atitude de liderança necessária para coordenação do Grupo Cantinho da Nossa Senhora de Guadalupe foi fortalecida com os cursos que realizou e também está ligada com a sua atitude reivindicativa. Nas duas situações, a presença das coordenadoras são fundamentais para continuidade dos grupos. Para D. Aurora, ser líder significa pôr “*fermento na massa... fazer crescer as coisas, acontecer*”. *Precisa ter, eu acho assim, de energia... não prá impor, mas prá saber conduzir* (D. Aurora, p. 24). “*É a gente (es)tá a frente de alguma coisa...*” (D. Aurora, p. 23).

Por sua vez, D. Paulina não se avaliou como líder, apesar dos seus múltiplos envolvimento atuais e passados de criação e manutenção dos grupos. Preferiu não se intitular como uma liderança, “*não, liderança não*” (D. Paulina, p. 20), pois considerou que esse caminho das organizações não foi solitário e, sim, foi movido junto com um grupo de pessoas para desenvolvimento de movimentos sociais. Paulina trouxe a idéia mais forte de consciência grupal, diluindo-se a imagem de grupo centrado em uma pessoa.

D. Aurora, durante a entrevista, quando falava sobre liderança, lembrou-se de mostrar para a pesquisadora um diploma de um curso de formação para liderança realizado nos dias 4 a 25 de novembro de 2004, realizado pela Faculdade da Terceira Idade Puc-Campinas. “ (...) *Muito legal... agora você falou uma palavra que eu lembrei de uma coisa... (...) Você quer ver...você falou de liderança...*” (voz vai sumindo) (D. Aurora, p. 23).



D. Aurora, além de preparar o ambiente da entrevista como o Jornal Conexão Jovem, também enriqueceu a entrevista com um diploma emoldurado de um curso que realizou sobre liderança.

Figura 15: Foto referente à entrevista realizada com D. Aurora, no dia 18 de fevereiro de 2005.

A religiosidade apareceu com grande expressão entre as depoentes, porém a manifestação da religiosidade das depoentes encaminhou-se de forma distinta. Para D. Aurora, o seu vínculo religioso se dá através do grupo de missionários, que seria um grupo de reflexão do Evangelho. D. Lourdes, além da participação das celebrações, também tem grande papel na parte organizativa do Santuário da Nossa Senhora de Guadalupe, pois participa da equipe da Liturgia. Também avaliou o grupo Cantinho como extensão religiosa. Para D. Paulina, a sua religiosidade manifesta-se mais expressivamente na parte assistencial da Igreja, através da Pastoral da Saúde e do Batismo.

O que as levou a participarem dos grupos na comunidade

Os fatores semelhantes, entre as depoentes, que as levaram a participar dos grupos comunitários, foram: a religiosidade, os fazeres aprendidos em cursos, a solidariedade e a atitude de envolvimento com novos projetos. Os valores divergentes foram: D. Lourdes e D. Paulina apresentaram também atitude gerativa na participação e na visão de continuidade dos grupos. Por exemplo, D. Lourdes, por motivo de doença, achou que poderia partir sem antes deixar seus conhecimentos para as pessoas. Neste sentido, foi buscar no trabalho de voluntariado seu espaço de transmissão de conhecimento. Por sua vez, D. Paulina foi a depoente que mais transitou entre os grupos da comunidade e traz consigo o desejo de continuidade e adaptação necessárias dos grupos para atingir as necessidades da realidade local. O impulso inicial para D. Aurora foi a busca pela qualidade de vida e somente depois manifestou-se o seu desejo pela continuidade do grupo Reviver.

As pós-reações destacadas pelas organizadoras idosas foi a mudança da visão do envelhecimento, advinda após suas participação nos grupos. D. Aurora considerou que o grupo ajudou-a a perceber que envelhecer pode ser diferente, que não necessariamente significa prejuízos e limitações como achava anteriormente. D. Lourdes avaliou que a participação no grupo favoreceu a melhora da sua saúde física e emocional e que seria possível envelhecer ativamente. D. Paulina, enfatizou que os grupos lhe proporcionaram aceitação de seu próprio envelhecimento.

Na pós-reação apareceu novamente a geratividade manifestada por diferentes pedidos. D. Aurora gostaria que outra pessoa pudesse assumir a coordenação que realiza no grupo, há 14 anos, para não se extinguir o grupo Reviver. D. Lourdes também gostaria que houvesse outra pessoa para coordenar o grupo, como também que existissem grupos específicos para se trabalhar com os adolescentes. D. Paulina manifestou o desejo de continuidade para que também possa, no futuro, participar somente como integrante.

O resultado decorrente da participação em grupos comunitários foi o aumento na rede de relacionamento. Para Paulina, essa rede foi construída de forma implícita, pois ela foi ampliada na medida em que os grupos foram se transformando. Por sua vez, para D. Aurora e D. Lourdes, a ampliação da rede foi percebida com mais intensidade.

Grupo 3: Mulheres de meia-idade organizadoras de grupos comunitários

As mulheres desse grupo correspondem ao mesmo grupo – Giravida. As situações semelhantes encontradas nos depoimentos das entrevistadas foram a forte religiosidade e geratividade. Vera e Inês tiveram um traço gerativo que vêm da história da criação e organização das Comunidades católicas e Pastorais da Saúde no Jardim Garcia e Parque dos Eucaliptos. Para Clotilde, a Pastoral da Saúde também foi impulsionadora para participação no grupo Giravida, pois foi através das visitas que começou a perceber a dura realidade dos idosos visitados.

As situações apareceram de forma distinta entre as depoentes. Para Vera, além da influência advinda de seus pais sobre a organização comunitária, também houve em sua vida perdas que, depois de elaboradas, produziram a sua ação. A atitude de liderança apareceu nos relatos de Inês e Clotilde. Para primeira, o dom da palavra e o estudo superior influenciaram essa posição e para segunda, a confiança das pessoas sobre as questões da organização da Pastoral da Saúde, é que favoreceram a sua liderança.

Fatores que as levaram a participar do grupo Giravida

Os aspectos em comum foram: a religiosidade, a geratividade, atitude de envolvimento em novos projetos e solidariedade. Os aspectos divergentes para participação no grupo foram: atitude reivindicativa de Clotilde para melhoria das condições dos idosos de sua comunidade, entre Inês e Vera o enfrentamento também influenciou na participação no grupo; a influência positiva dos pais com história na organização de grupos comunitários, foi assinalada pelas entrevistadas.

A participação nos grupos favoreceu Clotilde a melhorar sua timidez, sentindo-se mais desinibida para colocar suas questões, pois sentiu-se valorizada quando as agentes da Pastoral da Saúde acataram a sua idéia de formação de espaços que cuidassem dos idosos. Para Inês, a participação no grupo Giravida culminou uma melhor a transição em determinada fase de vida (menopausa). O grupo, em um primeiro momento, a chocou, devido às limitações das idosas que começaram a freqüentá-lo, mas depois ela avaliou a importância do mesmo para superação de sua própria crise.

Vera e Clotilde, após a organização do grupo Giravida, como já assinalamos, passaram a freqüentar espaços políticos relacionados ao idoso no município, como Conselho Local de Saúde, Intersetorial do Idoso e Conferência Municipal do Idoso. Para Clotilde, depois que ela começou a

freqüentar o Eixo Idoso, percebeu a possibilidade de “(...) *crescer mais no conhecimento. Participei já de várias reuniões. Várias, até assembléias, do eixo do idoso*” (Clotilde, p. 21). Para Vera, o grupo a impulsionou “*que nem eu entrei no Eixo do Idoso, por causa do... idoso, prá ver se conseguia mais coisa prô idoso... (...) prá ter mais parcerias... no Intersetorial... foi tudo pelo GIRAVIDA que eu entrei*”. (Vera, p. 20).

Outra *pós-reação* para as participantes foi à mudança na visão sobre o envelhecimento, que com a participação no grupo passou a ser mais positiva. Para Clotilde, a partir dos conhecimentos adquiridos com o grupo, ampliou-se sua visão sobre espaços destinados á atenção ao idoso, pois pôde verificar que as instituições de longa permanência não são os únicos lugares de proteção para eles. Por sua vez, Inês avaliou que o grupo acolheu a transição que estava vivendo e também pôde perceber que existem maneiras diferentes de envelhecimento e que, para isso, os estereótipos criados pela sociedade não precisam ser mantidos como vestimentas infantilizadas, tais como freqüência exagerada nos bailes e bingos. E para Vera, o grupo mostrou-lhe a possibilidade de recebimento de manifestações de carinho dos idosos, pois ao mesmo tempo em que ajuda, também é ajudada no grupo Giravida. Também verificou que, mesmo nos idosos, há o desenvolvimento de potencialidade.

ANÁLISE GERAL DOS GRUPOS

De um modo geral, as situações que levaram as depoentes a criarem, manterem e participarem dos grupos comunitários foram distintas devido à história vivida por cada uma delas. Mas as situações de mudança para um novo bairro, as características dos pais, o aprendizado de fazeres e a religião apareceram com maior predominância.

Em relação às atitudes, a solidariedade, envolvimento com novos projetos, religiosidade, geratividade e enfrentamento de estressores, foram as mais recorrentes.

Entre as organizadoras idosas e de meia-idade, estas atitudes mencionadas constituem pontos em comum. Por sua vez, entre as participantes idosas e muito idosas, a atitude comum foi a maneira positiva de encarar a vida que guarda uma interface com a capacidade de enfrentamento.

A principal semelhança dos Grupos (1, 2, 3) relacionados pela idade e tipo de participação comunitária foi a atitude de envolvimento com novos projetos e a religiosidade. A seguir, destacaremos os principais aspectos levantados na pesquisa.

Significados da participação em grupos comunitários

Os significados atribuídos, pelas participantes, à participação nestes grupos emergiram das reações, principalmente, e das pós-reações que foram destacadas nos respectivos mapas de entrevista.

Os grupos possibilitaram criar novas “(...) **amizades**, *conhece(-se) muito mais gente*” (D. Lourdes, p. 20), aumentando a rede de relacionamento:

*“(...) **Aumentou**, tudo **são** minhas amigas agora, **aumentou** mais (...) Eu cheguei lá na **igreja** e veio todo mundo me **receber** na porta prá ajudar eu entrar, veio todo mundo me cumprimentar, a **Jô** também (es)tava lá... todo mundo me deu **atenção**, eu gosto muito da turma lá, tenho **amizade** com todo mundo...”* (D. Izolina, p. 17 e 18).

A ampliação da rede relacionamentos se estende além da participação nos grupos, mas também, no caso de D, Izolina, por exemplo, promove seu reconhecimento em outros espaços sociais, como a Igreja. O suporte social favorece, além de melhora na saúde física, o bem-estar de idosos (Antonucci, 2001), e também dá um sentido de pertencimento ao grupo. A rede de suporte social é entendida como um conjunto de pessoas, de níveis diferenciados de importância e proximidade psicológica, no qual ocorre em um espaço que possibilita intercâmbios (Erbolato, 2002).

*“(...) Muito importante, **adoro quando sou bem recebida**, assim, ontem eu (es)tava **falando** aqui pra turma, eu gosto **demais de** lá, porque todos **recebe9m**) a gente **muito** bem... todo mundo, as colegas, as **moças** que trabalham lá (...) eu gosto de ir **lá** por isso, **é tão bom quando vamo(s) num lugar e é bem recebido**, é chato quando a pessoa não faz **conta** e deixa a gente pra lá”* (D. Izolina, p. 17-18).

*“(...) Ah eu já fiz **bastante** amigo, eu já fiz **bastante amizade**, sim. **Nossa!**”* (D. Déa, p. 43).

Os amigos nas pesquisas sobre a rede de suporte social, são vistos como relacionamentos voluntários entre iguais, com base em semelhanças, contrapondo-se às relações familiares e de vizinhança, que são relacionamentos marcados pela proximidade geográfica e pelo contato freqüente (Antonucci 2001; Erbolato 2002). Assim, também parecem para nossas depoentes:

“(…) **Também**, a gente tem um bom relacionamento com os vizinhos, tem amor e amizade com todo mundo. **A gente fala muito da igreja, mas em todo o sentido**, em todos os sentidos também, a vizinhança é gente boa,…” (D. Lourdes, p. 41).

A mudança na visão de envelhecimento apareceu com maior força em uma idosa participante, nas organizadoras de meia-idade e em idosas de grupos comunitários, em diferentes seguimentos.

O Grupo como facilitador do processo de transição para meia-idade:

A entrada para meia-idade caracteriza-se por ser um momento de transição, pois nesta fase começamos a ter a percepção de que já vivemos metade de nossas vidas, percebemos a proximidade com a morte (própria e de pessoas queridas), experimentamos a perda de quem pensávamos que fôssemos (sonhos e ideais), perda da juventude, de certas capacidades “(…) *inteireza e a completude psicológica*” (Brehony, 1999, p. 59). Entretanto, um aspecto importante “(…) *é encontrar e desenvolver em várias dimensões um ponto de equilíbrio vital entre o corpo biológico, social e o psicológico*” (Gusmão (2001), p. 115).

O grupo, para Inês, serviu como um local para vivenciar seu rito de passagem, importante para aceitação dessa nova fase de vida e para futura velhice:

“(…) **Ah, meu Deus do Céu, aquelas limitações todas!**... tinha que olhar de frente assim (...) Era minha realidade **futura** que eu não queria **enxergar**, acho que era um pouco isso, eu passei por isso, **agora** que eu me vejo assim mais **calma**, lidando melhor **com isso**, aceitando a minha **condição** (...) Agora que eu (es)to(u) conseguindo, me sentir **confortável**, no grupo” (Inês, p. 17 e 30).

“(…) Mas o grupo foi muito importante pra mim, principalmente porque, como no grupo, a **proposta** é a atenção ao envelhecimento, e, acho que sempre ficou claro pra todos nós, que **não tem** uma idade assim pra **você** entrar, **então ele é bom pra todos nós**... independente da idade... então eu deixo até meu testemunho (...) de participação (...) **eu estava em conflito** (...) **mas foi muito importante**” (Inês, p. 31).

A organização dos grupos existe como uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que ajuda, a pessoa também acaba sendo ajudada. “(…) Ah, eu **gosto** muito assim... (es)tá sendo **bom**, a gente fica lá **ajudando** eles e (es)tá sendo **ajudada**. Porque, às vezes você chega **chateada**

também... **ouve** coisa também que é **bom** assim prá gente... então é **muito bom** também.. (...)” (Vera p.18).

Outra mudança na visão de envelhecimento foi em relação à aceitação dessa nova fase de vida; o grupo possibilitou uma visão mais positiva do envelhecer.: “(...) **Esse grupo ai da 3ª idade** me ajudou muito, me ajudou **bastante**.. (...) porque eu **aprendi** que a gente **pode** fazer tudo com a **idade**, que **cada** tempo de vida tem a sua **parte**” (D. Aurora, p. 21).

“(...) É uma **aceitação** que eu (es)to(u) **fazendo** tudo com **muita naturalidade**... (...) (es)to(ou) **envelhecendo** com tanta **naturalidade**, que nem **parece** que o tempo **passou**... não tenho mais aquele **pavor** que eu tinha antes, quando eu via uma pessoa velha: (...) andando tudo **arrastado**... eu achava tão **esquisito** aquilo, tinha um **medo** de ficar daquele jeito... (...) mas eu tinha aquele **pensamento**: será que vou ficar assim?” (D. Aurora, p. 21).

“(...) **Eu acho** que velha abandona tudo. **Acho** que não tem mais **ânimo**, **disposição pra nada** e a gente vem lutando, tentando, recuperar a saúde, no início choca bastante, (você) não aceita, **acho** que se eu me entregar, aí eu vou ficar velha mesmo...” (D. Lourdes, p. 34).

“(...) **Eu cresci** muito, nos tempo pra cá, eu era meio, **meio** parada assim, **sabe**, agora eu tenho (...) **Evolui**” (D. Paulina, p. 9).

Essas falas mostram a proximidade com a teoria do envelhecimento bem-sucedido, envelhecer com aceitação, que define-se como uma maximização de realizações de resultados positivos (desejados) e minimização e anulação de resultados negativos (não desejados), entendendo o envelhecimento como processo de desenvolvimento (Baltes & Freund, 1998).

Fatores que influenciaram o envolvimento inicial e a manutenção das participantes nos grupos

As atitudes que mais influenciaram a participação e sua continuidade nos grupos, entre as diferentes entrevistadas, como mencionamos anteriormente, foram o envolvimento com novos projetos e a religiosidade.

O envolvimento com novos projetos pode ser entendido, tanto como busca de melhoria no suporte social e na qualidade de vida, como também compromisso com o outro, o que está intimamente ligado com a geratividade, pois tanto a criatividade e produtividade estão ligados com o construto da geratividade. Para Erikson (1998), “*inclui procriatividade, produtividade e criatividade, portanto, a geração de novos seres, novos produtos e ideais, incluindo uma espécie de autogeração relativa ao desenvolvimento adicional da identidade*” (p. 59).

A participação em três diferentes grupos foi visto por D. Paulina como “(...) **gratificante** você, você **participar** e você ver a **continuação**, ... Agora espero que esse **GIRAVIDA** continue, que não acabe” (D. Paulina, p. 19). O resultado de sua vinculação foi que: “(...) *melhorou mais assim a **participação**, o **conhecimento** assim, crescimento assim, a gente sempre fica **aprendendo** coisas novas*” (D. Paulina, p. 20).

A religiosidade foi entendida por Roof (1999) e Weithow (1998) como importância institucionalizada na tradição, centrada em crenças religiosas e práticas na vida de um indivíduo (Dillon; Wink (2003) *apud.* Roof (1999); Weithow (1998)). A religiosidade seria a forma como cada pessoa manifesta a sua crença.

Entre as participantes, a religiosidade manifestou-se diferentemente na forma como professam sua fé, tanto na prática religiosa, como na questão organizacional e assistencial da Igreja. Essa divisão ficou nitidamente marcada pela forma tradicional/paroquial do trabalho da Igreja Católica e pelas comunidades Eclesiais de Base relacionadas com a Teologia da Libertação. A maioria das depoentes manifestaram maior vinculação à segunda corrente.

A Paróquia X Comunidades Eclesiais de Base

a) Defesa pelo estilo tradicional – Paróquia

“(...) *Começou a desviar, uma religião esquisita, sabe, **não era como na igreja católica**, começou muito assim, **combater tudo**, fazer muitas passeatas, muito, a base, era mais a parte material, **foi acabando com a parte religiosa...** não foi possível, **não sei (se) por a gente ser conservador**, achava aquilo muito estranho, era umas pregações (...)* (D. Lourdes, p. 12).

“(...) *Houve quem **concordasse** sim, bastante gente concordaram, mas aí ficou uma comunidade bem **menor**, só umas 30 ali, depois é que voltou **tudo**, a comunidade cresceu de novo* (D. Lourdes, p. 12).

O padre da antiga Capela ficou temeroso pelo fim das Comunidades Eclesiais e também:

“(...) Ele achava que o dinheiro que ia gastar no Santuário, era um dinheiro perdido, tinha que dar prôs pobres (...)” (D. Lourdes, p. 12).

No entanto, para D. Lourdes a explicação para pobreza pode ser encontrada na escritura sagrada:

*“(...) Mas até tem na bíblia, o próprio Cristo disse que **pobre** ia existir sempre, sempre existiu. Você não adianta resolver os problemas desses que então hoje, porque daqui a pouco tem **outro**, não ia resolver mesmo, a igreja pode dar orientação, **ajudar**, como ajudou muitas famílias, e ajuda. Agora tem o trabalho da **pastoral** da saúde, é o que faz o trabalho com os vicentinos. Toda paróquia tem vicentino, aqui não é **vicentino** é, comunidade da pastoral da saúde, e que tem muitas famílias assistidas, com **alimentação**, cesta básica” (D. Lourdes, p. 12).*

b) Defesa pelas comunidades Eclesiais de Base

*“(...) as pessoas **conseguem** viver **mais a fé**, com mais **lucidez**... numa comunidade **pequena**, do que desse jeito...(...) Porque num grupo maior você é **um** a mais, você vai lá faz sua oração, **segue lá o ritual**, o ritual **litúrgico**, e tudo bem... Aqui todo mundo conhece todo mundo, é completamente diferente... sabe, é completamente diferente, o trabalho é **completamente** diferente” (Inês, p. 23).*

*“(...) Ah, **afastou** um pouco sim... porque aí **outras** pessoas já tinha um **modo** diferente de **agir**, de agir como a gente agia, **a gente agia como comunidade mesmo** (...) **Comunidade de base**, como comunidade de base, agora essas **pessoas** que entraram não, eles **eram** assim tipo **Paróquia** mesmo, você vê Paróquia é **diferente** de Comunidade de base” (D. Paulina, p. 15).*

*“(...) É, e uma das coisas que a gente **pensava**, que a gente lutava contra, a gente achava que a **existência** de uma igreja assim ia acabar com o **trabalho**, ia acabar chamando o povo todo lá pra cima. Ninguém mais ia **querer participar** das comunidades... não foi o que aconteceu” (...) (Inês, p. 24).*

b.1) Importância de diferentes espaços para o estilo de cada pessoa

*“(...) Mas eu sou **franca** prá falar com o padre Bruno, falar assim: “Olha, eu não **tenho nada** contra o templo, **hoje eu** até consigo dizer, puxa, até que foi bom ter esse templo*

*... aí, porque tem gente que precisa de lugar assim, prá se **sentir na igreja** (...)*” (Inês, p. 24).

Mesmo em uma comunidade, a visão religiosa pode aparecer com divergências, pelas diferentes correntes religiosas, diferentes histórias de vida e personalidades. No entanto, foi a atitude que mais influenciou o início da participação e continuidade dos grupos comunitários nessa pesquisa.

Formas diversas de professar a fé na prática religiosa:

a) Na periferia – ligar a vida com a fé

*“(..) Qual foi a diferença **maior** que a gente **sentiu**... em relação a outros trabalhos que a gente **tinha** realizado, em outras igrejas, onde a gente já tinha **participado**... é que aqui nos **bairros mais carentes**, vamos dizer assim... **periferias**, os bairros mais pobres, havia um trabalho, de fazer com que as pessoas que **estavam** ali rezando, **pudessem ligar a fé com a vida**...”* (Inês, p. 22).

*“(...) É como teia, não dá prá você **falar**, conviver minha fé aqui na **igreja**, na hora que eu vou na missa, não é isso, aqui **eu me alimento**, como eu sento na mesa, pra almoçar, aqui eu me alimento... mas a fé tem que permear **tudo** o que eu faço, então eu digo assim: “eu tomei essa decisão **porque**? Eu tomei essa decisão, eu penso assim, eu emiti essa **opinião** porque sou **cristã**, porque se eu não fosse eu teria outra **opinião**, isso aqui eu(eu)to(u) fazendo assim, é por causa da **minha fé**”... porque eu acredito assim, e é assim que eu consigo, responder, Denise (risos)”* (Inês, 34-35).

a.1) Surgimento da comunidade católica da VCB

*“(...) **Eu não sei se é a união do povo**, que veio com aquela vontade, **de melhorar o bairro**, o povo, **muita fé**, foi uma graça muito grande prá todo mundo que veio pra cá. Porque todo mundo tinha dificuldade de moradia, depois chegou aqui, então, sei lá, **e era bastante católicos também**, então **tinha uma força**, uma vontade de viver... (...)*” (D. Lourdes, p. 11).

b) Prática nas questões organizacionais e assistenciais da Igreja (pastoral da saúde, liturgia, aliança religiosa e grupo reflexões do evangelho).

*“(...) A **Pastoral Saúde** eu nem conhecia **muito** bem, o que fazia uma pastoral(...) Mas a gente se **achou** assim(...) eu e o **Araújo**, que a gente devia fazer **alguma** coisa prá*

comunidade. Fazer algo assim para o **próximo**. Aí nós fomos, acho que **Deus** até acho que encaminha, as vezes até a **gente**. E... aí teve uma **reunião**, convidaram a gente, que ia ter essa reunião da pastoral, aí nos **convidaram**, a gente foi, e parece que já nos **identificamos**. E aí começamos a **trabalhar** na pastoral” (Clotilde, 17).

“(…) Eu sou também da **Pastoral da Saúde**, que leva **comunhão** nas casas.(…) faço as **visitas**, levo a comunhão todo **domingo**... levo a comunhão nas casas” (Vera, p.5).

“(…) (Participo) Só da equipe da Liturgia. (...) A atividade a gente ajuda na missa, faz parte até de coroinha quando falta, e de distribuir a comunhão” (D. Lourdes, p. 13).

“(…) Participo, sou **coordenadora** da Mãe Rainha... que **vai** nas casas... um quadro que vai nas **casas**, então eu **coordeno** 11 grupos, no bairro...” (Vera, p.5).

“(…) Já fiz parte do grupo da catequese... fui do grupo de **animação**... agora só (es)to(u) no grupo **missionário**... (que) a gente sai pra fazer... reflexão do **evangelho**, nas casas...” (D. Aurora, p. 8).

Os espaços religiosos que proporcionam envolvimento na organização religiosa, também são usados como estratégias apropriadas para manutenção de uma qualidade desejável de equilíbrio emocional, como os outros e também o envolvimento religioso produz aumento na quantidade e qualidade dos laços sociais (MacFadden (1997) *apud*. Ellison & George (1994).

A fé transmitida para outra geração:

“(…) Eu costumo pensar como, como eu acredito em Deus e como eu **acredito** falar **através** da vida, das coisas que estão acontecendo, então eu tento fazer uma **leitura**... eu penso, se isso está **acontecendo**, o que será que Deus quer de **mim**? **Porque eu aprendi assim com minha mãe**...” (Inês, p. 19).

“(…) Então, e aí tinha uma senhora. A **mãe da Inês** (...) Então e **daí**, a mãe da **Inês** ela fazia a **missa** no salão. Sabe, armava lá o, levava uma **mesa**, cubria a mesa. E aí ela começou a convidar as pessoas. (...) ela **rezava missa**. E a Inês era bem **pequeninha**,

sabe. Era **criança** ainda. E aí eu também ia lá, ela me dava a **Nossa Senhora**. Ela me dava as imagem dos **santos** e a gente fazia ali (no condomínio) (...)” (D. Déa, p. 36).

3. INSTRUMENTO DE MEDIDA SOBRE GERATIVIDADE

Os dados decorrentes da aplicação do instrumento de avaliação da geratividade foram submetidos a análise estatística descritiva. Foram feitas análises por itens e por domínios. Serão apresentados os resultados por domínios, uma vez que ocorreu grande homogeneidade nas respostas.

A média para o domínio *manter* foi a mais alta (4.56, numa escala de 1 a 5). Em seguida veio a média do domínio *criar* (4.49) e depois, o domínio *oferecer* (4.42). É interessante notar que os desvios-padrão foram baixos (respectivamente 0,27, 0,27 e 0,37), o que confirma a homogeneidade das respostas. Na Figura 16 podem ser observadas as distribuições dos valores observados em cada domínio, em torno das medidas de posição.

Também foi calculada a correlação de pontos (*Sperman*) entre as médias nos domínios e na idade dos participantes (Siegel, 1975). Não foram observadas correlações estatisticamente significativas, explicadas pela pequena variabilidade das respostas, como se pode observar na Figura 16.

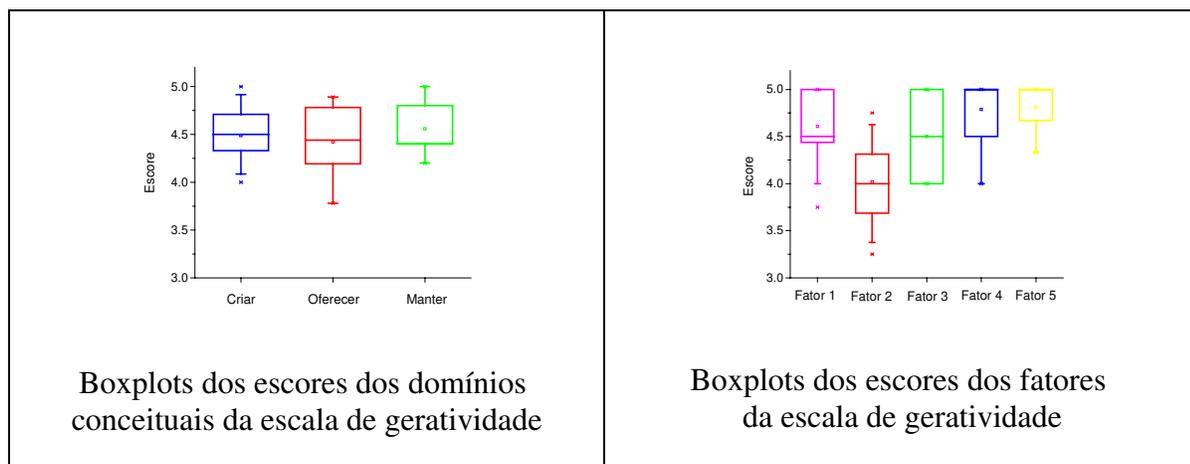


Figura 16: Distribuição dos valores no instrumento de medida de geratividade

A despeito da grande generalidade dos dados numéricos, é importante chamar a atenção para as peculiaridades das respostas a diferentes domínios do instrumento. Nos diferentes grupos a geratividade apareceu como atitude, ou seja, na continuidade de ações desenvolvidas pelos seus pais, ou como reação, como desejo de continuidade dos grupos comunitários.

Foi feita uma análise, sujeito por sujeito, dos resultados nesse instrumento, comparando-se com os conteúdos que emergiram da análise fenomenológica entre os grupos analisados.

No Grupo 1, mulheres participantes de grupos comunitários¹⁶, o foco principal seria o desejo de continuidade na participação de grupos comunitários, relacionando-se com atitude de enfrentamento, pois mesmo em situação de fragilidade, elas reagiram com alto grau de resiliência perante as adversidades, valorizando, assim, o estar em grupo. A atitude de enfrentamento também alimentou a maneira positiva como enxergam a vida, devido à especialização cognitiva advinda das experiências significativas e revisão de vida. Desta maneira, tiveram alta pontuação no instrumento de medida de geratividade no conteúdo *crescimento pessoal*, domínio *criar*, correspondente às perguntas (2, 3, 14). Segue as falas das depoentes que correspondem aos conteúdos do domínio *criar* de alta pontuação do instrumento de geratividade:

Desejo de continuidade do grupo:

“(...) Mas *sempre é ótimo esse negócio do GIRAVIDA, eu saíu um pouco, distraí, eu fico muito sozinha em casa... (...) (é) muito bom, eu gosto muito de lá... espero que aquilo não acabe nunca!*” (D. Izolina, p. 19).

Vida como processo contínuo de aprendizagem:

“(...) Se você ficar *parada* você não aprende *nada, não*. .. Eu fui aprender a tirar a *carta* quando eu tinha 50 anos ...” (D. Déa, p. 15).

“(...) Mas a gente não *deve de parar no tempo*. Que o tempo... o tempo é a vida da gente, não é? A gente não tem que *parar no tempo*. Tem que (estar) *sempre aprendendo*, é tão gostoso a gente aprender uma coisa” (D. Déa, p. 25).

Com o tempo melhora enquanto pessoa:

“(...) A tive, que *aprender* muito, tive que, *sofri muito* viu, assunto de *viver tudo*” (...) (D. Inocência, p. 37).

¹⁶ Na ocasião D. Inocência foi incluída nesse grupo.

“(...) Ah, ter bastante **carma**, né, **distração**, se o coração ficar com **tristeza**, piora mais, ficar bem **alegre**, divertir, distrair... **miora** o coração...” (Izolina, p. 24).

No Grupo 2, “mulheres idosas organizadoras de grupos comunitários”, o enfoque principal seria o desejo de continuidade dos grupos comunitários que organizaram, com forte marca gerativa, principalmente na doação daquilo que sabem fazer. A transformação da visão de envelhecimento aconteceu ao logo do tempo da organização e envolvimento de grupos comunitários. Neste grupo, elas pontuaram com maior expressão os conteúdos *transformação de conhecimentos*, *transmissão cultural* e na *transmissão da experiência de vida*, do domínio *oferecer*, relacionados às perguntas (20,4,13) Seguem-se falas correspondentes ao conteúdo do domínio *oferecer*

O desejo de continuidade dos grupos que organizam:

“(...) Ah, eu acho assim que deveria ter mais **interesse**, igual eu **tenho** assim, embora o tempo é curto, mas acho assim que as pessoas tinham que ter mais o **dom**, de participar, de **gostar também**” (D. Paulina, p. 21).

“(...) Aí, eu acho **assim** que, porque a **gente** não vai viver **eternamente**, então eu acho que as **pessoas** que vem vindo mais nova(s) que se **interessasse** em participar dessas coisas,... **Interessassem, participassem, pra não deixar morrer**, os trabalhos que já foram feitos... é isso que eu gostaria” (D. Paulina, p. 20).

“(...) **Eu acho que essa vontade de transmitir tudo o que sabe** prôs outros, **ajudar a pessoa, incentivo a trabalhar** (...) (D. Lourdes, p. 40).

Transmissão cultural:

“(...) Eu conservo as coisas antigas, **uma porque eu gosto, e outra que também a gente vai assim conservando as antiguidades para os novos conhecer(em)**” (D. Lourdes, p. 17).



Na garagem coberta de sua casa, D. Lourdes organizou o seu espaço de costura somado aos utensílios antigos. Além de guardar lembranças de pessoas, também reserva fotos que representam a história do bairro, como o registro do primeiro time de futebol da VCB. Nesse espaço vai costurando os fatos dos tempos, utilizando o passado para entender o presente.

Figura 17: D. Lourdes e seu pequeno museu, foto realizada em 29/04/2004, por ocasião do depoimento.

Transmissão de conhecimentos:

“(...) Eu gosto de ensinar, viu... e eu ensino, tenho paciência prá ensinar as pessoas... e faço com muito amor, quando eu tenho alguma coisa prá ensinar” (D. Aurora, p. 18).

“(...) Eu sempre gostei de passar tudo isso, eu gosto de passar, ensinar as pessoas, porque serve tanto, ajuda tanto, é uma higiene mental, é uma terapia... eu gosto de passar prôs outros” (D. Lourdes, p. 34).

Transmissão de conselhos para as próximas gerações:

“(...) Ah, elas devem encarar a vida pelo lado real, porque... envelhecer é normal... é uma coisa da vida, quem não (se) morre novo, fatalmente fica velho, então tem que saber envelhecer... envelhecer com dignidade, com paz, com alegria, com aceitação... eu acho isso...”(D. Aurora, p. 32).

No Grupo 3, “as mulheres de meia-idade organizadoras do grupo Giravida”, também é expresso o desejo de continuidade do grupo, mas apareceu com maior força o efeito da transformação nas suas visões de envelhecimento, no sentido de projeção, nas trocas advindas dessa relação e nos conhecimentos adquiridos com a participação nos grupos. Nesse grupo, a solidariedade apareceu como fator determinante, ligada com a atitude de ajudar o próximo, com o

compromisso com o Outro. A vinculação delas no grupo deu-se pela doação daquilo que elas têm, ou seja, a vontade e desejo de melhoria para grupos menos favorecidos. Essa inclinação também está intimamente relacionada à religiosidade e com o trabalho que prestam nas Pastorais da Saúde. O grupo Giravida, além de um espaço de convívio, também tem um cunho de cuidado das relações, preocupação com o Outro e prestação de serviço, como o transporte oferecido para as pessoas que têm maior dependência. Em relação à pontuação do instrumento de medida de geratividade, esse grupo pontuou com maior expressão no domínio *manter*, dentre os conteúdos *cuidar e responsabilizar-se*, correspondendo às perguntas (10, 7, 3 e 9) do instrumento. Seguem as falas relacionadas aos conteúdos:

Continuidade do grupo para prestar cuidado aos idosos:

“(...) Que continue sim, dando atenção aos idosos,... que sei lá... que o grupo possa ser todo dia... que consiga um local próprio, prá funcionar... espero que (es)teja cada vez melhor...” (Vera, 19).

O cuidar:

“(...) Convivência (com familiar idoso), eu acho que é uma graça, a parte melhor da coisa, assim, a convivência, o aprendizado, a sabedoria, que você recolhe, que você tem ali, você (es)tá com um tesouro ali...” (Inês, p. 20).

“(...) É, eu tento assim ajudar em tudo lá, que precisa,... Que nem, a gente tem a Van que vai nas casa, buscar... os idosos que não pode... ir sozinho... então, é uma parte gostosa, vai(mos) eu, a Sônia” (Vera, p. 17).

“(...) Lá eu fico mais na parte do lanche Fazer o café, fazer o suco, ajudar a arrumar, arrumar as mesas, e... ajudo a servir, as pessoas. E auxílio assim ajudando ir até o banheiro e a tomar o seu lanche, conversar com elas (Clotilde, p. 23).

Responsabilizar-se:

“(...) Mas, eu sou esta pessoa que vê a necessidade do idoso, dos que é(são) abandonado(s). Dos idosos que são colocados em casa de, é, num é asilo de abrigos, como é que eles falam (Clotilde, p. 13).

Por fim, o tema presente nas demais entrevistas foi o envolvimento com novos projetos, o que se relaciona com o conteúdo *criatividade* do domínio *criar*, relacionado à pergunta (1) do instrumento de geratividade. Mas também encontramos relação no domínio *manter* referente ao conteúdo “propósito de vida”, referente a pergunta (19).

Percepção das outras pessoas sobre ser muito produtiva:

“(…) *é, isso eu recebo muito elogio*” (D. Paulina, p. 9).

Criatividade:

“(…) *É, eu acho... eu me acho criativa, assim na medida do possível*” (Paulina, p. 11).

Planos para o futuro e trabalhar para conseguir alcançá-los:

“(…) *Eu acho que lido bem com as, com os contratemplos da vida... deu, deu pra fazer o que (es)tava planejado? Deu? Se não deu, num instantinho eu já (es)to(u) bolando uma forma, outra estratégia, um plano B (risos)*” (Inês, p. 12).

“(…) *Ah, planos a gente faz (planos)... Tem que trabalhar, porque se não trabalha não sai do papel, não acontece...*” (D. Aurora, p. 18).

O envelhecimento não seria o empecilho de participação nos grupos:

“(…) *Ah, não, enquanto eu tiver força eu quero fazer tudo o que eu tenho direito... não pode parar não, só 9se Deus o livre), alguma enfermidade, alguma coisa... muito superior a minha vontade acontecer...*” (D. Aurora, p. 17).

“(…) *Nossa, se Deus quiser. Enquanto eu tiver com os olhos aberto, risos... Se eu fechar os olhos eu não vou mais... (no Giravida)*” (D. Deá, p. 45).

Outro aspecto que apareceu foi o desejo de perpetuação da imagem dos antigos moradores registrada nessa fala:

“(…) *A minha mãe foi uma referência tão forte na comunidade, que a comunidade assim, preiteou e... uma homenagem póstuma, e colocou o nome daquela pracinha ali, aquela pracinha que tem ali em cima, tem o nome dela... (...) tem um obelisco que chama (...) Natália Ferreira Gonçalves... é, então foi uma homenagem que o pessoal pediu. O pessoal mais antigo da comunidade, que preiteou, aí foi nomeada... acho que*

era isso assim, até pra você sentir um pouquinho assim...(...) O peso da vida dela, da experiência, do jeito dela viver, ali” (Inês, p. 37).

O instrumento de geratividade demonstrou ser compatível com a análise fenomenológica dos depoimentos, devido à alta pontuação nas questões levantadas e também possibilitou relacionar as nuances da geratividade entre os grupos analisados através dos domínios *criar, oferecer e manter*.

MAPAS E DISCUSSÕES DOS HOMENS ENTREVISTADOS

Este item mostrará os Mapas de entrevistas dos homens depoentes, participantes de dois grupos distintos – Giravida e Reviver.

Na *Figura 19*, pode se observar o Mapa de entrevista S. José, 64 anos, participante do grupo Giravida. Seu José nasceu na cidade de Maranhão, Pernambuco e nesta época trabalhava na lavoura. Depois mudou-se para o Paraná e começou a trabalhar como técnico de máquinas de grande porte. O aprendizado adquirido para desenvolver esse trabalho veio, segundo S. José, da experiência e de conversas e observações de pessoas que entendiam do assunto. Em 1961 veio para São Paulo para trabalhar na filial da empresa em que trabalhava no Paraná. Lá morou no Jardim América. Casou-se e veio morar em Campinas, no bairro Nova Europa. Dessa união, Seu José teve duas filhas. Separou-se, ainda quando suas filhas eram pequenas. Há 27 anos namora com Benedita e há 3 anos passou a residir no Jardim Garcia. Atualmente, não recebe nenhum benefício, vivendo apenas com a renda de sua namorada. S. José tem diabetes e apresenta limitações visuais decorrente dessa doença. Desde 96 a perda visual vem se acelerando. Atualmente, consegue enxergar de uma distancia de 50 centímetros e com imagem borrada. Vem também apresentando desequilíbrios e dores no corpo. Seu José considera-se católico, mas não praticante, ao contrário de todas as mulheres entrevistadas. A sua doação para o próximo é expressa na dedicação prestada a amiga do grupo Giravida. “(...) *eu vou empurrando a cadeira de rodas dela, e ela vai olhando pra mim porque eu não enxergo buraco*” (S. José, p. 11).



S. José prestando auxílio na chegada e na saída das reuniões do grupo Giravida à sua amiga; ao mesmo tempo recebe ajuda dela para andar com segurança na rua, numa relação de interdependência. A foto foi realizada no retorno para suas casas, exatamente na divisão entre a VCB e Jardim Garcia.

Figura 18: S. José prestando auxílio para sua amiga no retorno do grupo Giravida, foto realizada em dezembro de 2005.

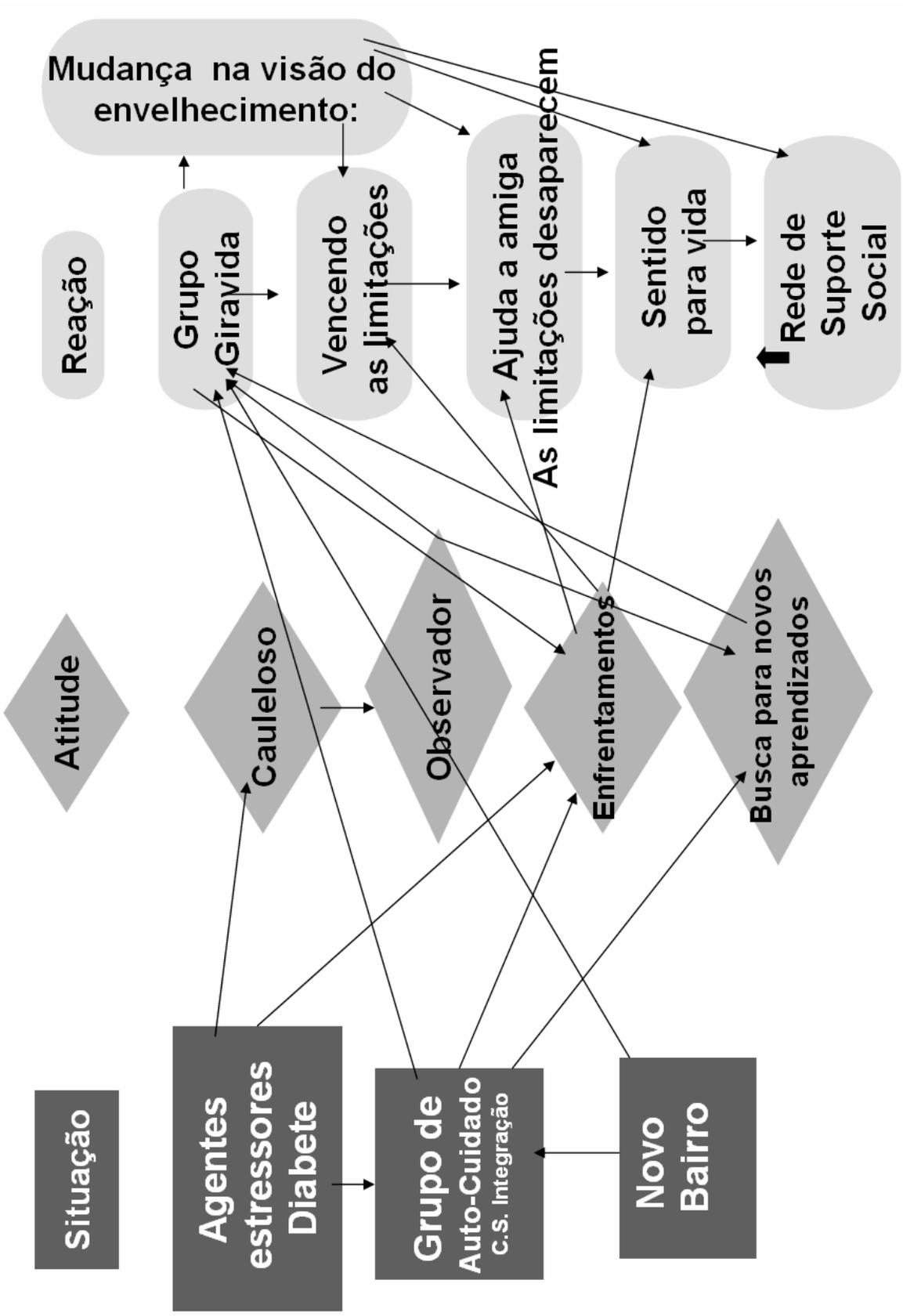


Figura 19: Mapa de entrevista com Sr. José

Discussão Mapa de entrevista S. José

As situações estressantes em sua vida, em especial as limitações advindas da diabetes e a mudança para novo bairro Jardim Garcia, levaram S. José a participar do grupo de auto-cuidado no Centro de Saúde Integração, que também vai ao encontro de sua atitude de busca de novos aprendizados.

As suas atitudes de cautela e observação, foram influenciadas pela sua experiência e situações estressantes vividas. Assim também S. José teve atitude positiva de enfrentamento para superar as adversidades.

A partir do grupo de auto-cuidado, S. José começou a freqüentar o grupo Giravida, mantendo-se no grupo pela sua necessidade de busca de novos aprendizados. No grupo apresenta uma atitude mais cautelosa e de observador, dizendo apenas o que realmente tem certeza.

O fato de estar participando no grupo seria uma forma de enfrentamento de estressores. A partir de sua participação, S. José apresentou algumas reações como a de superar as limitações, ajudar uma amiga do grupo (o que minimiza as suas limitações), renascer do sentido de sua vida e ampliar a rede de suporte social. As reações estão interrelacionadas. Assim, à participação no grupo S. José apresentou uma pós - reação como mudança na visão do seu envelhecimento, que lhe possibilita conviver melhor com suas limitações.

Na *Figura 20* apresentamos, o Mapa de entrevista S. Benedito, 68 anos, participante do grupo Reviver há seis anos. Seu Benedito nasceu na cidade de Amparo, interior de São Paulo. Em Campinas, morou na Vila Marieta e na Avenida João Jorge, antes de vir morar na Vila Castelo Branco, na casa vendida à sua sogra pelo sistema Cohab. S. Benedito freqüentou a escola até o quarto ano e, em 1962, fez um curso profissionalizante no SENAI de ajustador mecânico. Assim que terminou o curso, S. Benedito conseguiu emprego na Bosch, mas por pouco tempo. Como na época o emprego estava escasso, ele precisou partir para informalidade, tornando-se um vendedor ambulante. Para o desempenho dessa profissão o seu grande recurso era a sua voz e um bom português, o que impressionava as pessoas por onde passava. Permaneceu nessa profissão até o ano de 2000, quando passou a freqüentar o grupo Reviver. A aposentadoria de seu Benedito trouxe-lhe algumas vantagens, como a aquisição de um carro, casa do CDHU no Bairro São Martin e possibilidade de participação no grupo de ginástica. Ao contrário dos outros entrevistados, S. Benedito não tem casa própria no bairro, pois mora na casa de sua sogra. S. Benedito avaliou que sua rede de relacionamentos é bem restrita e quando precisa de algum

auxílio, a primeira pessoa que pediria ajuda seria um médico ao invés de algum familiar ou amigo/colega. Relatou que já teve mais amigos, na época em que dançava nos bailes do Clube Concórdia, mas atualmente não tem participado. Na comunidade, além de participar do grupo Reviver, ele também frequenta o Coral Sentido da Vida, projeto que também surgiu com a Campanha da Fraternidade. Eles contam com um maestro da Unicamp para os ensaios nos grupos, em duas Comunidades católicas distintas. Apesar da sua participação nos dois grupos, S. Benedito não ressaltou muito a ampliação de sua rede de relacionamentos e suporte social. S. Benedito considera-se católico, mas não praticante. Atuou em uma festa religiosa na Comunidade Maria Mãe do Povo, ensinando as pessoas dessa comunidade a fazerem maçã do amor. S. Benedito se descreveu como um homem que “(...) *trabalhou bastante, e agora ao passar dos 60 ano(s), para ele tá sendo, (...) “tudo lucro”, porque ele não esperava chegar nessa idade, porque eu tinha uns vizinhos, que aposentaram, e, um durou 3 anos, e faleceu, e eu fiquei pensando, meu Deus, será que eu chego lá?*” (S. Benedito, p. 11).

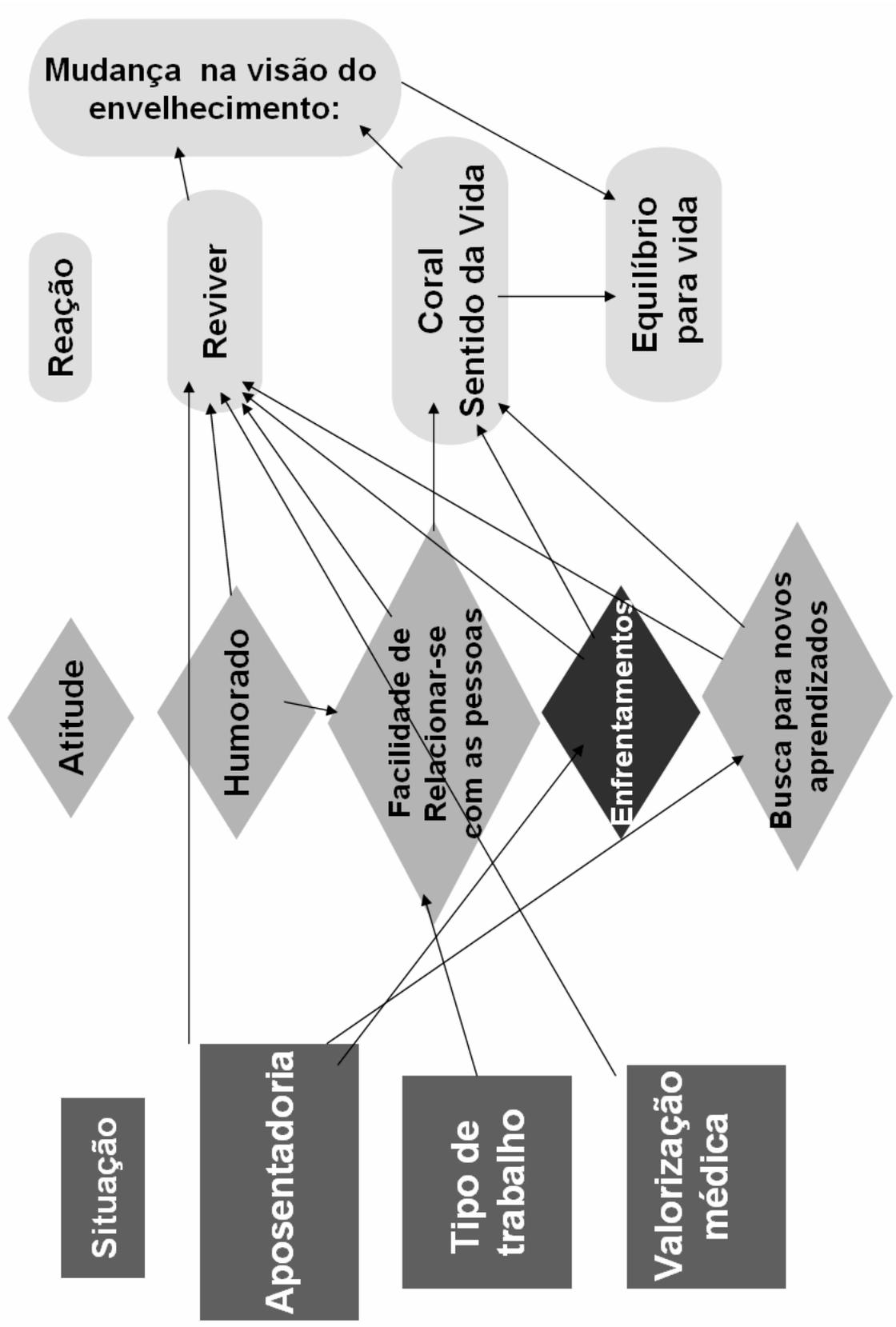


Figura 20: Mapa de entrevista com Sr. Benedito

Discussão mapa de entrevista S. Benedito

Algumas situações contribuíram para que S. Benedito começasse a participar do grupo Reviver, como a aposentadoria e a estimulação médica para sua continuidade no grupo. As atitudes de uma pessoa bem-humorada, a facilidade de se relacionar com as pessoas, que está muito ligada com o tipo de trabalho que exerceu e a busca de novos aprendizados também contribuíram para sua participação no grupo. A atitude de enfrentamento parece com uma cor mais clara no mapa, pelo fato dessa atitude ser presente, mas não tão expressiva como em outros depoimentos. As condições de enfrentamento para S. Benedito relacionam-se com a mudança da sua visão do envelhecimento em relação à que tinha antes de se aposentar, pois verificava que os homens que se aposentavam cedo acabavam morrendo em pouco tempo. Assim, ele pôde perceber que com ele poderia ser diferente, pois começou a freqüentar o grupo Reviver e em seguida o Coral Sentido da Vida. Ele considera que a participação nos grupos seria uma forma de conseguir maior equilíbrio na vida.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS DEPOENTES

As semelhanças encontradas entre os homens foram em relação à atitude de envolvimento em novos projetos, por serem católicos, mas não praticantes. As situações que os levaram a participarem dos grupos mostraram-se distintas.

Em relação ao S. José, as situações que favoreceram a sua participação no grupo Giravida foram o convite feito no grupo de auto-cuidado do Centro de Saúde Integração para conhecer o grupo e a mudança para o Jardim Garcia. A atitude que o influenciou foi a sua busca por novos projetos. S. José considerou que no grupo lhe favoreceu apresentar uma atitude de enfrentamento das suas limitações, pois pôde perceber seus problemas, que reduziram-se ao serem postos em relação aos de outros participantes do grupo, que, segundo ele, estavam em piores situações. O grupo “(...) *ajuda prá, sobreviver o espírito da pessoa... lá a gente **descobre** muita coisa, que os problemas que a **gente** tem acaba(m), a gente vê os dos outros, e (os)dos outros é (são) **maior(es)** do qu (os) da gente... o da gente **desaparece*** (S. José, p. 13-14). Neste sentido, seu José também teve uma mudança na visão de seu envelhecimento e ampliação da sua rede de suporte social. “(...) *Eu fui (no grupo) **buscar**, que eu ficava **automaticamente** eu ficava em casa, antes eu ficava em casa ou saia, às vezes ia prum **bar**, um lugar assim, e depois eu tive a **definição** de quarta feira naquele compromisso de ir lá, e lá eu me sinto melhor*” (S. José, p.

14). Também o auxílio prestado a sua colega do grupo deu maior sentido para sua participação. “(...) *Eu não sei, é uma coisa que bate no **coração** da gente, que a gente **tem** que fazer aquilo, tem que fazer não... a gente **precisa** fazer alguma coisa na vida* (S. José, p. 11).

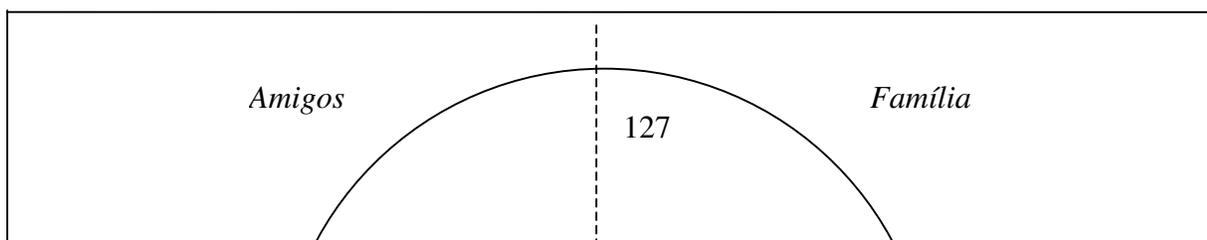
Para S.Benedito, a aposentadoria e o aval médico para frequentar o grupo foram marcantes. As atitudes como comunicabilidade, bom humor e o tipo de enfrentamento da situação de aposentadoria também influenciaram a sua decisão. S. Benedito considerou que a partir de sua participação houve mudança na visão sobre o seu envelhecimento, pois não imaginava que poderia ter uma sobrevida posterior aos 60 anos, depois que se aposentasse. O grupo foi enfatizado por S. Benedito com um lugar para “(...) *manter a vida **equilibrada***” (S. Benedito, p. 15).

Gráfico de relações entre os dois depoentes do sexo masculino

O Gráfico de relações dos entrevistados (Figura 21) também teve como objetivo a visualização das semelhanças, bem como serviu de comparação com os dados obtidos das depoentes. O *Quadro 7* relaciona as siglas criadas para as categorias elencados pelos depoentes nas respectivas proximidades de relacionamentos.

Quadro 7: Siglas, categorias para compreensão do gráfico das relações das entrevistas.

SIGLAS	CATEGORIAS	SIGLAS	CATEGORIAS
EA	Esposa	CC	Muitos colegas
NA	Namorada	A2	Dois amigos
FA	Filha	VOS	Vizinhos
GE	Genro	GV	Grupo Giravida
IOS	Irmãos	GR	Grupo Reviver
IO	Irmão	CSV	Coral sentido da Vida
IA	Irmã	CS	Centro de Saúde
SO	Sobrinho	PUC	Hospital da PUC
SG	Sogra	UNICAMP	Hospital UNICAMP



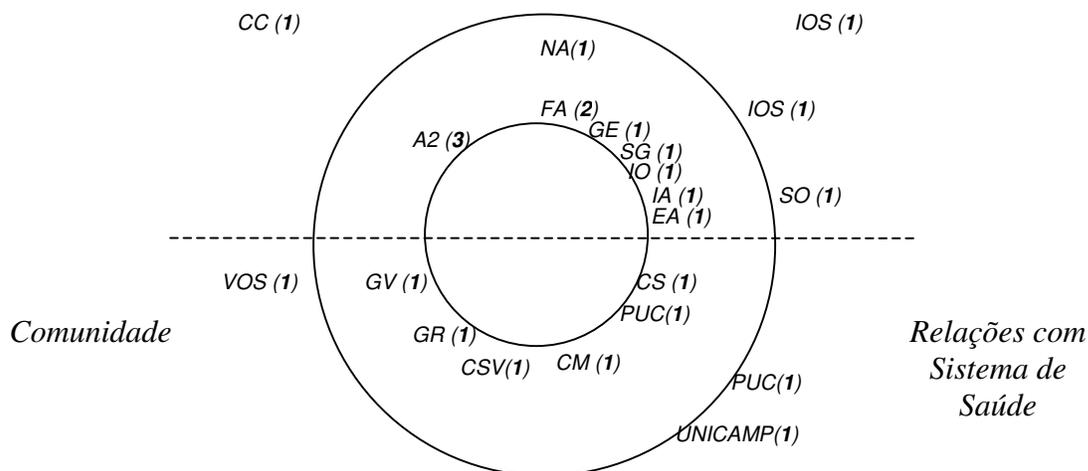


Figura 21: Gráfico de relações dos dois entrevistados: síntese de resultados.

Nota-se que para os entrevistados a atividade religiosa não apareceu como significativa, apesar deles auto-denominaram-se católicos. Outro fato interessante foi que não relataram ter muito amigos próximos, diferindo das mulheres entrevistadas.

Visão dos depoentes sobre a pouca adesão masculina aos grupos comunitários

Para os participantes, os fatores da pouca adesão de homens a grupos comunitários foram: vergonha, preferência por permanecerem em bares, a existência de mais mulheres do que homens no mundo e porque os grupos têm um cunho religioso.

Quadro 8: Quadro comparativo entre as entrevistas dos depoentes

<i>S. José</i> <i>Grupo Giravida</i>	<i>S. Benedito</i> <i>Grupo Reviver</i>
Católico não praticante	Católico não praticante
Utilizou poucas palavras para dizer semelhanças com seu pai	Discorreu mais sobre seus pais, considera ter pouca semelhança
Papel importante de convidar as pessoas a participarem do Grupo Giravida	As pessoas sabem de suas obrigações, por isso não as convida para participar em do grupo
Dificuldade para falar sobre si	Discorreu mais sobre si, o que estava ligado a seu trabalho
Maior inserção no grupo	Participação restrita a ginástica no grupo Reviver
Percepção no aumento do suporte social	Não percepção no aumento de suporte social
Não participação em festas religiosas na comunidade	Já auxiliou em festas religiosas na comunidade
Entrada no grupo devido a indicação do grupo de autocuidado do C.S. Integração	Entrada no grupo veio a partir de sua aposentadoria e do aval médico para sua participação
Pouca adesão dos homens nos grupos: vergonha, preferência de ficar nos bares e temerosos por acreditar serem grupos religiosos.	Pouca adesão dos homens nos grupos: vergonha, preferência de ficar nos bares e porque existe mais mulheres do que homens no mundo
O grupo: ajuda a sobreviver o espírito e dá sentido para sua vida	O grupo: favorecer fazer algo e equilibra sua vida
Participa também do grupo de <i>Lian Gong</i> do C.S.	Participa do Coral Sentido da Vida

Percepção de D. Paulina para pouca adesão dos homens

D. Paulina foi a única participante que se referiu à pouca adesão dos homens a grupos comunitários. Para ela “(...) *todo grupo que tenha **mulher**, ele vai pra frente*”.. (D. Paulina, p. 19), pois avaliou que “(...) *as mulheres são mais **unidas**, eu acho que elas são mais **dadadas**, mais **comunicativa(s)**... os homens são assim mais **machão**, só quer ficar no meio de homem, sei lá eu, é difícil você ver um grupo só de homens... eu acho que não existe*” (D. Paulina, p. 19).

CONCLUSÃO

Nesse estudo objetivamos ressaltar, a partir da percepção das participantes e/ou organizadoras de grupos comunitários, a influência positiva no processo de envelhecimento decorrente do engajamento comunitário através da criação, participação e manutenção de grupos.

Nossa investigação, que traz como resultado a descrição da formação de grupos comunitários e da participação de mulheres de meia-idade e idosas em uma determinada região de Campinas, encontrou como características mais fortes dentro desse processo a religiosidade, o envolvimento com novos projetos, a solidariedade e a geratividade.

Encontramos em seus vívidos depoimentos a confirmação de aspectos levantados na literatura sobre o envelhecimento bem-sucedido e conseguimos ver como a história dessas mulheres articula-se com a história da região urbana que habitam. As trajetórias de vida pessoal estão em consonância com a trajetória do bairro, expressando de forma pró-ativa o desejo de melhoramentos, o surgimento dos grupos e a formação de uma rede social coesa, permitindo a emergência de pessoas marcantes para a organização comunitária e a forte relação de ajuda para com o outro.

Assim, o sentido de identidade, tal como aparece nas análises de Berges e Luckmann (1974), pode ser visto como formado por processos sociais, sendo um elemento chave da realidade subjetiva, isto é, ao mesmo tempo em que modifica, é modelado pelas relações sociais.

As relações comunitárias são verdadeiramente estabelecidas através de relações igualitárias, do reconhecimento das singularidades e implicam na existência de relação afetiva. Os relacionamentos sociais provocam mudanças no indivíduo e no outro e permitem formas de intercâmbio (Guareschi, 1996; Erbolato, 2002).

Nos grupos pesquisados, as pessoas criaram vínculos entre si pela solidariedade, pelo estabelecimento de laços afetivos gerativos, herdados e mantidos por, pelo menos, duas gerações, constituindo novas formas de dedicação a pessoas que apresentam maior necessidade, como por exemplo, o idoso dependente.

Na teoria do comboio social (Antonucci, 2001), que também se relaciona com o envelhecimento bem-sucedido, as qualidades de interações passadas são fundamentais para construções futuras de relacionamentos, na medida em se estabelecem relações de trocas de apoio

entre si, principalmente de natureza afetiva. O *comboio social* funciona como protetivo da saúde, ajudando a preservar a auto-estima das pessoas idosas. As relações, ao longo dos anos, vão sendo transformadas pela saída e entrada de novas pessoas na rede, refletindo o dinamismo das relações sociais.

Na teoria da seletividade sócio-emocional, *Laura Carstensen* (Carstensen, & Pasupathi (2003) considera que há diferentes motivações para o contato social; o investimento do afeto é um importante determinante da duração do relacionamento (Gurung, Seeman, Taylor 2003; Antonucci 2001). As autoras Capitanini e Neri (2004) enfatizam que a história de integração social é um fator importante na determinação da qualidade e quantidade dos relacionamentos que foram mantidos por idosos. As funções dos vínculos que se estabilizam com o tempo são também considerados bem-sucedidos quando perduram (Sluzki 1997).

Assim também as depoentes valorizaram os ganhos advindos da participação grupal, principalmente os ganhos afetivos, como aumento na rede de relacionamentos. Pensando na expressão “comboio social”, podemos dizer que o “vagão” dessas mulheres foi aglutinando as pessoas e somando as experiências, os sonhos e as realizações, acumuladas na estrada da vida. E as perdas foram vistas como mudanças decorrentes do processo de envelhecimento, em especial para mulheres com idade avançada. O conceito de bem envelhecer aparece bem no depoimento seguinte:

“(...) A vida bem vivida é você fazer as coisas boas que a vida oferece... coisa ruim ninguém faz por querer, mas acontece... então, chega uma hora que você deixa as coisas ruins de lado e fica só com as boas... e toca a vida com as coisas boas que você conseguiu? As coisas ruins acontece(m), deixa pra lá... procurar resolver os problemas e tocar a vida pra frente... isso é o bem viver...” (D. Aurora, p. 10).

O envolvimento com novos projetos apareceu expressivamente em todas as entrevistas; esta é uma atitude frente à vida que também se aproxima do conceito de envelhecimento bem sucedido, pois é preciso estar constantemente em busca de novas metas (Neri, 1995).

Os resultados mostraram que as várias participações nos diferentes grupos favoreceram uma mudança na visão do envelhecimento, em especial para as mulheres idosas e de meia-idade organizadoras de grupos. As mudanças corresponderam a: aceitação do envelhecimento; aumento do conhecimento sobre a temática idoso; percepção de revigoramento devido à atitude mais positiva diante da vida; diminuição da visão estereotipada sobre o envelhecer; aprendizado dentro

dos grupos de outra forma mais positiva de envelhecimento; relação de troca entre as diferentes faixas etárias; desenvolvimento de processos de ajuda mútua; percepção na melhora de saúde e visão do envelhecimento como possibilidade de desenvolvimento.

Outra dimensão preponderante encontrada foi a da religiosidade, que também se relaciona com fator protetor para a saúde, com a manutenção de rede de relacionamentos e que melhora a cooperatividade intergrupar. A análise das entrevistas evidenciou a presença de um tipo de religiosidade que levou ao engajamento social, alimentando um padrão positivo de inserção pessoal na comunidade e de liderança, favorecendo a criação de redes sociais de apoio.

A religiosidade está inter-relacionada positivamente com bom nível de funcionamento psicossocial em idosos, o que pode ser também observado através de seu engajamento em atividades de serviços comunitários (como visita aos doentes, por exemplo). As mulheres freqüentemente são mais religiosas e apresentam maior participação comunitária (*Dillon, & Wink, 2003*), como encontramos neste estudo.

Pesquisas internacionais mostram que a prática da religião está relacionada à geratividade, principalmente em mulheres de idade mais avançada (*Dillon, & Wink, 2003*). Observamos também nesta pesquisa a religiosidade como legado cultural, ou seja, como constituinte de aspecto gerativo.

Para as mulheres na meia-idade, a prática religiosa foi transmitida por seus pais, assim como a “cultura do cuidado”. Essa geração colocou em prática o aprendizado de seus antepassados, no processo de ocupação, urbanização e formação religiosa nesses bairros da periferia de Campinas./SP, para criação e manutenção de outros grupos comunitários. Para as idosas, a fé lhes possibilitou estratégias criativas e saudáveis para lidar com as dificuldades enfrentadas na formação dos bairros, para a busca de sentido para vida e construção de um “bem envelhecer”, em especial, através dos grupos comunitários. Assim também, na maneira como enxergam a vida, as mulheres mais idosas valeram-se da religiosidade como recurso de enfrentamento para situações adversas, como o isolamento. E foi também a sua religiosidade, ou a manifestação dela, que garantiu a continuidade nos grupos comunitários, através de visitas domiciliares recebidas pelas agentes da Pastoral da Saúde, em sua maioria de meia-idade. Observamos ainda uma forte relação entre o engajamento comunitário e a religiosidade como propulsora da criação de grupos de convivência, atividades de voluntariado e visitas aos doentes.

O resultado desse trabalho assemelha-se a outros estudos como o *Dillon & Wink (2003)*, no que se refere á religiosidade, pois as mulheres, que foram o objeto principal desse estudo, mostraram-se mais religiosas em relação aos homens. Os homens com os quais as comparamos

têm uma religião, mas não se intitularam como participantes e ou atuantes. A Igreja não foi citada nas suas relações de rede de relacionamentos ao contrário da maioria das mulheres que elencou essa categoria como muito próxima do seu centro de relações.

Os depoentes destacaram as principais causas da pouca adesão dos homens a grupos comunitários como vergonha, preferência dos homens por estarem em lugares com presença maior de homens, como os bares, o fato de vincularem esses grupos com alguma atividade religiosa e pelo aumento de mulheres no mundo, como foi destacado no Quadro 8.

O que caracteriza os dois depoentes na participação em grupos comunitários seria um significado por trás da vinculação ao grupo, seja pela busca de qualidade de vida ou para “sobreviver o espírito”, situação que foi encontrada fora de um espaço religioso.

Esses pesquisados fugiram da regra inferida para não participação de homens em grupos comunitários, no entanto, apresentam uma rede de suporte social mais restrita, como mostrou o Quadro 7, o que pode ser explicado pelos estudos de Antonucci (2001), no qual as mulheres apresentam maior rede de relacionamentos e com maior durabilidade.

A geratividade apareceu nos três grupos, mas valorizada por cada grupo de idade em um domínio específico do Inventário de Geratividade (1998). As mulheres organizadoras de meia-idade relacionaram-se com o domínio *criar/responsabilizar-se*, que também está ligado ao conceito de solidariedade, no sentido de auto doação ao próximo. As idosas organizadoras tiveram maior relação com o domínio *oferecer*, através da doação de fazeres e ensinamentos, com maior desejo em relação à continuidade dos grupos que organizam. Entre as idosas que eram meras participantes, o domínio mais manifesto foi *criar*, vinculado ao *crescimento pessoal*, relacionado à maneira como enxergam a vida. Para estes, o desejo de continuidade do grupo foi o mais marcante, no sentido de enfrentamento.

O desejo de continuidade dos grupos, seja pela participação ou organização, também é entendido com bem envelhecer; está centrado no compromisso com outro, pois a geratividade garante um sentido bom e justificado para próximas gerações continuarem, no caso dessa pesquisa, organizando-se e mantendo relações sociais significativas.

A memória aquicollhida e registrada dos entrevistados também terá um potencial gerativo, pois poderá ser acessada pelas futuras gerações e constituir uma das formas de aprendizado; possibilita o conhecimento, em especial, do engajamento comunitário feminino e pode proporcionar um sentido de identidade. As memórias individuais reconstruídas vão tecendo uma

memória coletiva, re-significando a realidade de uma comunidade, para ela mesma e para outras comunidades.

A geratividade é como um estímulo à vida e um contínuo repensar e hierarquizar os acontecimentos vividos. É uma memória que se reconstrói em função do futuro, o qual não é visto como caminho para o final e sim como uma perspectiva que se amplia.

Podemos também reconhecer na geratividade um processo de revisão de vida, como também a investigação da História Oral propicia, pois gera uma responsabilidade na transmissão do que se fez de bom na vida: “(...) *A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator estritamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si*” (Pollack 1992, p. 204).

Em suma, o envolvimento em grupos comunitários parece seguramente favorecer para nossas entrevistadas um envelhecimento bem-sucedido, na medida em que lhes possibilita uma visão mais positiva sobre o envelhecimento, aumento na rede de relacionamentos e desejo de continuidade dos grupos.

As vivências que impulsionaram as pessoas ao engajamento comunitário representaram a tessitura da vida das mulheres da pesquisa em questão. A reconstrução da memória, a partir dos depoimentos orais, conferiu a elas a consciência de uma função social por serem detentoras da memória de uma história, que irão disponibilizar aos seus grupos de convívio e às futuras gerações, a história importante sobre a trajetória do engajamento feminino na região. Outra função social importante, reconhecida e apontada pelas pessoas envolvidas neste estudo, decorre da decisão de transmitir seus conhecimentos para que fossem veiculados na e através da universidade, pois se tornaram cientes de que estávamos criando uma outra versão e uma ampliação do saber sobre a história dos bairros populares.

Percebemos também, neste estudo, o movimento dialético do conhecimento que a reconstrução da memória traz, já mencionado por outros pesquisadores, tais como: Kvale (1996); Portelli (1997); Maciot (1998); Von Simson (1990; 2003). Ao mesmo tempo em que os depoimentos auxiliam os indivíduos a buscarem um sentido da vida, promovem sua autovalorização, estimulam enfrentamentos e novas elaborações sobre o passado. Mas os depoimentos também provocam uma modificação no pesquisador, enriquecem sua experiência, tanto no nível profissional como no pessoal, proporcionam elementos que o fazem repensar a sua formação teórica e a si mesmo.

Neste sentido, como ressalta AmatuZZi (2003), o pesquisador “*atua como facilitador ao acesso ao vivido*”, (p.21), dando a possibilidade ao entrevistado de, pela primeira vez, relatar sua experiência vivida, que é acessada no ato da relação pessoal. Por sua vez, os narradores não são meros informantes, mas colaboradores que pensam junto sobre o assunto. Assim, a pesquisa fenomenológica: “*alcança o significado da realidade e do mundo para um sujeito encarado como ator e protagonista da sua própria vivência*” (Holanda, 2003 pp. 44).

As informações resultantes da análise aqui desenvolvida serão somadas posteriormente a outras análises das outras cinco entrevistas já realizadas e transcritas e gerarão outro estudo, em que pretendemos aprofundar a discussão do fenômeno da religiosidade, o significado do envelhecimento e do reconhecimento social de que as depoentes são alvo, agora mais do que antes da pesquisa seguir seu curso no bairro.

O presente estudo será apresentado, a título de retorno, para comunidade, destacando em cada depoimento o processo vivido para a constituição dos grupos comunitários.

Por fim, queremos trazer o depoimento de uma entrevistada sobre a caminhada conjunta, que instiga novas reflexões. Como poetizou Arnaldo Antunes em uma parte de sua música Inclassificáveis: “*Não há sol a sós*” (Arnaldo Antunes, 1996, 6ª faixa do CD – O Silêncio):

*“(.) a fé que eu professo diz assim, não **adianta** você **buscar a sua salvação**... enquanto estiver aqui buscando a sua, você não está se salvando, e essa salvação é vida em plenitude, vida que começa agora, a... no tempo que você está buscando a **salvação** do outro, na vida do outro, aí que você está **promovendo** a sua própria salvação, então é uma **caminhada** conjunta, ninguém vai sozinho, não adianta pensar que você vai **chegar lá sozinho** (...)”* (Inês, p. 34).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amatuzzi, M.M. [et al.]. (1996). **Psicologia na Comunidade: uma experiência**. Campinas, SP: Editora Alínea.
- Amatuzzi, M. M. (1998). Experiência religiosa: Estudando depoimentos. **Estudos de Psicologia**, 15(2), 3-27.
- Amatuzzi, M.M. (2003). Pesquisa Fenomenológica em Pesquisa. In: M.A.de T. Bruns e A.F. Holanda. **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, S.P.: Editora Alínea, pp.17-25.
- American Psychological Association (1994). **Publication Manual of American Psychological Association** (4º. Ed). Washington, DC: Author.
- Antonucci, T.C. (2001) .Social relations: an examination of networks, social support, and sense of control. In: R.T. Woods (orgs). **Handbook of the clinical psychology of ageing**. Chichester: John Wiley & Sons, pp. 427-453.
- Antunes, D.C. (2003). **Re-fazendo memórias: as trajetórias dos idosos da Vila Castelo Branco.**: [Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Saúde Pública em Envelhecimento]. Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo.
- Antunes, D.C., Giglio, Z.G. (2005). A Vila Castelo Branco: seu passado recente na voz de mulheres mais velhas [on-line]. **Revista Saráo**. Estudando a Cidade, 4(2). Recuperado em 09 de mar. 2006, site UNICAMP: <http://www.unicamp.br/saro>.
- Aubin, Ed. de St. e MacAdams, D.P. (ed.). (1998). **Generativity and adult development: how and why we care for next generation**. Washington, DC: American Psychological Association.
- Badaró, R. (1996). **Campinas: o despertar da modernidade**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP.
- Baerninger, R. (1996). **Espaço e tempo em Campinas: Migrantes e a expansão do pólo industrial paulista**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP.

- Ballone, G.J. (1999). **Atenção e Memória**. In: Psiqweb Psiquiatria Geral [on-line]. Texto recuperado em 25 de out. 2005: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/memoria.html>.
- Baltes, P.M. e Baltes, M.M. (1991). Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: Baltes P.B e Baltes M.M. (orgs) **Successful aging: Perspective from the behavioral sciences**. Cambridge: Cambridge University Press.
- Baltes, P.B. e Smith, J. (1995). Psicologia da sabedoria origem e desenvolvimento. In: A.L. Neri (org). Psicologia do desenvolvimento. Campinas/SP: Papyrus, pp.172-192.
- Baltes, P.B. e Freund, M. (1998). Selection, optimization and compensation as strategies of management: correlations with subjective indicators of successful aging. **Psychology and Aging**, 13(4), 227-250.
- Bassit, A.Z. (2004). Na condição de mulher: a maturidade feminina: In: J. L. Pacheco; J. L. M. de Sá; L. Py e S. N. Goldman (orgs.). **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau Editora, pp. 137-158.
- Berger, P.L. e Luckmann, T. (1974). **Construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. (F. S. Fernandes, trad). (3ª.ed.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Bicudo, M.A. V. e Martins, J. (1989). **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos**. São Paulo: editora Moraes- EDUC- PUC-SP.
- Boff, L. (1986). **Como trabalhar com o povo**. 7ªed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Borges, M.C.M. (2003). **Gestão participativa em organizações de idosos**. Dissertação de Mestrado – Unicamp, Campinas, SP.
- Borini, M.L.O. (2003). O envelhecimento revisitado: a experiência do grupo. Mulheres em Ação. In: L.V. Magalhães e E.M. Pádua (orgs). **Terapia Ocupacional: teoria e prática**. Campinas: Papyrus; pp. 113-128.
- Bosi, E. (2003a). **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. (10ª. ed.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003b). **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial.
- Brehony, K. A. (1999). **Despertando na meia-idade: tomando consciência do seu potencial de conhecimento e mudança**. São Paulo: Paulus, col. Amor e Psique.
- Brito, M.E. (1989). Memória e Cultura. **Caderno da Memória da Eletricidade**. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade, nº 1, 24p. ilustr.

- Brito, F.C e Ramos L.R. (1996). Serviços à Saúde dos Idosos. In: N.M. Papaléo (coord.) **Gerontologia**. São Paulo: Atheneu; pp. 394-402.
- Buber, M. (1982). Limitação. In: **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva; pp. 53-68.
- Bruns, M.A de e Trindade, E. Metodologia Fenomenológica. In: M.A. de Bruns e A.F. Holanda. **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, S.P.: Editora Alínea; pp.17-25.
- Casa de Cultura Tainã [on-line]. Recuperado em 03 mar. 2006, Enciclopédia Eletrônica Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Cultura_tain%C3%A3.
- Carstensen, L.L. e Pasupathi, M. (2003). Age and Experience During Mutual Reminiscing. **Psychology and Aging**, 18(3), 430-442.
- Cruikshank J. (2000). Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: J. Amado e M.M Ferreira. (coords.). **Usos & Abusos da História Oral**. (3ª.ed.). Rio de Janeiro: Editora FGV, pp. 149-164.
- Daneiello, J.A.(1985). A integração entre indústria e sociedade [on-line, 19/08/06].
- Dantas, S.D.; Domingues, I.; M.L.C Gayotto.; V.L Gioffoni. e G.Loch (1985). **Líder de Mudança e Grupo Operativo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Dartigues, A. (1973). **O que é a Fenomenologia?** (M. J. J.G. de Almeida, trad.). Rio: Eldorado - Col. Quid.
- Debert, G.G. (1999). **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp.
- Descritores em Ciências da Saúde. Organização Comunitária. [on-line]. Recuperado em 03 mar. 2006, do Portal Faculdade de Saúde Pública da USP: <http://www.decs.bvs.br>.
- Distrito Noroeste de Campinas. (2003). **Sistema de informação de mortalidade**. [online]. Recuperado em 4 abril de 2004, do Portal Saúde Paidéia: <http://www.tabnet.saúde.campinas.sp.gov.br>.
- Dillon, M. e Wink, P. (2003). Religiousness, Spirituality, and Psychosocial Functioning in Late Adulthood: Findings From a Longitudinal Study. **Psychology and Aging**; 18(4), pp. 916-246
- Domingues, M.,R.C. 2000). **Mapa Mínimo de relações – adaptação de um instrumento gráfico para configuração da rede de suporte social do idoso**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo.
- Ellison, C.C.P e George, L.K. (1994). Religious involvement social ties and social support in a southeastern community. **Journal for the Scientific Study of religion**, mar. v. 33.

- Erbolato, R.M.P.L. (2002). Relações Sociais na velhice. In: .V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzoni; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp.957-963.
- Erikson, E. (1998). **O ciclo de vida completo**. (M. A. Verríssimo, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ferriotti, M.L. (2001). Atuação da Terapia Ocupacional no corpo sujeito. **O Mundo da Saúde**, 25, pp. 389-393.
- Ferreira, J.P. (1994-1995). Cultura e Memória. **Revista da USP**, n. 24, pp. 116-117, dez/jan/fev.
- Ferreira, J.P. Os desafios da voz viva. (1997). In: O.R.M. Von Simson **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Área de publicações CMU/Unicamp.
- Ferreira, M, de M. (coord). (1994). **Entre - vistas: abordagens da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Fortes, A.C.G. e Neri, A.L. (2004). Eventos estressantes de vida e envelhecimento humano. In: A.L. Neri; M. Yassuda e M. Cachioni (orgs). **Velhice bem-sucedida**. Campinas: Papyrus, pp. 51-70.
- Foucault, M. (1999). **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, S.A.e Resende, de M.C. (2001). Sentido de vida e envelhecimento. In: A.L. Neri **Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais**. Campinas: Papyrus; pp. 71-98.
- Freire, S.A. (2002). A personalidade e o self na velhice: continuidade e mudança. In: V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzoni; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp.929-935.
- Freitas, S.M. de. (2002). **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas – FFLCH-USP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Giglio, Z.G. e Von Simson, O.R.M. (2001) Arte de recriar o passado: história oral e velhice bem-sucedida. In: Neri AL. **Desenvolvimento e envelhecimento**. Campinas: Papyrus; pp.141-160.
- Giorgi, A. (1978). **Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. (R.V. Schwartzman, trad.). Belo Horizonte: Interlivros.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological Phenomenological Method. In: A Giorgi. **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburg: Duquesne University Press.

- Goldstein, L.L. e Sommerhalder, C. (2002). Religiosidade, espiritualidade e significado existencial na vida adulta e velhice. In: V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzoni; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp. 950-966.
- Gonçalves, J.R. (2002). **Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares em Campinas; o exemplo da Vila Castelo Branco**. Dissertação de Mestrado. Unicamp /SP.
- Guareschi, P.A. (1996). Relações comunitárias relações de dominação. In: R.H.F. Campos (org). **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, pp.81-99.
- Gusmão, N.M.M. e Von Simson, O.R.M. (1989). A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. **Ciências sociais hoje**, Vértice/ANPOCS, pp. 212-243.
- Gusmão, N.M.M. de (2002). A maturidade e a velhice. In: A.L. Neri (org). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papyrus, pp.113-140.
- Holanda, A. (2003). Pesquisa Fenomenológica e Pesquisa eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: M.A.de T. Bruns e A.F. Holanda. **Psicologia e Fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas, S.P.: Editora Alínea; pp. 41-61.
- Kvale, S. (1996). **Interviews: an introduction to qualitative research interviewing**. London, New Delhi: Sage Publications.
- Lang, A.B. da S. G. (1996). **História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas – uma proposta complementar por ângulos diversos**. In: J. C.S. B. Meihy (org.). (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã; pp. 33-47.
- LoBiondo-Wood, G.E e Haber, J. (eds). (2001). **Pesquisa em Enfermagem. Métodos, avaliação crítica e utilização**. (I. E. Cabral, trad.). (4ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Macioti, M. I. (1988). Vida Cotidiana. **Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil)**. In: O R. M Von Simson. (org.) São Paulo: Vértice.
- McAdams, D.P. e Ochberg, R.L. (eds.) (1988). **Psychobiography and life narratives**. United states of América: Duke University Press.

- MacFadden, S.H. (1995). Religion, Spirituality, and Aging. In: J.E. Birren, K.W. Shaie. (ed.). **Handbook of the psychology of aging**. (4th ed.). Califórnia: Academic Press; pp.162-177.
- Mesquita, A. V. e Saveg, M.A. (2002) Políticas públicas de saúde para o envelhecimento. In: V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzon; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp. 1083-1089.
- Minayo, M.C.S. (1993). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. (2^a. ed.). São Paulo: Hucitec.
- Morin, E. (2000). **Os sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez Editora.
- Neri, A.L. (1995). Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. In: A.L.Neri (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. São Paulo: Papirus; pp.13-40.
- Neri, A.L. (1998). **Instrumento para avaliação de geratividade**. [Instrumento e suas fundamentação apresentada na Metodologia da Pesquisa em Gerontologia – Faculdade de Educação UNICAMP, maio de 2004]. Campinas: Unicamp, relatório não publicado.
- Neri, A.L. (2001). **Palavras chaves em Gerontologia**. Campinas, SP: Alínea.
- Neri, A.L.; Yassuda, M.S. (orgs.) e Cachioni M (colab.). (2004). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas, SP: Papirus.
- Neves, L de A. (2000). Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, 3, 109-116.
- Novaes, M.H. (2003). Artimanhas e segredos da memória. In: T.C.G.M. Negreiros (org.). **A nova velhice – uma nova visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Revinter.
- Oliveira, M. (2003, 6 de março). Campanha propõe mais atenção com idosos. **Correio Popular**, Campinas, Cidades, p. 10.
- Oliveira, P.A.R de. (2001). Perfil social e político das lideranças de CEBs no Brasil. **Revista das Comunidades Eclesiais de Base – Memória e caminhada**. Brasília: UBC, nº. 1, dez.
- Oliveira, P.S. (2001). **O lúdico na cultura solidária**. São Paulo: Hucitec.
- Park, M.B. (org). (2000). **Memória em movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Pereira, L.M.P. (2000). Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, 3, pp.117-127,

- Pinto, E.A. (1993). **Etnicidade, gênero e educação a trajetória de vida de D^a. Laudelina de Campos Mello (1904 – 1991)**. Dissertação de Mestrado – Unicamp, Campinas, SP.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 2(3), pp. 3-15.
- Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, 5(10), 200-215.
- Portelli A. (1997a). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Rev. Projeto História**, n.15, 13-49.
- Portelli, A. (1997b). Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. **Revista Proj. História**. São Paulo: (14) fev., 17-24.
- Portelli, A. (1997c). O que faz a história oral diferente. **Revista Proj. História**. São Paulo: 14(fev.), 25-39.
- Prefeitura Municipal de Campinas. (2002). “**Cidade das Andorinhas**” [online]. Texto recuperado em 08 de agosto de 2004, do Portal Nosso São Paulo: [http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_10/Reg10_Campinas .htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_10/Reg10_Campinas.htm).
- Prétat, J. (1997). **Envelhecer os anos de declínios e as transformações da última fase da vida**. São Paulo: Paulus, col. Amor e Psique.
- Py, L. e Trein, F. (2002). Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. In: V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzoni; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp.1013-1020.
- Queiroz, M.I.P. de. (1988). O R. M Von Simson. (org..). **Experimentos com histórias de vida (Itália – Brasil)**. São Paulo: Vértice.
- Queroz, N.C. (2003). **Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia idade e velhice**. Dissertação de Mestrado –Unicamp, Campinas, SP.
- Ramos, L.R.. (1993). Perfil do idoso em área metropolitana na região sudeste do Brasil: resultados de inquérito domiciliar. **Revista de Saúde Pública**; 27(2), pp.87-94.
- Regiões de Campinas. (1999). **Abrangência dos Distritos de Saúde** [mapa]. Campinas, SP. Mapa recuperado em 5 de abril de 2004: [http:// www.aspebrasil.org/map_camp.gif](http://www.aspebrasil.org/map_camp.gif).
- Ribeiro, D. (2004). **O Povo Brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. (2º ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rowe , J.W.Y e Khan, I. (1998). **Successful aging**. N.Y: Patheon Books.

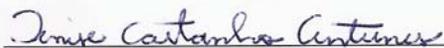
- Santos, A. da C. (2002). **Campinas, das origens ao futuro: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas de Mato Grosso de Jundiá (1732-1992)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Scharfstein, E.A. (2002). A identidade na velhice medida pela ação do discurso. In: V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzon; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp. 938-941.
- Siegel, S. (1975). **Estatística Não-Paramétrica para as Ciências do Comportamento**. São paulo: McGraw-Hill.
- Silva, S.V. (2000). Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales**, nº 262, nov, v. 1.
- Sluzki, C.E. (2003). **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**.(2^a. ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Spink, M. J. (org.) (2000). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez.
- Spink, M.J. e Lima, H. (2000). Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: M.J. Spink. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano. Aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez; pp.93-122.
- Sugimoto, L. (2004, 10 de mar.). Memória em movimento. [Entrevista com Amarildo Carnicel, Margareth Park, Olga R. M. Von Simson e Zula Garcia Giglio]. **Jornal da Unicamp** – Sala de Imprensa. [on-line]. Recuperado em 5 de outubro de 2005, no site UNICAMP:http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/maio2004/ju251pag.12html.
- Turato, E.R. (2003). **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Uchôa, E.; Firmino, J.O.A., e Lima-Costa, M.F.F.(2002). Envelhecimento e saúde: experiência e construção social. In: C.E.A. Coimbra Jr. e M.C. de S. Minayo (orgs). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; pp. 25-35.
- Veras, R.P. (1994). **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Vila Castelo Branco quer pontes. (1989, 19 de julho). [depoimento Hélio Rosolén]. **Diário do Povo**, Campinas, SP, Cidade: p. 4.

- Vilanova, Mercedes. Rememoración em la historia. In: **Historia, Antropologia y Fuentes Orales**. nº especial memória rerum. Barcelona, nº 30 año 2003, 39 época, 23-40.
- Von Simson, O.R.M. (1993) Folgado Carnavalesco, memória e identidade sócio-cultural. In: **Resgate** –Revista de Cultura; nº. 3; Campinas/SP, pp. 53-60.
- Von Simson, O.R.M. (1997). **Os desafios contemporâneos da historia oral**. Campinas: Área de publicações CMU/Unicamp.
- Von Simson, O. R. M. (2000). **O papel das instituições memória na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp**. Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação. Bragança Paulista: Autores Associados - Univ. S. Francisco.
- Von Simson, O.R.M. (2003). Memória e identidade sociocultural: reflexões sobre pesquisa, ética e compromisso. In: M.B PARK. **Memória, formação de patrimônios e educadores meio ambiente**. Campinas/SP: Mercado de Letras.
- Von Simson, O.R.M.. (2004a). **Roteiro didático** – Laboratório de história Oral (LAHO). [online]. Texto recuperado em 4 fevereiro de 2004, do Portal Centro de Memória da Unicamp (CMU): <http://www.unicamp.br/suarq/cmu/laho/roteiro.htm>.
- Von Simson, O.R.M. (2004b). O direito a memória familiar: história oral e educação não formal na periferia das grandes cidades. [on-line]. **Revista Comciencia**. Recuperado em 5 de outubro de 2005, no site UNICAMP: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/10.html>
- Von Sinsom, O.R.M. (2005a). Imagem e Memória. In: E.. SAMAIN. **O Fotográfico**. São Paulo: Ed. Hucitec/Ed. Senac; pp. 19-32.
- Von Sinsom, O.R.M. (2005b). **História Oral e educação não formal na reconstrução das memórias familiares dos jovens migrantes da periferia das grandes cidades**. Campinas/SP: UNICAMP/CNPq/FAPESP.
- Yassuda, M.S. (2002). **Memória e envelhecimento saudável**. In: V. de Freitas; F.A.X. Caçado; M.L. Gorzoni; A.L. Neri; L. Py e S.M. da Rocha. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. São Paulo: Guanabara Koogan; pp. 914-920.

ANEXOS

ANEXO 1

Denise Castanho Antunes, terapeuta ocupacional, funcionária da Prefeitura Municipal de Campinas, no Centro de Saúde Integração. Endereço para contato: Rua Capitão José de Souza, 118 apto. 101, Edf. Orosimbo Maia – Centro, Campinas. Cep: 13020-470. Tel: 3233-4563 (res.), 3229-9868 (com.) e 9614-8266. decantunes@hotmail.com.



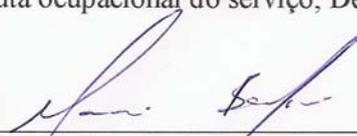
Denise Castanho Antunes
Cerfito/3: 6258/TO



Zula Garcia Giglio, com função de pesquisadora (TPCT) no Centro de Memória da Unicamp, situado na Rua Sérgio Buarque de Holanda, 800, Campus Universitário, tel: 32893441 e 97422935.

Profa. Dra. Zula Garcia Giglio (orientadora)

Eu, Dr. Maurício Bonifácio Barbosa de Oliveira, coordenador do Centro de Saúde Integração, estou ciente da pesquisa a realizar-se com memórias de idosos residentes na abrangência do Centro de Saúde Integração como parte de trabalho de mestrado da terapeuta ocupacional do serviço, Denise Castanho Antunes.



Maurício Bonifácio B. Oliveira
Médico
CRM 76.641

Dr. Maurício Bonifácio Barbosa de Oliveira

ANEXO 2



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

✉ Caixa Postal 6111, 13083-970 Campinas, SP

☎ (0_19) 3788-8936

FAX (0_19) 3788-8925

🌐 www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

✉ cep@fcm.unicamp.br

CEP, 15/03/05.
(Grupo III)

PARECER PROJETO: Nº 012/2005

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES DE GRUPOS COMUNITÁRIOS COMO FORMA DE FAVORECIMENTO DO ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Denise Castanho Antunes

INSTITUIÇÃO: Centro de Saúde Integração/Secretaria de Saúde/Prefeitura Municipal de Campinas

APRESENTAÇÃO AO CEP: 18/01/2005

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 15/03/06

II - OBJETIVOS

1. Descrever a memória associada a organizações comunitárias da região do Centro de Saúde Integração (CSI) para identificar as transições de necessidades individuais e grupais dos antigos moradores; 2. Verificar a relação da participação de grupos comunitários com o processo de envelhecimento bem-sucedido em diferentes segmentos comunitários em meia-idade, velhice e velhice avançada.

III - SUMÁRIO

O estudo é do tipo qualitativo e consiste em entrevistar mulheres que frequentam um Centro de Saúde da Cidade de Campinas, relacionadas aos Grupos Reviver e Giravida, e que idealizaram e atualmente coordenam os grupos e os idosos que deles se beneficiam. O estudo delimitará as integrantes femininas dos Grupos citados, em razão da história feminina de idealização dos grupos e/ou movimentos sociais e por constituírem a maioria (>90%) dos integrantes dos grupos. O tamanho amostral será determinado pelo critério de saturação das informações, sendo que a priori serão estudados 12 indivíduos. Critérios de inclusão e de interrupção do estudo estão bem definidos. A Metodologia e as condições em que o estudo será realizado estão adequadas.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

O protocolo está bem estruturado, não envolve riscos para os participantes. O Termo de Consentimento Formal Livre e Esclarecido é claro e está adequado aos propósitos do estudo. Os eventuais custos serão da responsabilidade da pesquisadora.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

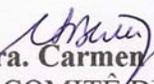
O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na III Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 15 de março de 2005.


Prof. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

ANEXO 3



FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

www.fcm.unicamp.br/pesquisa/etica/index.html

CEP, 28/04/06
(PARECER PROJETO 012/2005)

PARECER

I-IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: “MEMÓRIAS DAS TRANSFORMAÇÕES DE GRUPOS
COMUNITÁRIOS COMO FORMA DE FAVORECIMENTO DO
ENVELHECIMENTO BEM-SUCEDIDO”

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Denise Castanho Antunes

II - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP tomou ciência e aprovou a nova versão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, referente ao protocolo de pesquisa supracitado.

O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.


Prof. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP

Comitê de Ética em Pesquisa - UNICAMP
Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126
Caixa Postal 6111
13084-971 Campinas – SP

FONE (019) 3788-8936
FAX (019) 3788-7187
cep@fcm.unicamp.br

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada Sra. _____

Quero convidá-la para colaborar como entrevistada de um estudo que estou realizando sobre a participação de idosos em grupos comunitários, intitulado “Memórias das transições de grupos comunitários como forma de envelhecimento bem-sucedido”.

As entrevistas poderão realizar-se em local de sua preferência, a combinar, e serão gravadas em fita cassete, sendo depois passadas por escrito para sua revisão.

Esse estudo está ligado ao curso que faço na Unicamp e depois os resultados serão divulgados. Os registros fotográficos feitos, assim como os nomes das pessoas participantes serão utilizados para complementar a análise que o trabalho fará, preservando melhor a memória para as futuras gerações.

A Sra. terá, a qualquer hora, esclarecimento de quaisquer dúvidas acerca de assuntos relacionados com a pesquisa, bem como poderá deixar de participar dela a qualquer momento, sem nenhum prejuízo do seu tratamento nesta unidade. A sua participação é voluntária, não existindo nenhum pagamento e não implica em nenhuma despesa ou risco para a Sra.

Aceito participar desta pesquisa e autorizo publicação posterior de meu depoimento e das fotos em que eu aparecer.

Assine se concordar:

Nome ou

Responsável

Responsável: Denise Castanho Antunes

Terapeuta Ocupacional do Centro de Saúde Integração

Fone: 32229-9868 ou 3729-8332

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP

Fone-019 3788 8936

ANEXO 5

PROTOCOLO PARA AGENDAMENTO DE ENTREVISTA

Agendamento de reunião

Dia _____

Horário _____

Local: _____

Contando com sua valiosa colaboração, subscrevo –me,

Denise Castanho Antunes
Tel: (19) 3229-9868

ANEXO 6

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA DO PERFIL SÓCIO-OCUPACIONAL DOS DEPOENTES

Nome:

Apelido:

Idade:

Data de nascimento:

Sexo: F () M ()

Naturalidade:

Estado civil:

Religião:

Endereço:

Bairro:

Tel:

Escolaridade:

O sra frequentou escola? Até que ano estudou?

Analfabeto	
Sabe ler/escrever ou primário incompleto	
Primário completo/ginásio incompleto	
Ginásio completo/colegial incompleto	
Colegial completo/curso superior incompleto	
Superior completo	

A senhora cursou algum curso profissionalizante? Quais?

Atividade profissional principal:

A senhora exerceu algum trabalho remunerado? Qual profissão o sra. considera como a principal em sua vida?

Ocupação atual:

O sra. exerce essa profissão atualmente? () Sim () Não

O sra. ganha dinheiro com algum trabalho atualmente? () Sim () Não. Qual?

Renda e satisfação com renda:

O sra. recebe atualmente (múltipla escolha):

Salário	R\$
Aposentadoria	R\$
Pensão	R\$
Renda mensal vitalícia	R\$
Aluguel	R\$
Atividades informais	R\$

Aplicação financeira	R\$
Recebe ajuda em dinheiro ou espécie	R\$

A sua situação econômica satisfaz suas necessidades básicas como alimentação, moradia, saúde? Como a sra. considera essa situação?

Muito boa	
Boa	
Mais ou menos	
Mal	
Muito mal	

Condições de moradia:

A sua moradia é:

Própria, do entrevistado ou cônjuge	
Própria, de familiares que moram junto	
Alugada	
Cedida	
Outra condição. Especificar _____	

Tempo de moradia no Bairro:

Quais os bairros anteriores que a sra. morou?

Arranjo doméstico

Mora só? S () N ()

Com quem mora (nome, grau de parentesco):

Condições de Saúde – Saúde Percebida

A sra. apresenta alguma dificuldade para realizar suas Atividades de Vida Diária (AVDs)?

S () N ()? Quais?

A sra. sente alguma limitação? Qual?

Rede de suporte social e lazer:

Participa de alguma atividade na comunidade? S () N ()

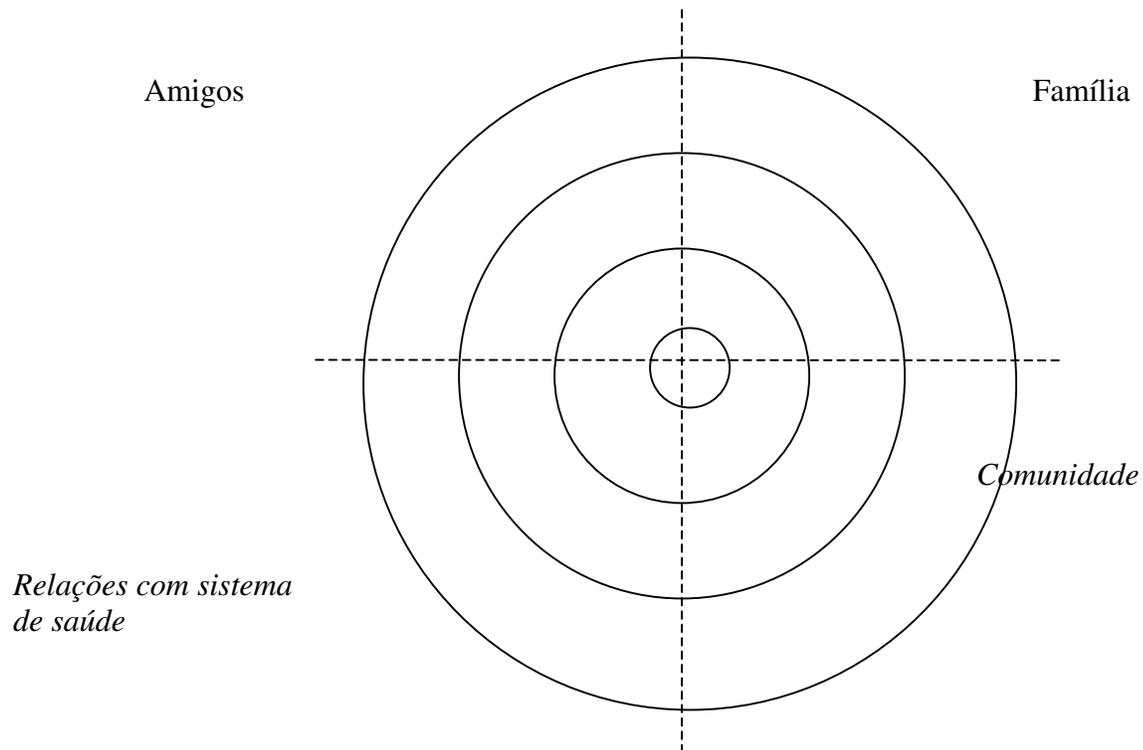
Quais atividades o (a) sr (a) realiza? Com que frequência?

Participa de atividades religiosas? S () N () Qual?

Participa de alguma associação? S () N () Qual?

Mínimo de Relações¹⁷:

- Proximidade de relacionamento:



Se Precisar de algum auxílio, qual a primeira pessoa a que a sra. recorreria?

Na comunidade (vizinhos, amigos, grupos) a sra. recebe algum tipo de auxílio ?

¹⁷ Sluzki CE (2003).

ANEXO 7

INVENTÁRIO DE GERATIVIDADE (NERI, 2004)

Para cada afirmação, escolha o número que melhor representa o seu modo de pensar sobre si mesmo e **faça um X** em cima do número no quadrinho correspondente. Assim:

1= representa pouquíssimo; 2= representa pouco; 3= representa mais ou menos; 4= representa muito; 5= representa muitíssimo

		1 Pouquis	2 Pouco	3 Mais	4 Muito	5 Muitis
--	--	--------------	------------	-----------	------------	-------------

		símo		ou Menos		símo
1	Os outros dizem que eu sou uma pessoa muito produtiva					
2	Eu sinto que minha vida tem sido um processo contínuo de aprendizagem, mudança e crescimento.					
3	À medida em que o tempo passa eu acho que estou melhorando cada vez mais como pessoa					
4	Eu sinto que tenho obrigação de passar adiante a minha experiência e os meus conhecimentos					
5	Eu sinto que tenho influenciado a vida de várias pessoas					
6	Eu tenho vivenciado relações calorosas e sinceras com os outros					
7	Eu acho que a sociedade é responsável pelo destino das pessoas carentes					
8	Às vezes eu tenho a impressão que já fiz tudo que tinha que fazer na vida					
9	Eu penso que as pessoas que se preocupam com a salvação de espécies em extinção ou com a preservação de documentos de prédios antigos dedicam-se a essas atividades porque não têm nada mais importante a fazer na vida					
10	Sinto-me necessário (a) para várias pessoas					
11	Eu sei que posso confiar em meus amigos e eles sabem que podem confiar em mim					
12	Eu acho que quando eu for bem velho vou me recolher à vida privada, pois não terei mais compromisso de produzir para sociedade					
13	Muita gente me procura para pedir orientação e conselhos					
14	Acho importante ter novas experiências porque elas me fazem pensar sobre mim mesmo (a) e ajudam a compreender melhor os fatos da vida					
15	As pessoas dizem que eu tenho feito contribuições criativas à sociedade					
16	Eu gosto de me envolver com novos projetos e idéias					
17	Depois de morrer gostaria de ser lembrado pelas minhas ações e contribuições à sociedade					
18	Os outros me descrevem como uma pessoa generosa, pronta a compartilhar meu tempo com os outros					
19	Eu gosto de fazer planos para o futuro e de trabalhar para conseguir alcançá-los					
20	Eu acho que ensinar é uma das coisas mais linda que existem					

ANEXO 8

**PRÉVIO ROTEIRO PARA OS DEPOIMENTOS ORAIS DAS
ENTREVISTADAS**

1. Quem é (nome.....)?
2. Quais as características que a senhora reconhece em si que são semelhantes às de seus pais?
3. O que levou a senhora participar dos grupos da comunidade?
4. Como é sua participação nestes grupos?
5. O que a senhora espera deixar para as futuras gerações?

ANEXO 9

PRÉVIO ROTEIRO PARA DEPOIMENTOS ORAIS DOS ENTREVISTADOS

1. Quem é (nome.....)?
2. Quais as características que o senhor reconhece em si que são semelhantes às de seus pais?

3. O que levou o senhor a participar do grupo?
4. Como é sua participação no grupo?
5. Como é estar ao lado de mulheres? O senhor acha que há abertura para homens entrem no grupo? Porque eles não chegam?
6. O que a senhor espera deixar para as futuras gerações?